

EXCELSIOR

Cristianismo e Progresso



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

Felipe Senillosa

EXCELSIOR - CRISTIANISMO E PROGRESSO

Felipe Senillosa (1838 - 1906)

Original em espanhol, de 1897:

Excelsior – Cristianismo y Progreso

Tradução: Teresa da Espanha

Compilação: Salvador Martín

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2020

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



EXCELSIOR
CRISTIANISMO E
PROGRESSO

POR

FELIPE SENILLOSA

*“Nós somos vermes, nascidos
para formar a borboleta angelical.”*

Dante Alighieri

I^a EDIÇÃO
1897

ÍNDICE

Biografia de Felipe Senillosa — pág. 8

Introdução — pág. 21

Capítulo I - A Fé e a humanidade — pág. 25

A crença em um Ser Supremo é inata no coração humano – No fundo, todas as religiões tendem ao Monoteísmo – O catolicismo não pode deter a incredulidade, porque alterando o cristianismo perdeu seu prestígio e valor

Capítulo II – Positivismo Científico — pág. 42

A ciência positivista e o materialismo – As doutrinas de Herbert Spencer – Sem liberdade não pode existir moral – O método experimental leva à descoberta de uma verdade contrária àquela que se persegue

Capítulo III – A Questão Social — pág. 52

O sentimento religioso e o socialismo – As convulsões sociais não impedem a marcha do progresso – Eventos passados podem facilitar o conhecimento do futuro – Difusão das ideias socialistas e evolução do catolicismo para dominar a situação

Capítulo IV – **O progresso** — pág. 63

Breve exposição da sua marcha contínua e geral – A história mostra que nunca se detém definitivamente e que, apesar das convulsões sociais que nos ameaçam, não se deterá – Missão reservada à ciência

Capítulo V – **Existência de um potencial** — pág. 81

Progressos científicos – Constatação científica de um potencial desconhecido – Potencial funcional e potencial intelectual – Fluidos nêurico, magnético e psíquico – Experiências do Dr. Baraduc e De Rochas – Hipnotismo e magnetismo

Capítulo VI – **A Alma** — pág. 96

A existência da alma revelada pela ciência – Fenômenos da anestesia e do sonambulismo Teses de Buchner - Impossibilidade da fisiologia para explicar tudo pelo movimento da matéria – A vivisseccção – A razão deve substituir o método experimental quando este é inaplicável

Capítulo VII – **Livre arbítrio** — pág. 119

Relação entre o físico e o moral – Teses de Lombroso – O que suas estatísticas nos ensinam – Assimetrias e homens célebres – O sentimento de responsabilidade

Capítulo VIII – **O potencial espiritual** — pág. 133

Desigualdades das faculdades do potencial espiritual – Quais seriam as causas dessas diferenças – Sobrevivência do potencial espiritual ao funcional – Como ela é demonstrada - Taine, Dugald, Stewart e as alucinações – Provas científicas em contra – Exemplos históricos de fenômenos psíquicos e telepáticos – Exteriorização – A alma e a ciência

Capítulo IX – **A alma e o progresso** — pág. 153

Correlação entre a sobrevivência do potencial espiritual e o caminho do progresso – O que Pitágoras, Platão, Ovídio, Virgílio, Apolônio, Giordano Bruno, Lacordaire, Mazzini, Reynaud pensaram a esse respeito – Jesus – Conclusões

Capítulo X – **Continuidade da vida espiritual** — pág. 164

Palavras de Santo Agostinho – Objeções – Argumentos racionais e fatos positivos e materiais – Tese da Graça – Parábola dos talentos – Palavras de Jesus a Nicodemos – Sua análise – São Jerônimo e a eternidade dos castigos – Faculdades originais do potencial intelectual – Exemplos – Consequências e deduções – Evolução progressiva de tudo o que existe – O esquecimento do passado

Capítulo XI – **Fé e progresso** — pág. 186

A razão, a ciência e a verdade – O catolicismo de hoje – Mundo físico e mundo moral – Palavras de José de Maistre – Religião e Ciência

Capítulo XII – **Evolução** — pág. 196

A marcha da humanidade – Papel do cristianismo – A nova ciência – O espiritual é positivo – Cruzada do século XX – A fraternidade – Excelsior!



Felipe Bonifácio Senillosa Botet
(1838 – 1906)

BIOGRAFIA DE FELIPE SENILLOSA

Felipe Bonifácio Senillosa Botet. 14 Maio 1838, Buenos Aires — 6 Outubro 1906, Barcelona.

Para conhecer bem o Felipe Senillosa filho, é inevitável dedicar algumas linhas à biografia singular de um homem do portento do Felipe Senillosa pai; aquele ditado “de tal vara, tal lasca”, é aplicado singularmente nesses dois Felipe Senillosa. Sobre o pai, famoso e reconhecido nos últimos dois séculos, muito foi escrito; sobre o filho, muito menos do que ele merece, mas com o passar dos anos e o progresso do Espiritismo, a lasca mais do que provavelmente irá eclipsar a vara.

FELIPE SENILLOSA (PAI)

Militar, matemático, engenheiro, político, educador, geógrafo, autor de várias obras científicas. Nasceu em 26 de maio de 1790 em Barcelona (algumas fontes referem em Tarragona e outras em Castellón de la Plana), e seu nome completo era Felipe

Fernando Mariano Pujol de Senillosa Ardebol, dos quais sempre usou o primeiro. Em 1800, com apenas dez anos, é cadete do Regimento de Cavalaria. Aos dezoito anos, em uma batalha contra os franceses, é admirado pelo capitão-general Palafox ao ver reunidos em tão tenra idade a coragem e o conhecimento. No relatório daquele assédio, é mencionado um jovem oficial, cujo corajoso impulso conteve a propagação do terror que se apossara dos defensores de Zaragoza, e ele não era outro senão o oficial Senillosa.

Após muitas peripécias da vida, sua residência seria finalmente em Buenos Aires, onde destacou em vários aspectos. Senillosa é o conselheiro técnico de quantas missões úteis são estabelecidas no país para executar obras em benefício da comunidade. Publica em 1817 uma Gramática Espanhola; redige um Relatório sobre pesos e medidas; contribui para especificar as atribuições do Ministério dos Pobres e Menores; projeta e dirige várias construções públicas, sem remuneração de qualquer espécie, estimulado apenas por seu profundo desejo de ser útil à sociedade.

Faleceu em Buenos Aires, em 20 de abril de 1858, sendo seus filhos Elvira, Carolina, Felipe e Pastor.

O SENILLOSA LATIFUNDIÁRIO

Os irmãos Senillosa herdaram do pai uma grande fortuna, eram membros muito ativos da Sociedade Rural e ocuparam posições de destaque nessa instituição de latifundiários modernizadores. Felipe Senillosa alcançaria a vice-presidência e sempre se mostrou mais inclinado do que seu irmão Pastor a

conseguir a modernização rural.

O jornal rural *La Agricultura* descrevia Felipe como um dos fazendeiros e criadores de gado mais progressistas, inimigo por suas convicções do empirismo e da rotina, inovador por natureza, sempre desejando obter o melhor do melhor, buscando conforto e rejeitando o luxo “estéril”.

O importante patrimônio de Felipe Senillosa permitiu a ele negligenciar sua fortuna nas duas últimas décadas de sua existência para se dedicar, como veremos mais à frente, ao Espiritismo e a tentar melhorar a sociedade. A vida do filho mais velho do engenheiro Senillosa era singular por seu interesse em perseguir objetivos públicos ou privados muito excepcionais no mundo dos negócios argentino.

Felipe Senillosa herdou um profundo interesse pelo Espiritismo, considerando-o uma disciplina estritamente científica que deveria deslocar uma Igreja Católica obscurantista e reacionária.

Em 1883, Felipe Senillosa realizou uma longa turnê pela Europa, como peregrinação em busca de saúde para sua filha, cuja doença ninguém conseguia curar. O corpo de sua pequena filha de 7 anos não estava alcançando desenvolvimento natural, ficando estacionado, embora sem sentir qualquer dor ou desconforto físico ou moral.

Ele presenciou materializações de espíritos na França e na Inglaterra. Em cada sessão, redigia um relatório, com descrição completa e pormenorizada do que estava vendo.

Na Argentina, entrou em contato com Cosme Mariño e em uma sessão os espíritos curaram sua filha Blanca Pastora Senillosa.

Após dois ou três anos, a menina se desenvolvia com a

normalidade de qualquer outra menina da sua idade e, aos 14 anos, já era uma mulher bem plantada e bem formada, não restando vestígios de sua deformidade anterior.

Senillosa tornou-se um palestrante espírita de primeira categoria, um homem ilustrado e com certa inclinação natural para os estudos científicos. Tornou-se um dos pilares do movimento espírita argentino, em diversas áreas, tanto em experimentação, quanto em divulgação, administração, etc. Homem de fortuna, fazia caridade de maneira sábia e discreta, sempre procurando que o favor que fazia frutificasse para o bem dos beneficiários.

Foi vice-presidente da Sociedad Constancia por muitos anos e seu espírito perseverante preenchia com notável sucesso e satisfação geral todos os deveres que ele se impunha voluntariamente, sempre tendo em vista o progresso da causa.

Na Sociedad Constancia promoveu a divulgação do Espiritismo através do fenômeno mediúnico e, além de algum médium de características muito notáveis da Sociedade, convidaram o famoso médium Slade, que deu muitas provas de sua mediunidade a todos aqueles que assistiram às sessões, entre as pessoas de todas as áreas que a Sociedad Constancia convidava.

No ano de 1900, ocorreu Congresso Espírita Internacional, presidido por León Denis, a quem eles participaram em nome Confederação Espírita Argentina os espíritas Felipe Senillosa e Alejo Syreisol.

Em 6 de outubro de 1906, desencarnava em Barcelona, aos 58 anos de idade.

O ilustre e conseqüente espírita Felipe Senillosa voltou para casa, com a honra e a glória de ter sido um dos grandes caudilhos Da causa do Espiritismo, que prestigiou e propagou, entregando

seus talentos intelectuais e suas virtudes, sendo bem conhecido seu trabalho altruísta, sua generosidade e nobreza de sentimentos.

Um rico que entrava no reino dos céus, uma exceção a esta regra: E Jesus disse aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil para um rico entrar no reino dos céus. Quando cruzamos o limiar, por muitos bens ou dinheiro que conquistamos, nem o menor deles nos acompanha, absolutamente tudo fica aqui, e os únicos tesouros que levamos são aqueles relacionados aos auxílios e bens distribuídos. O afortunado Senillosa no berço, também o foi no túmulo, pois partia rico de bens espirituais. Doutorado na prova da riqueza, deixou na Terra sua obra e exemplo. E os bens materiais foram deixados para seus descendentes: para sua filha Pastora Blanca, a maior parte do seu patrimônio, onde se destacavam os 9.000 hectares da fazenda El Venado; para sua filha Sofía, casada com um nobre francês, o barão de Jessé Levas, ele deixou suas terras em Ayacucho, que na época chegavam a 7.000 hectares.

AMALIA SOLER E SENILLOSA

Amalia dedicou a ele vários poemas, e ao pé de um deles diz a própria Amalia: esses versos foram escritos quando a Escola Dominical Espírita foi fundada em Barcelona, cujo iniciador foi Senillosa, que escreveu dois livros admiráveis para o ensino dos alunos, e não se contentando com a Escola Dominical, fundou a Escola Noturna, a qual sustentou até seu desencarne, que ocorreu em 6 de outubro de 1906.

Com o desaparecimento de Senillosa, os operários perdem uma escola onde encontravam pão para a alma em um ensino

muito prático posto ao alcance de suas inteligências, pela competente professora Dolores Zea de Torrubia, que tem um modo especial de se fazer entender, conquistando o carinho dos discípulos, obtendo deles o que se pretende: que em pouco tempo eles aprendam muito.

O amplo salão do Centro La Buena Nueva, sua biblioteca e secretaria, eram locais insuficientes para conter o grande número de operárias e operários que vinham à noite para receber as primeiras noções do ensino. Que lindo e animado quadro, aquele grande salão apresentava então! Quantas jovens, alegres e sorridentes, pareciam borboletas esvoaçando em torno à luz da ciência! Quantos rapazes entusiasmados escrevendo seus primeiros garranchos! Quanta vida, quanta animação! Quanto movimento imprimia à inteligência, a vontade de um homem entusiasta da ciência e da verdade! E em breves momentos, que triste mudança!

Senillosa! O homem que viveu dedicado à ciência, que gastou toda a sua energia estudando, investigando, perguntando aos Espíritos sobre a vida do Além, lutando com uma doença crônica que o consumia lentamente; de repente, sua doença piorou, suas dores aumentaram e deixando seu invólucro em completa decomposição, seu Espírito ascendia para tomar posse de suas terras do infinito, terras férteis cultivadas com suas boas obras, porque Senillosa, homem impressionável, amou muito os pobres e as crianças. Quando via uma criança anêmica, ele imediatamente se interessava e perguntava como vivia, quanto ganhava e, durante uma temporada, dava à criança o salário que a menina ou menino ganhava, dizendo: "Não trabalhe, descanse, recupere forças".

O vazio que Senillosa deixa levará muito tempo para ser

preenchido, porque era um homem muito valioso, muito mais do que ele próprio deixava entrever, porque, não sei se por desenganos ou pela especialidade de seu caráter, ele era muito reservado, não se esbanjava, fugia de exposições, ficava muito contrariado quando forçado a presidir uma reunião; quando ele se expandia, quando se mostrava comunicativo, era nas sessões espíritas, mas em sessões de estudo, das quais participavam apenas quatro ou cinco pessoas.

Então Senillosa transfigurava-se, em seu rosto refletia-se o contentamento, abria um pequeno caderno onde trazia várias perguntas escritas e iniciava seu diálogo com o Espírito que se comunicava através de uma boa médium.

Aí então era quando Senillosa crescia, ele era de corpo médio, mas transformava-se em um gigante; sua ampla testa iluminava-se, as asas de seu pensamento expandiam-se, e confesso ingenuamente que eu curtia tanto aqueles momentos, que nem posso expressar o quanto. Tive um trato muito próximo com Manuel Ausó e com Fernández Colavida, verdadeiros colossos do Espiritismo por sua profunda sabedoria, por sua compreensão claríssima, por sua razão perfeitamente equilibrada, mas, ao lado de Senillosa, parecia-me, ao recordar, que aqueles dois sábios eram umas pequeninas crianças, e Senillosa um Espírito superior que não pertencia a este mundo. Acredito que Senillosa viveu aqui sem viver, aqui ele sentia falta de ar, falta do meio que sua inteligência maravilhosa precisava, a vida daqui não era a sua vida, pois ele não curtia o que nós outros curtimos. Ele apenas no seio da intimidade se apresentava tal qual era; aí, como ele falava bem, como ele discutia com o Espírito, que diálogos interessantes entre o homem sábio daqui e o homem sábio de lá! Jamais esquecerei aquelas sessões íntimas; quando terminavam, eu não

sabia ao certo se estava na Terra ou no Espaço.

Senillosa merece que um bom cronista escreva longamente sobre sua vida, em grande parte consagrada ao bem da humanidade; neste momento, só posso dedicar-lhe uma lembrança de admiração e gratidão. O egoísmo humano toma conta do meu ser, e sinto sua ausência (que realmente não deveria sentir), porque aqui Senillosa não vivia, este não era o seu mundo e agora ele já está em sua pátria, Espíritos de luz devem cercá-lo e dar-lhe as boas vindas, mas... aqui ele faz tanta falta!

Adeus, Senillosa; adeus Espírito de outro mundo melhor; tua condena terminou, esqueço por um momento meu egoísmo e abençoo a hora da tua liberdade, mas ai, quão logo você foi embora!...

Seu túmulo foi colocado junto ao de Felipe de Senillosa no cemitério de Montjuic e muito próximo ao de Fernández Colavida. Mais tarde, com a melhora do túmulo, ele seria transferido para um local também próximo, mas não ao lado de Senillosa, encontrando-se agora o túmulo de Amalia no mesmo cemitério, na via de São Carlos, número 35.

POEMA DEDICADO PARA FELIPE SENILLOSA

*Quando a dor nos assedia
pouco podemos dizer
só pensamos em gemer
com ansiedade dolorida.*

*Hoje de uma alma generosa
lamentamos a viagem,
só levando por bagagem
um merecido renome,*

*e é justo que a um grande homem
seja feita uma homenagem.*

*Era uma alma, o Senillosa
serena e equilibrada,
refletindo seu olhar
uma vida poderosa;
com atividade incrível
ocupado em pesquisar,
investigar e analisar,
eu afirmo em meu sentir,
que se era bom no falar,
era melhor no calar.*

*Falei com ele bem pouco,
mas uma coisa entendi,
Não era habitante daqui.
Por que ele veio? Eu não sei,
talvez foi por punição:
sua muita sabedoria
e amarga melancolia,
talvez ele visse em sonhos,
horizontes mais risonhos
e sóis de maior valia.*

*Não sei por que, ao olhá-lo,
eu dizia: quem será?
Que culpa pagará aqui?
É um sábio e admirá-lo
nós devemos, e sentindo
grande, profundo respeito;
ele não perde um segundo
perguntando à ciência,
se Deus em sua onipotência
deu vida a este nosso mundo.*

*A este mundo? Eu digo mal,
aos mundos que palpitam
no éter e que se agitam
pela lei universal.*

*A vida terá um final?
Poderão as humanidades
ir descobrindo verdades,
perguntando eternamente
se a causa inteligente
é a alma das idades?*

*Isso e muito mais pensava
contemplando o Senillosa
cuja atividade assombrosa
invejava e admirava.*

*No pouco que ele falou
Muita coisa eu aprendi;
Definições escutei,
que jamais esquecerei.
Por que tão cedo se foi?
Mas não se foi, vive em mim.*

*Eu o sinto ao meu redor,
Eu o ouço sem ele falar
e ele veio preencher
em minha vida um vazio;
não é loucura ou desvio,
de conturbada razão,
pois bate o meu coração
por um morto que está vivo:
Livre está quem foi cativo
não mais geme na opressão.*

*Gênio, diz-me de lá,
que culpa ontem cometeste,*

*diz qual o mau passo que deste
que te fez descer aqui.*

*Sempre acreditei que em ti
havia um mistério profundo,
que teu talento fecundo
tinha dado ótimos frutos,
rendendo-te seus tributos
os homens de mundo em mundo.*

*Terminou já a tua expiação?
E já no templo da glória,
foi apagada em tua história
a marca da rebelião?*

*Oh! Sim; da tua redenção
tenho tanta segurança,
vejo-te na imensidade
em busca da evolução,
interpretando de Deus
a sua suprema vontade!*

Amalia Domingos Soler
O alvorecer da Verdade

BIBLIOGRAFIA

Excelsior - Cristianismo e Progresso.

Primeira edição de 1897. Através da história, a ciência e os fatos, Senillosa tenta unificar essa realidade, também fruto de seus estudos e observações, a efeitos do progresso, em uma filosofia consequente, cada vez mais próxima da investigação científica. E esta, ou seja, a pesquisa científica, está cada vez mais próxima do espiritismo, e nos levará a uma moral que literalmente diz: que

não pode ser outra que não seja o cristianismo, sendo ele a expressão mais pura da democracia.

Concordância do Espiritismo com a Ciência

O livro de Senillosa *Concordância do Espiritismo com a Ciência* teve grande ressonância no mundo científico. *Concordância do Espiritismo com a ciência*, com dois volumes de 312 e 251 páginas, além da edição argentina (em 1891, pelo Sr. Biedma), foi reeditada na Espanha 2ª edição, Juan Torrents y Coral, San Martín de Provensals (Barcelona), 1904.

Textos de Ensino dominical e de leitura para escolas seculares

Segundo uma outra edição, aparece com o título: *Livro de Moral para uso das escolas dominicais*.

Em fevereiro de 1902, o Sr. Felipe Senillosa publicou este texto de moral baseado no ensino espírita e cristão, para que pudesse servir de matéria de estudo nos centros espíritas e nas escolas dominicais seculares. Publicado pela Editorial Carbonell y Esteva em Barcelona, e outra edição pela Editorial Torrents, Barcelona. É possivelmente o melhor material em espanhol para dar aulas aos filhos dos espíritas, e foi com esse objetivo que Senillosa o publicou, expressamente destinado às escolas criadas para os filhos dos espíritas.

A Verdade do Evangelho - Eficácia do Cristianismo em favor da Civilização.

No final de 1903, o Sr. Felipe Senillosa deu a prelo este panfleto onde transcrevia, como epílogo de seus escritos publicados em Constância, a opinião de grandes pensadores sobre a matéria. Contém fundamentalmente os ensinamentos dos

Evangelhos explicados à luz dos conhecimentos do Espiritismo.

Biografia Completa de Felipe Senillosa

Portal Curso Espírita

Salvador Martín

Ex-Presidente Federación Espírita Española

São Paulo 25 de junho de 2020

INTRODUÇÃO

Chegamos a um período de progresso em que a ciência e a observação são a base exclusiva das investigações da verdade.

À medida que as névoas se dissipam, a humanidade sente-se impelida a olhar bem à sua frente, para reconhecer o que a luz consegue, pouco a pouco, destacar.

No que é visto, acredita-se; e no que ainda está velado ou confuso, ainda não se acredita, mas investiga-se para descobrir o que é.

Certamente não é possível determinar *a priori* tudo o que ainda resta por conhecer e, portanto, o homem não deve mais admitir o imaginário, o metafísico, como verdade comprovada, porque isto fica reservado à ciência.

Luz, mais luz! Este é o supremo anseio. Luz para descobrir o que as trevas ocultam; luz que, projetando seus raios o mais longe possível, ilumine horizontes desconhecidos.

Todas as hipóteses podem ser admitidas, mas o sábio considera seu dever submetê-las todas à análise, para aceitar as realmente eficazes e descartar as errôneas ou falsas. É melhor não acreditar em nada do que acreditar cegamente. A fé não se fundamenta mais no absurdo "*quia absurdum credo*", mas baseia-

se no fato, real e constatado.

A razão por si só não é suficiente, porque a razão é limitada e individualmente desigual. O positivismo é a base da verdade: quando é insuficiente para torná-la conhecida, ele nos salva de cair no erro.

Se deduzirmos a doutrina, ou a consequência lógica, dos fenômenos revelados pela experiência não correremos o risco de criar uma filosofia que forme uma escola apenas para um número limitado de adeptos, mas chegaremos, lentamente porém de maneira segura, à filosofia universal.

História e ciência constituem os laços que unem o passado ao futuro; o presente é um efeito de causas anteriores, e é causa, ao mesmo tempo, de efeitos futuros.

Não apresentamos hipóteses, não propomos problemas; simplesmente contamos fatos reais e neles baseamos nossas observações: não pretendemos ensinar nada, absolutamente nada novo, mas o que apresentaremos será bem definido e trará o selo da verdade. Nosso único motivo é contribuir para o progresso dissipando, na medida de nossas forças, o erro que o obstaculiza.

História e ciência, eis os nossos guias. A realidade é evidenciada por fatos e não por dissertações fúteis.

Apresentamos cenas passadas, analisamos fatos atuais, deduzimos efeitos lógicos de causas evidentes.

A verdade brilha mais pura à medida que os séculos passam, porque no tempo está o progresso e o progresso é luz e a luz é verdade.

Não pretendemos ser sábios, nem ansiamos por renome ou glória. Também não é nossa mente fazer literatura; publicamos com simplicidade e com sã intenção o resultado de nossos estudos, levados a uma área em que a atenção humana deve

necessariamente estar concentrada, para acompanhar sua evolução progressiva.

Não escrevemos para simples diversão do leitor, porque no momento crítico que a humanidade atravessa, é necessário falar claramente, e faremos isso sem nos preocuparmos daqueles que possam desconhecer os motivos leais que guiam nossa pena.

Nós amamos os homens, nossos irmãos; damos a eles o que podemos dar de boa fé e com base em fatos históricos e científicos; desejamos cumprir o dever que a lei da solidariedade nos impõe.

Avante! A meta ainda está longe, muito longe, mas vamos caminhando em direção a ela, e para irmos mais leves, tentemos nos livrar da bagagem inútil e prejudicial de superstições absurdas e crenças infundadas.

Apresentamos ao leitor os eventos mais culminantes do passado, para deduzir da filosofia da história o que no futuro nos espera.

Estudamos as religiões, as comparamos e descobrimos que todas elas têm um fundo de verdade, mais ou menos desfigurado, de acordo com o relativo atraso dos povos.

Demonstramos que tudo revela que o progresso não se detém e é feito tanto no material quanto no intelectual e moral.

Demonstramos que o conceito que envolve a palavra "incognoscível" não tem razão de ser e que os fenômenos considerados sobrenaturais já vão ficando sujeitos a pesquisas científicas.

Demonstramos, por último, que a ciência, até recentemente materialista, nos levará ao espiritismo, fundando assim a religião do futuro, cuja moralidade não pode ser outra além do cristianismo.

E o cristianismo é a expressão mais pura da democracia.

Felipe Senillosa
Buenos Aires, Maio de 1897

CAPÍTULO I

A fé e a humanidade

*A inteligência humana é a
revelação da inteligência divina.*

Cícero

Para fazer um verdadeiro resumo da evolução religiosa, somos, em primeiro lugar, obrigados a lembrar que a cronologia e a teologia bíblica, se nos ativermos literalmente ao texto, são completamente falsas em suas afirmações. A primeira atribui ao homem cerca de seis mil anos de existência e a segunda atribui a ele uma religião primitiva, revelada por Deus no paraíso terreno; mas a geologia nos mostra que o surgimento do homem na Terra remonta a mais de duzentos mil anos; e o estudo da Antiguidade revela que sua primeira crença é reduzida ao animismo, naturalismo e fetichismo. A observação do que acontece, mesmo entre as tribos mais atrasadas da África e da Oceania, evidência a verdade dessa afirmação.

Os homens primitivos, não sendo capazes ainda de perceber

os fenômenos da natureza, animaram ou animalizaram todas as suas manifestações: árvores, pedras, rios, sol, estrelas, ventos, nuvens etc., foram individualizados. Isso é prova de que a crença em algo intangível e invisível, mas causa primeira de toda existência, é tão antiga quanto a criatura humana.

A vida da humanidade em seus primeiros passos pode ser comparada à da criança; se ela ao correr tropeça, seu primeiro impulso é punir o objeto que considera a causa do incidente, atribuindo-lhe uma intenção, mesmo que seja uma pedra; se a chuva interrompe seus jogos inocentes, ela lança-lhe o apóstrofo de má, como se fosse capaz de entendê-la. O selvagem de todos os tempos procede como a criança, vê nos fenômenos atmosféricos, no rugido do raio, na buliçosa cascata, na erupção vulcânica, a presença de seres invisíveis e lhes empresta vida e ações voluntárias.

Esses mesmos fenômenos e cataclismos da natureza, inspirando-lhe terror, sugeriram a ele a ideia de aplacar sua cólera, já implorando, já por sacrifícios bárbaros. E, sendo a causa desconhecida, o homem sentiu a necessidade de lhe dar uma forma tangível, originando assim o fetichismo: o objeto material mais insignificante veio a ser a residência de um poder desconhecido.

Todas as religiões, mais ou menos, caíram posteriormente no mesmo erro, ou melhor, admitiram o símbolo de um objeto qualquer, como mansão da divindade.

Considerando que o que foi dito é prova suficiente de que o homem primitivo acreditava em poderes sobrenaturais, voltaremos a nos ocupar das primeiras civilizações de que temos notícia, isto é, a dos caldeus nas margens do Eufrates e a dos egípcios nos vales do Nilo, cerca de sete mil anos antes da nossa

era.

As religiões desses dois povos tão antigos são quase idênticas e ambas, como é o caso da doutrina védica, do brahmanismo e das doutrinas de Lao-Tsé na China, de Buda na Índia, de Zoroastro na Pérsia, de Moisés entre os israelitas, apesar de aparentarem uma grande diferença, no fundo, todas convergem para o monoteísmo, não sendo o politeísmo nada além da subdivisão do Ser Supremo, um, eterno e inacessível, primeiramente em uma tríade e sucessivamente em uma multiplicação progressiva de divindades secundárias, que nada mais são do que a personificação de todos os seus atributos divinos.

Em termos gerais, relataremos qual era a religião do Egito, quando foi invadida pelos persas seis séculos antes da era cristã.

Como dissemos, a civilização egípcia já contava setenta séculos de existência no início do domínio estrangeiro. Não falaremos de sua constituição política que, como se sabe, assumia a forma de uma monarquia absoluta de direito divino e concedia títulos e honras divinas a seus Faraós; resumiremos tudo o que foi escrito por inúmeros historiadores sobre a religião dos egípcios, nas seguintes palavras de Heródoto: os habitantes de Tebas reconhecem um Deus único que, sem que tivesse princípio, não deve ter fim. Deus, diz um texto sagrado, é o único gerador no céu e na terra e não é gerado... Ele é o único Deus vivo de fato, aquele que se gera a si mesmo, que existe desde o princípio, que fez tudo e não foi feito.

Como se vê, o princípio fundamental é o monoteísmo; mas os egípcios, como os caldeus, os persas e os hindus, queriam avançar mais na definição e no conhecimento do Ser Supremo e o definiram assim: *Único em essência não é único em pessoa.*

Possuindo a faculdade de se reproduzir, ele produz em si mesmo outro si mesmo, sendo ao mesmo tempo, pai, mãe e filho.

A Tríade cria seus membros que são outros tantos deuses secundários, esses que nada mais são do que os diferentes atributos divinos, e de trindades em trindades produzem-se em novas personificações, assumindo novos nomes e figuras, acontecendo que, em cada grande cidade, era adorado alguma delas, conforme a preferência.

As divindades mais importantes eram: Ámon, na qual a força latente das causas ocultas era personificada; Amenhotep, personificação de todas as inteligências; Etah, o espírito da arte e da verdade; Osíris, o Deus bom e benfeitor.

Existiam, como dissemos, muitos outros deuses que viviam em boa harmonia, vindo a ser revelações distintas do Deus único e oculto em quem todos eles se penetravam e confundiam.

No que diz respeito à crença na imortalidade da alma, nenhum povo nos deixou uma mais clara e definida constância de quais fossem suas ideias e sua fé em questão tão transcendental. Os numerosos obeliscos, que ainda hoje se conservam em tão bom estado que parecem ser obras de ontem e não de centenas de séculos; os baixos relevos dos templos vetustos, nos revelam claramente com seus hieróglifos, suas inscrições, suas estátuas e pinturas que esse povo tão antigo não apenas tinha a convicção da sobrevivência da alma à matéria, como também acreditava em uma lei justa, de prêmios ou punições, de expiação e de progresso.

Os caldeus reconheciam um ser supremo, Ilhu, de quem o caos emanara, isto é, a *matéria* informe; a *vontade* de Deus havia separado os elementos do caos e a *luz* de Deus havia penetrado, animado e preservado tudo. Um só era o Ser, mas era subdividido em três potências que o constituíam: a matéria, Anes; o verbo, Bel;

a providência, Nuah. Esses três deuses, primeira manifestação da unidade eterna, desdobravam-se sucessivamente e, assim, Anna era o deus do céu, Ea da terra, Mulgé do abismo.

A crença na imortalidade da alma era absoluta e, como os egípcios, os caldeus admitiam o prêmio e o castigo do além-túmulo e elevavam seus reis falecidos à categoria de deuses, assim como os egípcios faziam com seus Faraós, o qual mostra que aquelas duas civilizações tão remotas eram quase uniformes.

Se fizermos essa breve revisão das religiões pertencentes à civilização mais antiga de que se tem notícia, foi para demonstrar que, embora politeístas na forma, a crença fundamental era monoteísta.

Não faremos, então, a história dos outros cultos; apenas lembraremos que o estudo cuidadoso de cada raça nos mostra que, embora todos os homens fossem inicialmente animistas e fetichistas, progredindo depois e se tornando povos e nações, eles criaram uma religião fundamentalmente idêntica.

Os gregos e romanos, com sua mitologia e numerosas divindades, são politeístas na aparência; assim, tanto na Grécia como em Roma, os deuses são a personificação das forças da natureza; do mesmo modo que os atenienses ergueram uma estátua ao deus Ignoto, os romanos, acima do próprio Júpiter, colocaram outro poder absoluto e desconhecido: o *Fatum* ou Destino.

Platão ensinou a acreditar em um Ser Supremo, único; e Cícero, ao entregar a garganta ao punhal dos sicários de Antônio, fez sua profissão de fé em um Poder Supremo: *causa causarum misere mei*. Causa de todas as causas, tenha piedade de mim! Foram suas últimas palavras.

Resumindo: todos os grandes pensadores, filósofos e

fundadores das religiões, apesar da diferença de época, raça e lugar, convergem para o mesmo centro. Lao-tsé e Confúcio na China, Buda na Índia, Zoroastro na Pérsia, Moisés entre os israelitas, Jesus na Palestina, São Paulo na Grécia e em Roma, Maomé entre os árabes, todos vêm proclamar o mesmo princípio: Existência e Unidade de Deus e imortalidade da alma.

Do mesmo modo que todas essas grandes personalidades confundiram-se em um único pensamento, assim confundem-se em um só todos os seres supremos que os diferentes povos da Terra adoraram; porque, embora seu nome variasse, o Ser Supremo, pai de todos os outros deuses, não era reconhecido como tal apenas por uma nação ou raça, mas era considerado como Soberano do universo.

O cristianismo em seus princípios nunca lidou com a Trindade; seu fundador, Jesus, disse aos homens que a moral que ele pregava a eles era a mesma que até então lhes fora ensinada por todos os profetas e enviados de Deus. Ele não vinha para destruir a lei, mas para cumpri-la; e com essas palavras ele não queria se referir apenas à lei mosaica, mas também à divina, lei de caridade e fraternidade universal. Era isso que Ele vinha realizar.

O Pai Celestial que está no céu é um, e tem as mesmas qualidades que Buda, Confúcio e Zoroastro atribuíram a ele.

O catolicismo fez com o cristianismo o que os sacerdotes de todas as religiões fizeram com as deles: quis analisar e definir Deus e o subdividiu em uma Trindade.

Como os caldeus, os egípcios e os hindus, os católicos personificaram os três primeiros atributos de Deus; e com eles aconteceu a mesma coisa que aconteceu com os sacerdotes de todas as religiões: eles se declararam intermediários oficiais entre a divindade e o homem; muitos de boa fé e muitos outros de má,

acreditavam na verdade absoluta de seu estado sacerdotal que os diferenciava do resto da humanidade, atribuindo a si mesmos autoridade e poderes na terra e no céu, sobre a vida, a morte e o destino além-túmulo.

Dogmatizaram, monopolizando a razão humana, que Deus concedeu a todos e declararam-se, por sua própria autoridade, representantes legítimos de Deus na Terra.

Concílios após concílios sucederam-se, correspondendo a cada um deles uma alteração da primeira doutrina cristã e a criação de ritos e liturgias, que aos poucos converteram o cristianismo puro e simples em uma religião complicada em suas definições e tão pomposa nas formas, que nada pode invejar-lhe o paganismo mais aberto.

No seio de uma religião que pregava a igualdade, emergiu uma casta sacerdotal que passou a personificar a divindade, isto é, a absorver para si todas as faculdades e poderes dela.

Teria sido impossível alterar todas as palavras de Jesus e é por isso que o catolicismo continuou a proclamar que todos os homens eram irmãos; mas, ao mesmo tempo, criava irmãos maiores, com atribuições e direitos ilimitados sobre todos os outros declarados menores, isto é, rebanho, classificados como tais pela sua própria autoridade.

Chegou-se mesmo a definir a substância e o pensamento do Deus eterno, oculto e infinito, sem querer entender ou aparentando não entender que, sendo os sacerdotes homens, como todos os outros mortais, e sendo eles também, por mais reunidos em conselhos que estivessem, seres criados imperfeitos, não poderiam possuir a sabedoria necessária para definir o Criador.

Mitologia, teologia! Não demorará muito sem que ambas

sejam classificadas por igual. E os milhares de volumes que os tomistas e escolásticos publicaram sobre os destinos do homem, a natureza de Deus, a trindade, o paraíso e o inferno permanecerão como um monumento perene da ignorância humana e do orgulho sacerdotal.

Reconhecemos, é bom declarar, que o catolicismo também tem boas quantias em seu crédito. A proclamação do princípio espiritual sobre o material, manejando armas espirituais contra o abuso da força material; os numerosos missionários que, levando a doutrina de Cristo, o evangelho, aos povos mais bárbaros e selvagens, pagaram com a própria vida a sua nobre ousadia; São Francisco de Assis, que na era mais sombria da Idade Média, em uma sociedade que gemia politicamente sob o jugo do senhor feudal e o da teocracia aristocrática mais pesado ainda, deixa seu rico lar e funda uma ordem religiosa, toda caridade e amor, reconhecendo um irmão em qualquer um que gemesse sob o peso do infortúnio ou da dor, sem distinção de casta ou religião, protesta contra o luxo excessivo dos altaneiros prelados, com seu tosco hábito e seus pés descalços, canta em hinos transbordando simplicidade e verdade, as belezas da natureza e os arroubos da caridade.

São Vicente de Paula, pai de todos os infelizes, de todos os abandonados; Santo Ambrósio, que vende os vasos sagrados para ajudar os famintos; o cardeal Frederico Borromeu, que dedica sua grande fortuna e expõe sua vida em favor dos empestados de Milão; e assim, um bom número de homens santos e ilustres que, com suas obras, suas palavras, seus sacrifícios e martírios, dão à religião católica justo título de veneração e santidade.

Mas para aqueles que querem nos mostrar que incorremos em erro quando atacamos o catolicismo, visto que muito e bom

saiu de seu seio, nós, com a profunda convicção de proclamar uma verdade indiscutível, responderemos que tudo o que o catolicismo realmente produziu de grande e de digno, ele o produzia sempre que estava estritamente vinculado às máximas e princípios do cristianismo puro e primitivo, e que, quando pelo contrário, ao se afastar dos preceitos do evangelho queria acrescentar ou tirar algo da religião de Cristo, chegando, à força de remover, acrescentar e interpretá-la ao seu gosto a torná-la irreconhecível, foi causa de que, sob a égide da cruz e sob a égide de uma doutrina toda verdade e amor, outra de ódio e mentira surgisse.

Os papas disputavam aos imperadores o domínio das cidades, os conventos aliavam-se aos castelos, a ambição sentava-se na cadeira de São Pedro e as prisões e fogueiras encarregavam-se de silenciar o protesto ou os lampejos da razão humana.

Pedro Arbués, Domingos de Gusmão, Torquemada, eram acaso cristãos?

Alexandre VI, Honório, Bonifácio, acaso representavam Jesus?

De uma religião toda amor originou-se outra toda ódio; de um Pai todo misericordioso e justo, outro injusto e vingativo. Alguns, poucos, dentre os humanos são os destinados à vida eterna no seio do Pai comum; todos os outros, todos aqueles que não são católicos porque nasceram na Ásia, na Oceânia ou nos pólos, são condenados às penas eternas!

Não falaremos do tráfico das relíquias, da canonização de homens indignos de serem chamados assim, da depravação histórica da maioria dos bispos, arcebispos e cardeais, e apenas nos limitaremos a dizer que, à força de templos e capelas, santos e santas, festas e procissões, estátuas e efígies, vasos sagrados e indumentos consagrados, milagres e dogmas, o catolicismo

acabou por transformar em idólatra uma religião puramente espiritual e filosófica em suas origens.

Como na breve revisão que fizemos da evolução religiosa, o catolicismo representa um dos papéis mais importantes, tanto pelo número de seus seguidores quanto por seus anos de existência, acreditamos que é conveniente acrescentar mais algumas palavras, para nos facilitar, com o desenvolvimento de sua história e as consequências que dela podem ser deduzidas, uma visão clara e definitiva do ponto final ao qual parece que providencialmente estamos nos dirigindo.

Erraria quem acreditasse que só agora a humanidade começa a perceber que as doutrinas e práticas do catolicismo não são as do cristianismo.

Para não nos estendermos demais, não nos ocuparemos das numerosas e múltiplas controvérsias teológicas que, aos poucos, desde os primeiros séculos de sua existência, conseguiram, com seus concílios e dogmas, estabelecer os fundamentos do catolicismo e nos limitaremos a tratar da igreja romana, afirmando que, embora tenha conseguido em quase toda a Europa e durante séculos silenciar o clamor da consciência humana e a razão ofendidas, não conseguiu impedir que a verdade fosse abertamente proclamada por homens de mais alta elevação moral e intelectual.

A depravação abominável das principais autoridades dirigentes de uma religião que se dizia herdeira legítima da moral de Jesus e a alteração calculada e sistemática de suas doutrinas, provocaram os nobres protestos da consciência e a razão espezinhadas.

Arnaldo de Brescia¹, no século XII, levanta sua voz contra o

¹ Arnaldo de Brescia (Brescia, h. 1090 - Roma, 1155) foi um sacerdote e reformador

poder temporal dos papas e pede que a igreja retorne ao seu estado primitivo de pureza e bondade. Seus costumes e sua vida são tão puros que o próprio São Bernardo, seu adversário, chega a reconhecê-los publicamente, mas o que ele deseja não convém ao poderoso e orgulhoso pontífice Adriano IV. Com a ajuda do imperador Frederico primeiro, o papa consegue que caia em suas mãos o nobre mártir da moral cristã, e o envia publicamente para ser queimado em Roma e suas cinzas são jogadas no Tibre.

Silenciada a voz de Arnaldo, mais enérgica e indômita surge no século XIV a de John Hus. Indignado ao ver a grande mistificação da pureza evangélica realizada pelo papa, bispos e arcebispos, ele protesta com toda a força de sua alma contra todas as alterações do cristianismo primitivo; ele luta contra a confissão auricular, o culto das imagens e da virgem, a infalibilidade do pontífice, a simonia dos magnatas romanos; e estes, feridos mais pela guerra que removeria seu bem-estar material e temporal, do que pelos protestos contra os princípios religiosos, apelam ao apoio do imperador Segismundo, arrastam-no com enganação perante o Concílio de Constança, carregam-no de correntes e concluem queimando-o vivo e jogando suas cinzas no Reno.²

Mas nem as chamas que reduzem o corpo a um punhado de cinzas, nem as águas que as arrastam e enterram, têm o poder de reprimir os protestos da razão e do sentimento conculcado.

religioso que, seguindo as propostas de seu professor, o filósofo racionalista Pedro Abelardo e da Pataria, estabeleceu sua ideologia moral consistindo em: a renúncia da igreja às riquezas e o retorno à austeridade dos primeiros cristãos; o abandono do poder temporário; a não validade dos sacramentos administrados por clérigos indignos; a pregação dos leigos e a confissão praticada entre os fiéis sem a necessidade de sacerdotes — Nota do digitalizador.

² O Rio Reno, em francês *Rhin*, é a via navegável mais utilizada na União Europeia. O nome Rin, é de origem celta e significa “fluxo”. Os romanos o chamavam de *Rhenus* – Nota do Digitador..

Mais terrível, mais violento, porém mais afortunado, porque ele já encontrou os ânimos preparados pelos trabalhos dos grandes homens que o precederam no protesto contra a igreja romana, o indomável lutador Martin Lutero aparece no alvorecer do século XVI. Sua história é bem conhecida; em sua juventude, profundamente católico, ele quer visitar pessoalmente a Santa Sé, mas, diante da corte de Leão X, ele não pode conter o clamor de sua consciência revoltada, e batiza a igreja católica com o nome de "Prostituta da Babilônia."

"Prostituta" que vende suas indulgências e põe tarifa a cada pecado para o perdão correspondente. Desta vez, o poder dos príncipes da Alemanha não vem em auxílio do pontífice romano; o reformador escapa das garras que gostariam de agarrá-lo; na *Dieta Spira*, a liberdade de consciência é proclamada e o protestantismo começa.

Aos protestos da consciência pisoteada, sucedem-se os da razão humana insultada e renegada. Os mártires não são mais requeridos em reivindicação dos costumes cristãos; chegou a hora dos sacrifícios para preparar o triunfo das verdadeiras doutrinas.

A grande figura de Giordano Bruno aparece na história e as suas revelações filosóficas e científicas revelam todo o seu pressentimento do futuro. Poucos anos depois de Lutero atacar o culto e a organização da igreja romana, Giordano Bruno, subindo muito mais alto, atacava dogmas e teologia em suas bases mais profundas.

A religião da graça se opõe à da natureza e quer que a explicação do sobrenatural seja buscada no físico, declarando que, para atacar as forças espirituais, é preciso basear-se nas temporais. Combate a definição do universo e de Deus dada pela igreja, declarando que Deus é a alma inteligente e dirigente do

espaço infinito; que só pode ser visto em suas manifestações, mas que em si é inacessível e proclama que, pretender descrever Deus é pretender atribuir a ele uma determinada grandeza.

O dogma não resiste o análise de sua vastíssima mente; em todas as religiões, ele vê um conjunto amorfo de símbolos e superstições e, adiantando-se em alguns séculos à definição da alma humana, tal qual parece que a ciência moderna poderia encontrar, ele deixa escrito: que ela não é o resultado harmônico das unidades que formam o corpo, mas aquilo que constitui e mantém a harmonia corporal. Com essas palavras, ele dá às gerações vindouras uma arma poderosa contra o materialismo do qual ele parece ter tido intuição.

Que razões, que doutrinas a religião romana e a etologia dogmática poderiam opor a estas? Uma apenas: silenciar a voz que as proclamava.

O Tibre, que arrastara as cinzas de Arnaldo de Brescia, também recolheu as de Giordano Bruno; porém no mesmo local em que foi queimado vivo, três séculos depois, sua efígie de mármore foi levantada como um sinal de homenagem humana e reivindicação histórica.

A Giordano Bruno sucedeu Campanella, a este Spinoza e logo uma infinidade de discípulos e seguidores, que foram aumentando progressivamente, evoluindo e aperfeiçoando-se no conhecimento das verdades enunciadas por tantos e ilustres mártires da verdade e da ciência.

Vimos, então, que o catolicismo, que em sua origem cristã deveria ser a expressão de uma religião toda pureza e caridade, pela ingerência sacerdotal veio a tornar-se um culto idólatra e intransigente, às vezes personificando o reinado do escândalo e da feroz barbárie.

Mas a verdade está sempre se abrindo caminho; já o protestantismo ensaiou e alcançou amplamente a purificação do cristianismo adulterado, embora também não tenha chegado a dizer a última palavra em assuntos religiosos e filosóficos.

O triunfo não está reservado para este ou aquele culto. Quando a humanidade, com seu estudo e experiência, conseguir despír todas as religiões de suas roupagens externas e analisá-las em sua síntese, chegará ao convencimento de que o Tao dos chineses, o Ilhu da Babilônia e o Azur de Nínive; o Amom dos egípcios e o Brahma dos hindus; o Zeus do Hiram e o Jeová de Israel; o Pai Celestial dos Cristãos e o Allah (Alá) dos Muçulmanos, reduzem-se a apenas a um, sob nomes diferentes.

As várias trindades, os numerosos deuses, os santos e santas de todas as religiões, são um plágio mútuo de invenção sacerdotal em contínua modificação; mas no fundo, as crenças de todos os povos e de todas as idades sempre convergiram para o monoteísmo.

Não pode ser de outro modo, porque a verdade é só uma e o Ser Supremo é a verdade por excelência, o resumo de todas as verdades.

Com o catolicismo minado em seus dogmas, e com o protestantismo também não conseguindo resistir incólume ao avanço da descrença que está se generalizando sob o impulso do progresso da ciência, chegará acaso a humanidade a acabar perdendo a fé na existência de um único Deus e inteligência suprema de todo o universo? O materialismo terminará arrebatando tudo e aniquilando-o?

Ao entusiasmo que inspira um novo credo religioso ou filosófico; à fé cega e ao fanatismo que comovem as massas, inevitavelmente e sempre segue a dúvida; esta gera interpelações

e debates; destes originam-se dissidências, cismas e deserções; e assim, a construção de uma religião, ou uma crença, anteriormente considerada essencialmente verdadeira, imóvel e invulnerável como um todo e em cada uma de suas partes, por um lado, à força da obstinação em permanecer firmes e dogmáticas e, por outro, à força das dúvidas, da reação e da luz que brota das discussões e do livre exame, acabam por vacilar e oscilar sobre suas bases, até que, sob as sacudidas de ataques múltiplos e arremetidas formidáveis, o edifício religioso desmorona do cume até os alicerces, enterrando em suas ruínas tudo o que tinha de bom em si mesmo, assim como tudo o que continha de ruim. O fanatismo primitivo torna-se no ceticismo mais profundo, a fé mais viva na mais fria descrença, a veneração e a adoração em desprezo e cinismo.

Da crença, então, em um Deus vivo, criador e regulador do universo e na imortalidade da alma, cairá a humanidade no materialismo?

Não cremos errar afirmando que um mais terrível infortúnio não poderia acontecer à sociedade moderna, porque o materialismo, com a negação de uma inteligência suprema que, por sua própria perfeição, deveria ser o eterno princípio da justiça e do progresso, e com sua proclamação da matéria inconsciente como origem e fim de todas as coisas, tirando com isso do homem o que ele tem em si de mais nobre e elevado, concluiria precipitando a humanidade no abismo de um novo caos.

Não há pensador ou filósofo que não tenha reconhecido o perigo iminente que seria para a sociedade o triunfo do materialismo. Não existe uma consciência reta que não se sinta profundamente perturbada e abalada com as sérias consequências que resultariam da negação de uma justiça inalterável e perfeita.

A igreja romana entendeu isso melhor do que ninguém e, aproveitando o terror que começava a se espalhar diante do terrível fantasma do transtorno social, primeiro tentou levantar uma barreira ao avanço de novas ideias com suas armas de sempre: a proibição do livre exame, a condenação da razão e de qualquer verdade que não provenha dela, a restauração dos antigos dogmas e a promulgação de outros novos, como fizera o Papa Pio IX com o *Syllabus* e o *Concílio Ecumênico*; e vendo que a barreira cedia ao impulso violento das novas correntes e que ela mesma terminaria sendo varrida com seus dogmas, seu culto, suas hierarquias, suas cerimônias, seus bens e seu poder, mudou de tática e com Leão XIII não mais pretende opor-se aberta e violentamente, mas, reconhecendo as novas necessidades sociais políticas e religiosas, para não ser arrastada declara que não se opõe a nenhum progresso humano; mas que este, para ser frutífero, deve caminhar em consórcio com ela.

São seus vãos e últimos esforços. Se o catolicismo cedesse em alguma coisa, seria forçado a maiores concessões; porém, como sua constituição é tal que não lhe permite remover um só dos pontos principais em que repousa, porque essa remoção causaria o colapso total do edifício vetusto e complicado, qualquer tentativa de transação ou reforma levará ao colapso fatal; e, por outro lado, se não se atrevesse a alterar nenhum de seus princípios, que, por lógica é o que deveria fazer, por mais esforços que ela fizer, por mais recursos de que lançar mão, não será capaz de evitar a queda final que os tempos atuais e as novas ideias estão preparando para ela.

A mesma coisa que acontecerá à igreja romana, também acontecerá mais ou menos, por razões idênticas, às outras seitas cismáticas e heterodoxas. O protestantismo, que por ser aquele

que mais se aproxima do puro cristianismo e da verdade, inspira aos homens mais fé, mais sentimento religioso e é também a religião atual mais moral, como provam as estatísticas, também terá que cair, porque sua base é o antigo testamento, que está se desvirtuando diante da ciência e do livre pensamento.

Será que houve tanta luta e derramamento de sangue, por séculos e séculos, pelas ideias religiosas, para finalmente cair na negação absoluta da ideia inata da existência de Deus, que até agora tem sido o elemento essencial de todas as crenças?

Triunfará o materialismo gerado pela descrença? Nesse caso, o homem se nivelaria com o bruto e não haveria outro Deus senão o egoísmo e a força.

CAPÍTULO II

Positivismo científico

Vamos ao positivismo, mas não apenas porque insistimos em uma civilização baseada exclusivamente no simples progresso material.

Sem fé em uma religião qualquer, perdida a crença na imortalidade da alma e na existência de Deus, materialista, em uma palavra, a humanidade realmente deverá se deter em sua marcha ascendente, recuar e cair no caos da ignorância e barbárie?

Muitos pensam o contrário e baseiam sua opinião nas teorias modernas divulgadas por inteligências iluminadas, que revelam um profundo espírito de investigação, um desejo veemente de conhecer a verdade e de a tornar conhecida.

O positivismo, considerando indispensável para a sociedade uma nova lei de moral individual e social que possa substituir a crença nas religiões baseadas na teologia e na metafísica, pretende fixar as leis da nova doutrina não apenas em hipóteses ou dogmas, mas simplesmente pelo método racional da observação e estudo

de coisas e fatos positivos.

A indagação puramente especulativa ou qualquer conjectura formada sobre a origem das coisas, não é compatível com a ciência positivista, que tende a demonstrar que a crença em Deus não é necessária à humanidade para alcançar, dentro de um desenvolvimento progressivo, a realização da felicidade.

O positivismo, como pode ser deduzido do pouco que acabamos de expor, exclui o absoluto em sua análise e seu sistema filosófico; e afirma que a única ciência necessária para o homem é a que faz profissão de não saber nada e de nada admitir fora da matéria, suas propriedades e suas leis.

Como se vê, a religião é completamente excluída do espírito humano; as investigações metafísicas não têm mais razão de ser, uma vez que não se apoiam em coisas ou fatos reais e tangíveis. Visto Deus e a alma, segundo os positivistas, escaparem à análise, é preciso se renunciar a perceber a realidade de sua existência.

Esse método de raciocínio, sem dúvida, tem seu lado atraente, mas é inegável que, pretendendo destruir toda ideia inata, o materialismo funda uma doutrina que cai no mesmo erro em que tantos outros caíram antes dela: estabelecer *a priori* que ele não está errado, como todos os fundadores de novos princípios, sistemas ou religiões sempre fizeram.

No entanto, devemos reconhecer que o positivismo deve nos levar com relativa rapidez e segurança à descoberta da verdade; aliás, a norma que ele estabelece para todas as pesquisas não deixa de ser, em sua base, justa e racional; resta ver se, pelo caminho que parece conduzir ao materialismo, a humanidade não irá chegar à conquista da prova verdadeira, positiva e material da existência daquilo que desde seu ponto de partida parece que os positivistas querem afastar e excluir em absoluto.

A existência de Deus, o conhecimento dos destinos da alma humana, de acordo com a nova doutrina o espiritismo, nada têm a ver com o progresso moral da sociedade. Para o progresso realizado pela humanidade em sua marcha secular, as teorias positivistas atribuem causas de uma ordem puramente material e explicável pela análise, excluindo em absoluto a intervenção do espiritual.

Acreditamos que esse ponto exige dedicarmos toda a observação de que nos sentimos capazes; porque se nos limitarmos a afirmar que os materialistas estão errados e que nós, argumentando o contrário, estamos do lado da verdade, nossa reivindicação seria nula e teria menos valor que a deles.

As leis deduzidas da marcha histórica do desenvolvimento intelectual e moral não são, em nossa opinião, as causas desse mesmo desenvolvimento, mas a manifestação lógica e sucessiva da concatenação dos acontecimentos, como provaremos, em parte, em outro capítulo.

O que realmente produz o esclarecimento da inteligência é o estudo a que nos obriga o desejo de conseguir para nós uma posição independente e o instinto natural do homem que o impele a se distinguir dos outros. A moral, a regulação das paixões, obedeceu às crenças religiosas que, como já dissemos, chegam ao fim pelo decaimento da fé. Enquanto a humanidade confiava na futura compensação das desigualdades, dos sofrimentos e da virtude, ela também progredia moralmente, mas com o desaparecimento dessa confiança, o progresso inevitavelmente se detém, pela falta de um de seus principais fatores. É verdade que o progresso econômico requer diferenças sociais e divisão do trabalho; mas será possível manter essas diferenças e essa divisão em seu estado atual? A humanidade continuará a dar sua

conformidade ao fato de acumular riqueza em poucas mãos, enquanto a grande massa humana nada possui, além do trabalho, como exclusivo patrimônio? As crenças religiosas, na falta de instrução, têm mantido os homens em uma conformidade passiva, mas a instrução e a iluminação que, ao se generalizarem, dão aos proletários o conhecimento de seu direito natural e despertam nas classes trabalhadoras a ideia de associação, para protestar contra a ordem atual, deitarão por terra todas as previsões e esperanças dos sociólogos positivistas. A ordem atual será conculcada e o progresso deverá ser encarrilhado sob a ação de novos fatores.

De nossa parte, fundamos a esperança nisso: a humanidade chegará, pelo método científico, à solução do problema do princípio e fim das coisas e à demonstração da necessidade e conveniência da moral individual e social.

Até aqui, generalizamos sobre o método e o objetivo das teorias positivistas, expondo simplesmente nossa opinião a respeito; mas a importância do assunto requer um estudo mais detalhado.

Herbert Spencer, cuja doutrina em resumo tende a demonstrar que o progresso não pode ser interrompido, porque não é um incidente, mas uma necessidade emanada de leis invariáveis que afetam a natureza em todos os seus reinos; e argumenta que, para o homem ser moral, o cumprimento do dever ou o acatamento das leis sociais é suficiente e com isso se chegará, sem crenças absurdas, à harmonia e à maior felicidade no futuro.

Assim deve ser em verdade, e todos esperamos que seja assim; mas não estamos de acordo nos meios para alcançar essa felicidade.

Sendo o homem livre, ele é possuidor de uma ação e vontade próprias, apenas modificáveis por suas crenças e esperanças; se

de repente suprimíssemos em seu coração essa indelével noção de Deus e de imortalidade que se manifesta desde seu nascimento, essa vontade degeneraria em um absoluto egoísmo.

Não tomemos o homem cercado de confortos ou satisfeito com suas necessidades físicas e intelectuais, mas a grande maioria que é quem sofre e de quem o futuro deve afinal depender, segundo for dirigida.

Spencer explica satisfatoriamente a evolução geral pelas causas e efeitos que a produzem, sem esquecer o mais insignificante fator, até chegar ao homem; mas, ao lidar com ele, Spencer despreza ou esquece os principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento de nossa individualidade intelectual e moral, porque essas causas são puramente morais ou espirituais, e são descartadas por espírito de escola.

Spencer quer encontrar as causas e efeitos na concatenação sucessiva, de acordo com leis puramente materiais, às quais ele acredita que o homem deve se submeter no espiritual.

É princípio já aprovado e aceito que, na natureza, o progresso consiste em converter o homogêneo e o independente em heterogêneo e dependente. Da nebulosa ou da matéria cósmica homogênea, parte a formação dos sistemas siderais, dando princípio por um movimento inicial rotativo sob a ação de uma força, *o incognoscível* ou lei da qual todas as forças em ação e reação derivam, que, à medida que a variedade é efetuada, tomam em seu lugar, pelo fato, e regem seus movimentos parciais de agregação e desagregação.

À luz dessa verdade, Spencer estuda as causas por seus efeitos em relação ao transformismo do planeta, da matéria inorgânica, orgânica e superorgânica, significando para ele essa palavra tudo o que diz respeito a instintos e inteligência em

animais. E, apoiado em uma grande coletânea de dados certos, demonstra que em algumas das espécies superiores existem rudimentos de sociabilidade. Chegando ao homem, também demonstra que seu progresso foi produzido da mesma maneira; e de analogia em analogia, ele deduz que, se sua moral e sua sociabilidade estão sujeitas às mesmas causas, os mesmos efeitos devem necessariamente ocorrer.

É isso o que para Spencer constitui o cognoscível, em outras palavras, o que se vê e pode ser historiado quanto ao grandioso movimento da criação, que a partir de uma matéria simples chega a produzir tantas, até obter o surgimento da vida; o incognoscível é a origem dessa maravilhosa matéria cósmica e o poder inicial ou força inteligente do qual todo o transformismo emana em suma, o que não os impede de dizer: "são leis inerentes à própria matéria".

Eis as ideias gerais dentro das quais toda a teoria evolucionista fica contida, explicada por uma concatenação de fatos inegáveis quanto ao transformismo progressivo, em tudo que se refere à matéria inorgânica e orgânica e que, menos acertadamente, aplica ao superorgânico, porque esquece que a determinação chega no homem até a consciência de seus direitos e a libertá-lo, em parte, da ação dessas leis, pela vontade independente que ele possui e que não nos permite confundi-lo com as outras espécies, porque *"ele é um ser livre e responsável e não um autômato"*.

A individuação é um dos sinais do progresso, segundo o próprio Spencer. Se os organismos inferiores, diz ele, perdem facilmente suas vidas, os animais superiores que possuem a força, a sagacidade, a agilidade, têm, mais do que o poder de preservar a vida, o poder de impedir que a individualidade se dissolva tão facilmente.

Esse progresso é feito quando as partes similares e independentes chegam a ser dissimilares, porém dependentes; quando o organismo tende a passar do estado de um conjunto de unidades discretas para o estado integral de um sistema de unidades coordenadas, isto é, a ser uma coisa distinta, ou seja, “*a se individualizar*”.

No entanto, o grau de individuação em animais imediatamente inferiores ao homem não os impede de levar como coisas inconscientes as tendências indicadas por Spencer. O homem precisou segui-las da mesma maneira até o período psicológico, que não é possível especificar, em que a vontade e as ideias de igualdade de direitos se manifestam. Portanto, deve ser considerado em relação ao seu estado especial entre os seres que, se bem não o isenta da lei comum a todos quanto à parte material orgânica, sujeita-o a outras causas da ordem superorgânica, ou seja, das faculdades da alma.

Essa diferença transcendental não foi levada em consideração por Spencer em todas as suas partes. Visto que, com extraordinária minuciosidade, ele estudou as ideias rudimentares em seu desenvolvimento até o presente, ele precisou reconhecer que não sem razão em todas as raças, desde os primeiros tempos até a atual civilização, existe a ideia inata da sobrevivência do espírito e de um ou mais deuses. Assim como nada achou Spencer no passado, que não tivesse uma utilidade para explicar o progresso, também não é inútil a ideia que nasce com o homem quanto à Religião, por mais rudimentares e absurdas que fossem e ainda continuem sendo as crenças dos povos mais simples, já que tudo marcha harmoniosamente, como o próprio Spencer reconhece, para um determinado fim.

O progresso das ideias religiosas foi purificando-as em fundo

e forma, até alcançar o cristianismo puro, que é sublime e de cuja influência benéfica no progresso humano ninguém pode duvidar, apesar dos absurdos com que foi deturpado desde o primeiro século pelo clero, primeiro com a ideia de mantê-lo pela forma externa que parecia exigir o estado de atraso social, depois apenas para manter seu poder e a influência conquistada.

A ideia de imortalidade só é possuída pelo homem, e tal crença não pode desaparecer, exceto para encontrar a prova evidente de que sua sobrevivência é uma verdade e que, seu instinto primeiro, sua esperança depois, não o enganam quanto à Justiça do Criador – Spencer não poderia pensar assim, mas é injustificável que ele pretenda assimilar o homem em um estudo geral com as outras espécies, quando apenas o homem possui crenças espirituais, apenas ele estuda a si mesmo, apenas ele tem consciência e vontade.

Se o homem deve se conformar com a desigualdade exigida pelo desenvolvimento do corpo social, cuja justiça desconhece, ele precisa de uma esperança que restaure a igualdade, no futuro, com aqueles cujo papel é mais elevado e feliz no organismo social. A essa necessidade respondiam as crenças em Deus e na imortalidade da alma.

Mas, vamos substituir a fé pelo materialismo, que apenas atribui essa presente existência a cada homem; quais seriam as consequências? A conculcação da ordem social e a perversão. Para provar isso, precisamos antes perguntar a Spencer se ele tem outra base para considerar crenças como desnecessárias.

“O que é verdadeiro, diz ele, para evolução orgânica, também é verdadeiro para a evolução superorgânica. Existem duas analogias principais entre os organismos sociais, a saber: que quando estão pouco avançados, a divisão ou a mutilação lhes

causa pouco dano e, quando estão muito avançados, essas lesões produzem grandes perturbações ou morte.” “Assim, vemos que nos tipos inferiores, já individuais, já sociais, as partes podem funcionar umas sem as outras, o que não pode acontecer nos tipos superiores. Agora, as sociedades também são, como tudo na natureza, um composto de unidades heterogêneas, mas dependentes uma da outra. Como o animal possui seus dispositivos de produção, distribuição e regulação, as sociedades também os possuem e os devem possuir. Assim, vemos que quando em um animal deixa de funcionar um dos seus órgãos, os outros órgãos se ressentem; o mesmo acontece na sociedade: se uma matéria-prima está faltando, a fabricação em questão para, se a polícia está faltando, a ordem desaparece etc.”

A ordem atual, com todas as suas desigualdades, é para Spencer uma necessidade *sine qua non* para o progresso, assim como para todos; mas no que o erro consiste é em supor que uma ordem tão desigual e injusta será respeitada apenas porque é necessário para o progresso futuro, progresso que as atuais unidades sociais nunca chegariam a conhecer sob a ideia materialista.

Embora Spencer o diga, as células vivas que se submetem passivamente ao papel com que foram encaixadas nas funções do organismo que compõem, não são comparáveis às unidades do corpo social, porque, repetimos, elas pensam por si mesmas, comparam seu destino relativo, ressentem-se da parte rude que o destino demarca para elas, e se não mediassem as crenças, protestariam, se revoltariam, porque são livres e responsáveis; e sendo em número maior, elas conculcariam a ordem social que é tão necessária; em suma, a lei dos mais fortes prevaleceria: abandonado o trabalho, as fontes de produção secariam e a

humanidade retrogradaria rapidamente à barbárie primitiva, em meio à orgia e à imoralidade; porque não teria permanecido no peito do homem, uma única ideia da sobrevivência do espírito ou da justiça divina, que pudesse detê-lo na ladeira dos vícios.

É por isso que fazer prosélitos ao materialismo é uma tarefa que leva à imoralidade mediata, como fica demonstrado, e também à imediata, uma vez que o homem que sente que tem apenas uma vida casual deve necessariamente estar disposto a gastá-la o melhor possível, apesar das leis e independentemente dos ditames de consciência e dever.

Nunca será possível demonstrar que é lógico sustentar que o moral e o intelectual são um simples resultado do progresso físico ou material, porque, negando ao homem a liberdade, faltam os fundamentos de toda e qualquer moral e desconhece-se que ela possa existir independentemente do material.

Com hipóteses simples não é possível destruir ou descartar instintos, crenças ou tendências inerentes à nossa natureza.

Nem o materialismo, nem a filosofia positiva de Augusto Comte, nem o spencerismo, podem ter o triunfo definitivo. A verdade deve abrir passagem a si mesma, e aqueles que apoiamos o espiritismo, a ideia de Deus, da alma e da justiça absoluta, devemos encontrar, como provaremos nos capítulos seguintes, o que pode parecer impossível para os positivistas, e é, que por seu próprio método, como já dissemos, por meios idênticos aos que eles exigem para a verificação dos fatos e a dedução da verdade, provaremos o fundamento de nossa tese.

CAPÍTULO III

A questão social

O socialismo afirma a anomalia da constituição presente da sociedade.

PROUDHON.

O socialismo é a civilização.

DE GIRARDIN.

O sentimento religioso, apesar dos esforços envidados pelo sacerdócio para avivá-lo, chegando a revestir o culto de atrativos mundanos, está declinando cada vez mais a cada dia, e não está longe o momento em que a irreligião invada a sociedade e a precipite na descrença e o ateísmo.

Também não é possível que as classes trabalhadoras se acomodem a sofrer as condições a que estão sujeitas, apenas com o argumento de que esse estado de coisas é exigido pelo progresso econômico, como afirmam os sociólogos positivistas. Muitos ignoram a existência de tais doutrinas, e os poucos que as conhecem completamente, tiram delas o que é mais conveniente

para eles.

O movimento socialista, insignificante até recentemente, a ponto de nenhuma autoridade prestar atenção nele, e que, se chegava a ser discutido, era apenas para lhe negar qualquer chance de triunfo, adquire maior desenvolvimento todos os dias e vai apoderando-se das salas de aula de universidades e congressos legislativos. Uma grande maioria ainda é contrária e se esforça para interromper sua marcha, mas, embora lute com todos os meios à sua disposição, não poderá impedir que a minoria de hoje venha a se tornar a maioria de amanhã.

A consequência será uma transformação radical que melhorará as condições sociais, mas como a resistência e as convicções que não desejam ceder às demandas do progresso estão muito arraigadas e são muitos os interesses comprometidos, antes que a minoria se torne majoritária, fatalmente ocorrerá um choque terrível e violento: um verdadeiro cataclismo social.

Para perceber isso seria necessário determinar a concatenação dos acontecimentos no futuro. Isso parece impossível à primeira vista, mas a dificuldade de resolver o árduo problema desaparece quando, baseados no conhecimento do passado, revelado a nós por aquela mestra de vida e luz da verdade que é a história, somos naturalmente levados a deduzir efeitos lógicos de causas conhecidas e afastando-nos dos detalhes, que perdem sua importância no conjunto dos fatos, é evidente que as mesmas causas sempre têm produzido os mesmos efeitos.

Fé e virtude sempre foram companheiras da coragem, da ciência e do progresso, cimentando assim a religião e a autoridade. Os abusos do domínio teocrático e do poder civil causaram a depravação dos costumes e essa a decadência dos povos, a queda das nações.

Assim como o abuso de direitos conquistados, sempre produziu tirania, sempre provocou a reação com suas rebeliões, sua resistência, seus excessos e seus horrores. Mas passada a tempestade e retornada a calma, tudo o que existia de útil e bom antes do abalo, tornou a se afirmar mais ainda, aumentado e ampliado com a conquista daqueles princípios de justiça e progresso que deram impulso ao movimento revolucionário, que despojado de toda a escória e purificado de todos os excessos de arrebatamentos inconscientes, sempre conseguiu encurtar um pouco a distância para o excelso cume em que a humanidade encontrará a felicidade que lhe é reservada.

Para demonstrar a verdade do que ele mais afirma e chegarmos a formar uma ideia do que resultará do estado atual das coisas, não nos limitaremos ao que foi dito, mas, em termos gerais, examinaremos o passado e ratificaremos nossas afirmações a través de uma breve exposição de múltiplos acontecimentos.

Vamos nos transportar para longe, muito longe de nós em relação a época e lugares; esse distanciamento, por maior que possa parecer, vem a ser nulo no tempo absoluto e no espaço infinito.

Babilônia e seu rei Baltasar, que perdem liberdade, poder e vida em meio aos delírios da orgia, que conclui com a entrada do exército de Ciro; Egito, que com sua Cleópatra cai em poder de César e de Otaviano Augusto; Jerusalém, que dividida por discórdias civis, é reduzida a uma pilha de escombros pelas legiões de Tito; e, finalmente, Roma, saqueada e devastada durante três dias pelas hordas de Alarico, e que exala seu último gemido sob aquela larva imperial, que pela ironia do destino se chama Romulus Augustulus; mostram-nos (deixando de lembrar

muitos outros fatos que diferem apenas entre si por denominação e data) que, pelo culto à virtude e às nobres faculdades da inteligência, os povos têm conseguido a elevação, dos princípios mais humildes, ao pináculo das grandezas; que o poder e a dignidade nacionais permaneceram até que o sentimento do dever, do que é nobre e do sacrifício, foi substituído pelo egoísmo, causa de toda a decadência.

Minadas assim por sua base, as nações mais poderosas viram sua influência e glória no mundo eclipsarem, ou serem anuladas por completo.

A Babilônia, que sentara as bases do cálculo, da astronomia e da teosofia; que no culto das artes arquitetônicas e da agricultura alcançara o auge do belo e do grande, entrega-se à sensualidade e, esquecida das altas especulações do espírito, cai envolta em uma orgia de embrutecimento e de sangue.

Roma, que, à medida que suas legiões passam, vai apossando-se do mundo; que carrega com as suas Águias os princípios do Direito, o respeito pela autoridade, o exemplo da disciplina, da sobriedade e da coragem; que, ao passo que conquista, ergue templos, constrói pontes e aquedutos, estabelece colônias agrícolas e escolas; Roma, que sob o comando de Otaviano Augusto, é rainha e cabeça do mundo e fecha as portas do templo de Giano, tão logo esquece sua missão de progresso e apenas pretende tirar proveito de suas conquistas em benefício de sua vida material, perde a sublime inspiração que durante séculos a levava a mil vitórias; assim que despreza a virtude e abandona o culto das nobres faculdades da alma, chafurda como a Babilônia no lodaçal das paixões; e aos combates seguem-se as orgias, às coroas de louros as de pâmpanos e rosas, ao sacrifício pessoal o egoísmo mais cínico e, portanto, logicamente, à força segue-se a

enervação, à glória a infâmia, ao domínio a escravidão.

As mesmas causas têm produzido os mesmos efeitos. Há algo mais: as raças conquistadoras sempre foram formadas por povos crentes e sóbrios, que acalmada a vertigem da luta, aproveitaram-se de suas vitórias para fazer desaparecer sua própria ignorância, assimilando todas as boas qualidades intelectuais dos povos derrotados.

É uma evolução lógica e racional, que poderíamos chamar de providencial. O materialismo e o egoísmo sempre levaram à ruína; a fé e a virtude, ao progresso.

Em tempos mais recentes, admitindo por um momento que o tempo em que os acontecimentos se desenrolam pode apresentar um maior interesse, vemos como o fanatismo e os abusos da Idade Média produziram a Reforma e o Renascimento. A conquista da América aumentou a grandeza da Espanha enquanto esta nação obedeceu a altos motivos, e causou sua ruína quando ao desejo de triunfos religiosos, glórias e aventuras heroicas seguiu a sede de riquezas. São Luís da França, com sua fé, sua virtude e sacrifício, abriu o caminho para Luís XIV, mas este com o abuso de sua autoridade e poder, com o orgulho excessivo que o fez proclamar-se a si mesmo o Rei Sol e concentrar em sua pessoa o estado, preparou o cadafalso para Luís XVI. A sede de glória e o desejo de generalizar na Europa os grandes princípios da revolução francesa levaram as Águias Napoleônicas a Berlim, mas a depravação e o orgulho do segundo império levaram os Ulanos a Paris.

O nobre desejo da predominância do poder espiritual sobre a força, sob Gregório Magno levou o imperador Frederico a Canossa; mas a predominância do poder temporal abriu a brecha de Porta Pia.

Mas deixemos a enumeração de fatos históricos, cuja

concatenação quisemos demonstrar e, apelando a todas as nossas forças para não nos extraviarmos, apressemo-nos a entrar na questão que nos toca mais de perto e, portanto, deveria nos interessar mais.

Com as lições do passado, com a observação cuidadosa das causas que começam a se acentuar, será mais fácil anteciparmos quais são os acontecimentos que pairam sobre a sociedade atual.

A questão social é um movimento revolucionário, preparado para o progresso intelectual e que germina em toda a parte.

Com a progressiva disseminação da instrução, a liberdade da imprensa e de associação, as pessoas estão se tornando a cada dia mais convencidas de que somos todos membros da mesma família; e com a intuição de seus direitos e sua força, levantam a testa, apertam o punho e se perguntam por que causa deve haver uma desigualdade tão grande entre o infeliz que apenas recebe um ínfimo salário de seu ímprobo trabalho, que mal lhe proporciona os meios de não morrer de fome com sua família e aqueles que nadam em abundância, possuindo a fortuna acumulada com relativa facilidade.

Como já dissemos no capítulo anterior, o trabalhador não se conforma com as palavras de Spencer, que argumenta que as diferenças sociais são exigidas para a realização do progresso que beneficia a todos; nem têm força para ele as doutrinas do catolicismo, que instila nele uma renúncia passiva, sob a promessa de uma compensação futura, na qual ele não acredita mais. Assim, as classes trabalhadoras, antes temerosas, sujeitas e sem coesão, começam a se associar, a se proteger, a proclamar seus direitos; muitas vezes com razão, e algumas sem ela, declaram-se em greve e, como de potência a potência, negociam com seus empregadores para forçá-los a serem mais liberais e lembrá-los de que também

eles têm deveres a cumprir.

O socialismo grassa nessas associações, das quais surgem outras, que caem em ideias comunistas ou anarquistas que não recuam nem mesmo diante do crime, contanto de atemorizar os ricos e os poderosos.

Os governos e a igreja conhecem claramente o perigo que os ameaça e se esforçam para esconjurá-lo. Os primeiros, com projetos de lei e concessões feitas espontaneamente, para evitar ou afastar outro perigo maior, a segunda misturando-se cada vez mais com a vida do trabalhador, organizando sociedades, democratizando a aparência, promovendo peregrinações e instalando clubes, para chegar, por diferentes caminhos dos antes seguidos, a ser a inteligência diretiva do grande movimento que se inicia e concentrar em suas mãos esse imenso fluxo de forças latentes, para não tê-las em contra no dia em que a explosão ocorrer.

Mas esses são esforços vãos; nem os governos nem a igreja serão capazes de parar a avalanche que está engrossando e ameaça esmagá-los.

A revolução acontecerá por suas causas deprimentes, com terríveis efeitos expansivos e tão ou mais sanguinários que a de 1893. Embriagadas pelo triunfo, furiosas com as resistências encontradas, esquecendo os princípios da justiça e sem condições para entender ou alcançar o ideal, as massas populares sedentas de vingança e riquezas, entregar-se-ão aos excessos mais desenfreados, arrasarão a propriedade privada, anularão a lei da herança e, em seu delírio de mudar tudo, não deixarão nada em pé daquilo que a humanidade conquistara após séculos de lutas e progresso.

O socialismo querendo imperar para o bem, na febre de

destruir tudo, chegará a efeitos contraproducentes que provocarão a reação; e como o progresso humano não procede com saltos ou com solução de continuidade, de acordo nisso com as leis gerais da natureza, será possível restaurar o curso natural das coisas, do mesmo modo que, à medida que a tempestade passa, o rio transbordante retorna ao seu canal.

Não são augúrios ou vaticínios: são consequências, concatenações lógicas de causas e efeitos, exigidos para que o andamento, mais ou menos rápido, porém fatal, do progresso que nos levará a resolver o problema não seja interrompido.

O movimento revolucionário que está se preparando terá o mesmo fim que a revolução francesa: morrerá vítima de seus excessos; mas, como aquela, contribuirá grandemente para o progresso social, deixando implantada a realização de uma parte dos princípios de equidade e avanço, cujo atual desconhecimento será a causa de sua eclosão; e muitas aspirações, consideradas utopias vãs, tornar-se-ão uma bela realidade.

Mas ainda não será chegado o momento de aplicar plenamente as ideias socialistas, nem da absoluta igualdade que elas contêm, porque seu reinado depende de um nível moral e de aptidão que ainda está muito longe de nós.

A nova sociedade não se conformará com as melhorias alcançadas, que serão insuficientes para remover os perigos de uma nova conflagração. As doutrinas positivistas emitidas pelos sociólogos modernos não terão melhor sucesso do que teve o culto à deusa Razão na França.

Passado o auge da grande revolução, a convenção, percebendo que um governo estável não era possível em uma sociedade sem crenças religiosas, proclamou a existência do Ser Supremo; e o gênio do próprio Bonaparte reconheceu que era

necessário retornar, pouco a pouco, às formas de culto, que durante séculos e séculos se enraizaram nas massas e eram indispensáveis para manter sob sua influência a ordem social restaurada pela força.

Na época isso foi bom, útil e possível; mas pode, hoje em dia, o catolicismo ser usado para encarrilhar novamente a geração atual?

Não acreditamos, e estamos convencidos de que aqueles que pensam diferente estão forjando ilusões vãs e abrigam esperanças que irão se transformar em amargos desenganos.

O cristianismo primitivo, fundado em princípios de igualdade e fraternidade universal, com sua crença em um Deus, pai comum de todos os homens; com seus elevados preceitos de moralidade e fé, poderia devolver a calma à humanidade agitada e levá-la ao bem-estar social e político, sustentado pelo amor mútuo e a convicção. Mas quem assumirá o árduo empreendimento de reconstituí-lo e propagá-lo? O catolicismo? Não; se bem ele conseguiu se sobrepor à descrença há cem anos, não teria sucesso hoje, porque desde então as ideias materialistas percorreram um longo caminho; a pesquisa científica experimental positiva destruiu muitas tradições e doutrinas consideradas infalíveis; o livre exame tornou-se a condição *sine qua non* de todas as mentes elevadas; acrescentando-se a isso a difusão à qual a imprensa e o direito de associação têm chegado, a universalidade do sufrágio, o descrédito em que o clero católico caiu com sua eterna e violenta diatribe contra tudo o que é novo, sua insistência em proclamar o poder temporário como indispensável para a liberdade da Igreja e a pretensão de manter o *Index* como controle das ideias; todas essas causas e ainda outras de natureza política tornam impossível para o catolicismo a reconquista do poder e do

prestígio perdidos.

Com raríssimas exceções, todos hoje entendem que o catolicismo, com suas hierarquias, com sua pompa, com seus dogmas, já nada mais conserva do cristianismo, exceto o abuso do nome de seu grande fundador.

Aparentemente, o culto parece não ter sido alterado e que os fiéis permanecem tão numerosos como sempre; mas de toda essa multidão que enche os templos e vai para procissões religiosas e peregrinações, talvez apenas haverá uma porcentagem insignificante que age de boa fé. A generalidade faz isso por hábito, por diversão e uma parte também por interesse pessoal. As senhoras vão ao templo com a mesma finalidade com que vão à ópera e quase o preferem ao teatro, porque uma jovem que ora e dirige os olhos para o céu é mais interessante do que sentada em um camarote ou em uma plateia; os jovens vão para o átrio atraídos pelo elemento feminino; os ricos vão à igreja levados pelo mesmo objetivo que leva os pobres, com a diferença de que os primeiros buscam um apoio político-moral e os segundos uma ajuda material, que ambos pagam depois, com o sacrifício de sua dignidade e a da família, em muitos casos.

Não exageramos; é um pálido reflexo da realidade isso que acabamos de dizer. O catolicismo não pode mais se gabar de possuir as condições indispensáveis de conhecimento e moralidade, que lhe permitissem iniciar uma cruzada voltada para a cristianização da humanidade.

Quem irá acometer então essa nobre e árdua tarefa?

Os governos valem-se dos cultos apenas para seus propósitos políticos; o povo exige alívio, facilidades para a vida, liberdade e igualdade e não crenças religiosas: tudo espera erroneamente da revolução ou do triunfo do socialismo.

A humanidade é uma nave que perdeu o leme no pior da tempestade. Onde encontrar a solução para o enigma dessa nova esfinge?

Sem moral não pode haver progresso verdadeiro, nem pode existir moral sem a crença em Deus, em sua justiça e na imortalidade da alma; o materialismo impera, o egoísmo triunfa... a maré sobe, sobe e ameaça submergir tudo: religião, liberdade e progresso.

CAPÍTULO IV

O progresso

*O progresso do homem é o desenvolvimento
sucessivo de sua liberdade pela Ciência.*

CHARLES DOLIFUS

*Todo progresso social contém o gérmen
de um progresso novo.*

F. BASTIAT

No capítulo anterior tentamos demonstrar que, com o estudo dos acontecimentos passados não era difícil prever eventos futuros; e em apoio a esta tese, listamos vários fatos históricos que, tendo causas iguais, produziram efeitos idênticos, apesar da diferença de tempo e lugar.

Para percebermos agora se o progresso pode ou não pode ser detido, dedicaremos a ele uma atenção especial, examinando-o em seu desenvolvimento e em suas crises.

Não seremos enfadonhos. Abordaremos os principais pontos da questão, permanecendo dentro dos limites estabelecidos para cada matéria desta pequena obra; mas tentaremos enfatizar que o progresso é o movimento ascendente da vida coletiva, tanto física

quanto intelectual e moralmente, e que se algum desses fatores estiver faltando, será momentaneamente incompleto.

Estima-se que, cerca de quinze séculos antes de nossa era, as duas grandes famílias dos Arianos e Semitas foram se espalhando por toda a Ásia Ocidental e por toda a Europa. Os primeiros desceram dos planaltos do Himalaia e deram origem aos persas e hindus na Ásia, e aos germanos, escandinavos, eslavos, celtas, ítalos e gregos na Europa. Os segundos vieram da Armênia, e deles saíram os fenícios, os árabes, os judeus e os cartagineses.

Dos arianos provêm, então, os grandes povos que mais se destacaram no mundo por sua civilização, como os gregos e os romanos; e os arianos são aqueles que ainda hoje a encabeçam, como franceses, alemães, ingleses, italianos, russos e holandeses; sendo os espanhóis e os portugueses, aqueles que mais se misturaram ao elemento semítico dos árabes.

Está fora de discussão que a Europa continua sendo, há muitos séculos, a alma e o cérebro do mundo civilizado; portanto, para fazer a história do progresso partiremos dela, por não ter interrompido sua marcha até hoje, embora os egípcios e os caldeus, povos cuja origem perde-se nas brumas dos séculos, tivessem uma civilização antiga, que caiu em poder dos persas seis séculos antes da era cristã, e depois concluiu sendo absorvida pelas civilizações de gregos e romanos.

Os arianos formavam um povo de pastores belicosos junto com os semitas; eles eram divididos em tribos e foram tomando os nomes listados acima, enquanto se espalhavam ocupando diferentes regiões.

Fizemos essas indicações gerais, não para fazer a história dessas raças, que esse não é nosso objetivo, mas apenas para demonstrar que, ao nos ocuparmos principalmente com o

progresso da Europa, estamos nos referindo a povos de origem muito remota, que de mais três mil anos atrás vêm realizando uma evolução ininterrupta da civilização e do progresso no mundo.

Por muitos séculos os arianos e os semitas continuaram sendo pastores e guerreiros, sem qualquer forma de governo ou nacionalidade.

O pai era o soberano absoluto da família; muitas destas formavam uma tribo sob o comando dos mais anciãos; não havia grupos enraizados pela posse da terra; as tribos mudavam-se de um território para outro, segundo as exigências dos rebanhos, das derrotas ou das conquistas.

Pouco a pouco, foram se concentrando em lugares propícios ao estabelecimento de colônias estáveis e, assim, grandes agrupações foram formadas, nos vales dos grandes rios e nas costas dos mares, agrupamentos que logo se distinguiram por suas próprias denominações e mais tarde diferenciaram-se, ao longo do tempo, pelo idioma, religião e costumes, obedecendo às leis topográficas e climáticas.

Os etruscos foram aqueles que mais se destacaram entre todos os povos do sul da Europa e conseguiram, vários séculos antes da fundação de Roma, formar uma cidade com suas leis, artes, indústria e comércio, não mais espalhados em florestas e campos abertos, mas reunidos em grandes grupos de habitações, que passaram a constituir cidades reais, defendidas por fortes muros de pedra, das invasões inimigas.

Tão logo o homem passou a possuir um teto e uma terra, que considerou como propriedade coletiva de muitos indivíduos de crenças e costumes iguais, despertou o instinto de nacionalidade, que necessariamente gerou o de rivalidade.

Não era mais o povo exclusivamente pastoril; a aglomeração

de muitas tribos determinara a criação de verdadeiros estados, e estes, federações e feudos.

Aqueles que não estavam muito longe do litoral, sentiram o impulso de levar seus produtos por via marítima, de um para outro ponto de seu próprio território primeiro; e depois, ampliando sucessivamente seu campo de ação, aproximaram-se dos países vizinhos, destes passaram para outros mais distantes e, assim, o comércio se originou; ou seja, foi estabelecida a troca de produtos, melhorando desse modo as condições de cada região, pois, cedendo o que sobrava de um artigo, buscava-se outro que apresentava quantidade insuficiente ou que faltava completamente.

Os ligurianos, os etruscos, os cartagineses e os fenícios eram os melhores comerciantes e navegantes dos mares hoje conhecidos pelos nomes de Mediterrâneo, Adriático, Egeu, etc.

Embora o comércio tenha proporcionado aos povos os meios para melhorar seu bem-estar material, também contribuiu poderosamente para o aumento do cabedal intelectual de cada um deles, porque sendo o instinto de progresso uma lei natural, quando um povo encontrava em outro alguma coisa boa que ele não tinha, copiava primeiro, igualava depois e concluía assimilando o que não possuía antes, dando-se muitas vezes o caso de aperfeiçoar o que antes era propriedade exclusiva de outros.

Assim, entre os vários grupos da família humana, foi surgindo o progresso, como consequência da luta pela independência, ou seja, o propósito de se bastar a si mesmo, motivação que desaparecerá no futuro, cedendo à realização de um ideal mais grandioso: a solidariedade universal.

Essa marcha progressiva da humanidade não se limitou a

poucos povos privilegiados, mas, em proporção diferente, foi generalizada para todos.

A própria Roma, que após séculos de grandes lutas conseguiu impor suas leis, artes, literatura, comércio e agricultura ao mundo, alcançou esse imenso cabedal de poder material e intelectual, porque a partir de sua origem humilde, constantemente, durante mais de sete séculos, tentara se apropriar e assimilar tudo o que encontrava, de bonito, de útil, de bom, entre os vários povos que ia dominando pela força.

Etruscos, gregos, cartagineses, assírios, egípcios, contribuíram para erguer o colossal edifício do Império Romano; o que mostra que em todos os lugares, por caminhos diferentes, o homem nunca parou de avançar no caminho da civilização, porque o progresso faz parte da sua natureza.

Obedecendo a essa mesma lei, quando Roma chegou a ser o grande foco da civilização, projetou seus raios até os mais distantes povos bárbaros, e estes, fascinados por sua luz brilhante, abandonando suas terras, selvas e montanhas, com vertiginoso afã, precipitaram-se à conquista do avanço material, intelectual e moral, pelo único meio estabelecido pelas leis eternas: a luta.

Certamente, sob o comando onímodo e universal de Otaviano Augusto, a humanidade avançara muito, mas quão longe estava ainda do estado em que se encontra hoje!

É necessário seguirmos a lenta mas contínua evolução para chegarmos ao convencimento de que, apesar de suas crises ou eclipses, a civilização continua avançando rumo ao norte que Deus fixará para ela na eternidade, e cujo curso é projetado no infinito do tempo e do espaço.

O instinto de progresso nem sempre se desenvolve no homem por um espírito de imitação: faz parte de sua natureza,

sem obedecer às diferenças de tempo ou de lugar, como comprovado de maneira evidente pelas civilizações do México e do Peru.

Os grandes povos que formavam esses dois vastíssimos impérios não tiveram qualquer contato com os romanos ou os gregos; e embora seja possível, como alguns tentaram demonstrar, que eles vieram do norte da Ásia, ficou provado que, muitos séculos antes da conquista espanhola, eles estavam tão completamente privados de comunicação com os povos de sua origem que chegaram ao ponto de ignorar eles próprios qual tinha sido ela, mantendo apenas algumas lendas muito vagas. No entanto, alcançaram um nível tão alto de civilização que encheu os invasores de admiração.

Hernán Cortês não encontrou tribos nômades e atrasadas, mas um estado poderoso, cujo chefe, o imperador Moctezuma, residia na Cidade do México, que na época da invasão já contava com cerca de duzentos anos de existência.

Os palácios, os templos, os aquedutos revelaram aos conquistadores uma civilização antiga e ininterrupta, e mesmo em certos pontos superior à da terra natal deles, porque, como evidenciado pelos manuscritos em peles de veado e tecidos de algodão ainda preservados nas bibliotecas do Escorial, do Vaticano, de Oxford, Dresden e Bolonha, baseava-se mais na agricultura do que nas armas.

Os monumentos de pedra e tijolo, descobertos em Iucatão e as ruínas encontradas nos vales do México, são a prova de que essa civilização nada tinha em comum com a celta ou a romana.

O que dissemos sobre o México, poderíamos repetir referido ao Peru, acrescentando que, por suas leis quase socialistas e sua forma de governo, os incas lançaram as bases de um império

superior ao dos astecas.

Não continuaremos, porque se quisemos apresentar essas breves lembranças históricas de povos tão diferentes e distantes, foi apenas com o objetivo de demonstrar que o desejo de progredir é instintivo no homem; isso é provado pelo fato de raças divididas de épocas remotíssimas por imensos oceanos, apesar da incomunicação continuaram avançando no caminho da civilização, contribuindo apenas as diferenças de clima, tempo, lugar e raça para imprimir as diferentes nuances que realçam a beleza e a harmonia do conjunto.

O que acabamos de expor é uma prova da generalidade, mas não da continuidade da marcha progressiva da humanidade; e o que agora queremos deixar em evidência é que o retrocesso ou estagnação do progresso nunca foi real, mas aparente, porque, sob as cinzas, o fogo sagrado foi mantido latente, esperando o momento certo para brilhar com um esplendor mais vívido.

Certamente sempre houve a luta, e às vezes luta feroz, porque essa é a lei do progresso; mas no combate entre o bem e o mal, o triunfo do primeiro é sempre certo, e a derrota do segundo é inevitável.

Dissemos que, no início de nossa era cristã, a humanidade já havia percorrido um bom trecho na trilha do progresso e, com a ajuda da história, comprovamos a verdade dessa afirmação.

Sócrates e Platão na filosofia; Homero, Virgílio, Horácio na poesia; Tácito, Salústio, Lívio, Plínio, na história; Demóstenes e Cícero em eloquência; Alexandre, Mário e César nas armas, ainda não foram superados em vinte séculos.

Isso prova-nos que, sendo o espírito o fator principal de todo avanço, antes de melhorar no material a sociedade deve haver adquirido o avanço intelectual e que, alternativamente, as

conquistas do progresso sempre se complementaram umas com as outras, sem perder jamais o que já haviam adquirido.

O progresso feito nas artes ou nas letras não foi perdido; as obras-primas da época continuam sendo modelo para as atuais; e os códigos, simplificados e aprimorados, mantiveram seus princípios fundamentais. Mas forçoso é reconhecermos o grande avanço feito nas ciências sociais e políticas, em astronomia, geologia, física, química, mecânica, etc., etc.

Assim, o desenvolvimento físico, intelectual, moral e material do homem forma uma cadeia única; os séculos, instantes para a eternidade, vão unindo um elo a outro.

Melhorando as doutrinas de Buda, Zoroastro, Confúcio e Moisés, o cristianismo entregou-se à proclamação de uma religião toda paz e amor; Júpiter foi substituído pelo Pai e diante dele, o escravo foi reconhecido como o irmão do patrão, e a mulher foi enobrecida e purificada. A luta foi dura, mas o triunfo foi obtido pela razão e pela justiça, sem que pudessem impedi-lo, nem as tradições gloriosas, nem as feras das arenas públicas.

Ao cristianismo pertence a glória e a honra da proclamação solene da igualdade e solidariedade humanas; a ele é devido o progresso moral por seus sublimes preceitos de caridade e amor; mas quando a Igreja Católica tentou alterá-lo para sua vantagem exclusiva, foi causa de grandes males; mas também é verdade que sua intolerância, seus dogmas, seu egoísmo e fanatismo fomentaram os germes da liberdade de pensamento e de consciência e provocaram a reação.

Embora a marcha do progresso tenha sido algumas vezes mais contrariada do que outras, nunca se deteve. Na própria Idade Média, a era mais aziaga já passada pela humanidade, apesar dos esforços desesperados do obscurantismo não faltaram os mártires

que desafiaram a fogueira em reivindicação da dignidade humana, da razão e da justiça conculcadas, nem faltaram os apóstolos da ciência que sacrificaram sua existência para o triunfo de suas doutrinas e para a realização de suas descobertas.

Embora com apoio nos escritos sagrados se tivesse formalmente declarado que a Terra era plana, Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e Magalhães provaram praticamente que não era plana, mas esférica; e Galileu Galilei, com sua doutrina e suas descobertas, revelou ao homem o segredo da evolução do sistema solar e, apesar da guerra cruel, movida contra ele por aqueles que sabiam muito bem que o reconhecimento de suas teorias acabaria destruindo a pedra angular sobre a qual tinham erigido seu edifício de ignorância e domínio, apesar da ameaça das torturas e da prisão, usadas como argumentos científicos, apesar da retratação e renegação de suas convicções, impostas ao ilustre ancião, a verdade saiu vencedora do erro, e a posteridade não pôde esquecer o grito de protesto de uma mente e uma consciência conculcadas: *E pur si muove!*³

Em vão a ignorância, disfarçada de sabedoria infalível e constituída em tribunal para se proteger a si mesma, apressou-se a pronunciar sentenças que se opusessem à propagação de verdades científicas que minavam afirmações teológicas, em vão o fanatismo apelou às fogueiras; a verdade acabou sempre triunfando do erro e da mentira.

Os juízes que declararam que a doutrina de Galileu *era falsa e formalmente herética*, em vez de impedi-lo, contribuíram para o

³ *“E pur si muove!”*, traduzido do italiano, “E no entanto ela se move”, esta teria sido a fala de Galileu na saída do julgamento pelo qual foi sentenciado à prisão domiciliar e proibição de divulgar suas ideias; trata-se de uma ironia: enquanto os inquisidores, em seu julgamento, decretavam que o planeta Terra era fixa no centro do Universo, ela, no entanto, se movia — Nota do Revisor.

desenvolvimento científico e provaram que o grande astrônomo estava certo quando os fez observar em Florença: "que as escrituras foram feitas para a salvação dos homens e não para lhes ensinar astronomia."

Na Idade Média, toda a Europa se tornara um vasto campo, onde papas e imperadores disputavam o domínio do povo; o castelo feudal e o convento se sustentavam reciprocamente; a ciência, excomungada e amaldiçoada, precisou lutar contra a ignorância supersticiosa e a força bruta.

Mas, apesar de tantos contratempos, a humanidade durante esse período triste continuou a avançar em artes, ciências e indústrias.

Foi nessa época que os árabes fundaram escolas de matemática, astronomia e arquitetura, ergueram os esplêndidos palácios que ainda causam admiração e transformaram as terras de Múrcia e Andaluzia em jardins.

Na Idade Média, nem todas as grandes capitais jaziam entregues à superstição e à ociosidade: Córdoba e Granada, na Espanha, eram a sede da arte e da poesia; e Gênova, Veneza e Florença, na Itália, entregues às empresas marítimas mais aventuradas, passeavam pelos mares o glorioso estandarte do comércio e da república.

É verdade que muitos pagaram com suas vidas o amor à ciência e à verdade, mas seu sacrifício acelerou a derrota da ignorância e da superstição. Muitos nobres foram então as vítimas, mas hoje nos curvamos a elas e condenamos seus juízes.

Na resenha das grandes descobertas é onde podemos perceber mais plenamente a marcha incessante do progresso.

Na época da queda do Império Romano, o papel e a imprensa, esses dois poderosos fatores da civilização, não eram

conhecidos na Europa.

O primeiro deve-se aos árabes, que o fabricavam com fios de algodão e uma pasta feita com pedaços de tecido, e os venezianos trouxeram da China distante a primeira noção da imprensa, completando assim, quase contemporaneamente, uma invenção com a outra.

É necessário chamarmos a atenção para esse princípio inalterável do desenvolvimento contínuo e progressivo, porque esse fato é de fundamental importância para o que discutiremos mais adiante.

É preciso fazermos constar, e com fatos demonstrarmos, que as gerações, sucedendo-se umas às outras, nunca deixaram de aperfeiçoar as aquisições, de qualquer tipo que fossem, de suas predecessoras; como evidenciado pelas maiores descobertas, que nunca foram casuais ou espontâneas, mas haviam sido preparadas há muito tempo, obedecendo assim o avanço moral, intelectual e material, à mesma lei de progresso e perfeição.

Marco Polo, no século XIII, traz do Extremo Oriente a noção da imprensa; Gutemberg inventa, nos primeiros anos do século XV, a gravura sobre madeira primeiramente, depois as letras móveis de madeira e, finalmente, os tipos de chumbo fundidos em um molde.

Assim, mais de quinhentos anos atrás, começou a grande arte que tanto deveria contribuir para a propagação da civilização; mas nem um único século se passou sem novos aperfeiçoamentos originados por essa mesma descoberta.

Os estudos astronômicos, ao tempo que alteraram as antigas crenças e fizeram desaparecer as superstições teológicas, incentivaram a fabricação de instrumentos ópticos para facilitar a investigação do espaço e, ao avanço deles, respondeu o avanço da

astronomia.

Progresso, sempre progresso!

Desde os primeiros óculos de visão longa, inventados pelo trabalhador holandês Mezio, aperfeiçoados por Galileu, que conseguiu um aumento de trinta vezes, até os telescópios de Herschel, de Leon Foucault, e o gigantesco do observatório de Paris, que com um aumento de 2.400 diâmetros, aproxima a Lua a uma distância de trinta léguas da Terra, o caminho percorrido foi imenso, em descobertas realizadas no espaço.

Sim, repetimos: de Flávio Gioja de Amalfi, que descobre a bússola por meio da agulha magnetizada no século XIII, a Godfrey, que constrói, no nosso século, o sextante refletor, facilitando assim aos navegantes não se perderem na imensidão dos mares, sem precisar mais da observação das estrelas e da costa; desde a mais remota clepsidra, que marcava a hora com seu fio de água ou areia, até o relógio de pêndulo de Galileu, e daí até o cronômetro de Harrison e Arnold, que apenas varia alguns segundos em um ano; do aparato construído por Heron um século antes de nossa era, que continha em si o princípio do vapor como força motriz e que por muitos séculos foi encarado como uma simples curiosidade, até a locomotiva que anula as distâncias; e as máquinas, que transformaram, multiplicaram e facilitaram o desenvolvimento de todas as indústrias; do daguerreótipo à fotografia instantânea, tudo mostra-nos evidentemente que a humanidade nunca se deteve no caminho do progresso; e que, apesar da guerra sem trégua que o princípio do mal sempre promoveu ao do bem, o triunfo foi finalmente obtido, em todas as épocas, pelo segundo; que a luta entre ignorância e conhecimento, fanatismo e ciência, tirania e liberdade, sempre foi absolutamente necessária, porque sem antagonismo não haveria rivalidade, sem

esta nunca teriam lugar as lutas que, quanto mais ferozes, mais frutíferas têm sido em resultados benéficos.

Recordemos nomes e fatos, observemos o homem, as cidades e as nações, e nos convenceremos de que a marcha progressiva da sociedade nunca se deteve e que, portanto, devemos olhar confiantes para o futuro, certos de que estamos caminhando constantemente para a perfeição pela trilha da ciência e da razão.

A lei, que apesar das diferenças de tempo, raça e lugar, nunca foi alterada; a lei, que dirigiu o desenvolvimento da humanidade ao longo dos séculos, é inalterável, universal e eterna.

O indivíduo, com seu aprimoramento, contribui para o aperfeiçoamento da sociedade, e esta, por sua vez, o influencia, ocorrendo assim que no incessante desejo de bem-estar e civilização, a coletividade continua sua marcha ascendente em direção à perfeição, pela trilha que traçara a bondade suprema.

Seguindo essa lei, a ciência irá a cada dia descobrindo ou constatando novas verdades, que facilitarão ao homem novas bases sobre as quais fundar um avanço moral, mais em harmonia com seu progresso intelectual.

O anátema do sacerdote, o ferro do carrasco, a zombaria do inconsciente vulgar, nunca prevaleceram contra a evidência da verdade, acabando sempre por triunfar a ideia nobre e grande, ou por realizar-se e efetuar-se a invenção ou a descoberta útil e científica.

Infelizmente, não raro a religião se tornou, por obra e culpa do sacerdócio, uma fonte de erros e ódios, impedimento para o progresso e inimiga da luz; daí a decadência da fé, que teria se perdido por completo se não restasse à humanidade a ciência e a livre pesquisa que, temos certeza, a reconduzirão ao espiritismo

pelo caminho da verdade.

Apóstolos da humanidade foram aqueles que, com palavras, exemplos e ações, contribuíram de uma maneira ou de outra para o progresso do homem; e, obedecendo à eterna lei divina que assim o estabelecera, esses apóstolos, esses verdadeiros sacerdotes, nunca desapareceram, em nenhuma época e em lugar algum.

Intelectual, moral ou materialmente, a família humana sempre realizou progressos: nas belas artes e na literatura, nas leis sociais ou nos costumes. E por último, nas ciências exatas, na mecânica, na química e na física, que tanto contribuem para o bem-estar individual e a melhoria social.

Às grandes especulações científicas, grandes descobertas sucederam; e quanto mais elas se multiplicavam, mais diminuía as distâncias entre as várias classes sociais, ganhando terreno assim as ideias democráticas; e essa aproximação do poderoso com o fraco, do sábio com o ignorante, do civilizado com o selvagem, teve como resultado um progresso geral.

O homem de hoje não tem nada a invejar ao de ontem; sua mente abrange conhecimentos antes desconhecidos, o que lhe permite lançar-se ao estudo do espaço e determinar as leis às quais os mundos obedecem, no ritmo eterno de sua evolução.

Com a aplicação do vapor e da eletricidade, conseguimos perfurar as montanhas e percorrer os mares e a Terra inteira, fortalecendo assim os laços da fraternidade universal.

Com o aumento da navegação a vapor, o comércio se desenvolveu de maneira surpreendente, proporcionando assim uma alimentação mais saudável e variada, disponibilizando para todos os produtos anteriormente reservados exclusivamente para os opulentos. Hoje, o chá chinês, o café dos trópicos, o açúcar, o

arroz e as carnes contribuem para a alimentação do trabalhador modesto, enquanto as grandes fábricas de tecidos multiplicam e barateiam os itens necessários para uma vida mais cômoda e higiênica. Muitas e terríveis doenças, às quais pouquíssimos conseguiam escapar levando em si os traços indelévels do perigo passado, ou desapareceram ou perderam a violência e as consequências fatais.

De Jenner a Pasteur, vencedores da varíola e da raiva; de Ambrósio Paré, para suprimir a dor nas operações cirúrgicas mais dolorosas, quantos sofrimentos a pobre humanidade viu assim diminuir ou desaparecerem!

As cidades foram transformadas; a pavimentação das ruas suprimiu a lama e as doenças causadas por suas emanções de podridão; as avenidas e praças vivificaram, com ar e luz, o ambiente infecto do tugúrio estreito; as trevas noturnas foram perdendo terreno sucessivamente com as luzes do petróleo e do gás, concluindo por serem completamente derrotadas pela luz elétrica; à liteira seguiu-se a carruagem particular, depois a pública, os ônibus e os bondes.

O trabalhador de hoje, com uma despesa muito menor do que a do rico de outras épocas, pode conseguir uma existência relativamente mais confortável.

O trabalho incessante das gerações passadas é desfrutado pela geração atual; os mártires da ciência, os apóstolos da verdade, fizeram ouvir suas vozes em todas as épocas e sempre apontaram novos horizontes para a posteridade; a verdade triunfou do erro, o gênio da ignorância, a razão da força.

E essa lei inalterável do progresso terá chegado a termo? Será que ele não tem mais apóstolos, mártires, soldados? Gênios inspiradores dos grandes homens, guias da humanidade, vocês

nunca mais irão voltar?

Ouvem-se vozes de alarme, vaticínios de cataclismos irreparáveis, presságios de quedas fatais.

A religião oficial esforça-se em proclamar aos quatro ventos, que a ciência se materializa e que a sociedade vai direto à ruína; que a verdade está em seus dogmas e a felicidade em suas doutrinas; que a humanidade e o mundo precisam retroceder para se salvar; que a razão humana é patrimônio dela e que a liberdade da alma e da consciência são blasfêmias.

A luta generaliza-se e torna-se violenta. Quais serão as consequências?

O caminho que ainda resta por percorrer para a humanidade é longo, mas quanto mais avança, mais ele se aplaina e alarga, e mais claros os horizontes aparecem.

O progresso não irá se deter: as crises violentas irão se acalmar, e o resultado será a remoção de tudo o que não é mais apto para o bem.

A sociedade é agitada sob as novas teorias do socialismo e a anarquia ameaça; as dinastias se unem e, não tendo melhor recurso para escorar os tronos vacilantes diante da onda democrática que avança, militarizam os povos para depois lançá-los uns contra os outros; mas longe de alcançar seus objetivos, a revolução será de consequências ainda mais terríveis. A questão social surgirá mais forte do que antes, porque os povos, percebendo exatamente os estragos da guerra, a injustiça do fim prematuro de milhares de seres que não se odiavam nem se conheciam, irão impor a reação pela força do direito ou pelo direito da força.

O resultado da conflagração europeia será a criação do governo republicano nas nações derrotadas que não o possuísem

antes; e as novas repúblicas, inspiradas em princípios mais liberais, mais progressistas, colocarão em prática todas as teorias aceitáveis do socialismo, no que ele tem de racional, preparando assim o advento do *quarto estado*, como na revolução francesa o conseguiu a burguesia ou *terceiro estado*.

Desaparecendo as diferenças que causaram tantos males no passado, a maior facilidade de comunicação entre todos os membros da sociedade contribuirá grandemente para o aprimoramento individual; nas relações externas, a arbitragem, consequência lógica das novas aspirações, substituirá a guerra para resolver diferenças internacionais; e, embora a guerra certamente não irá desaparecer da Terra, porque a luta é na natureza um elemento de progresso, apelar-se-á a ela apenas para fazer com que os povos inimigos da civilização entrem no caminho do bem geral.

Demonstramos que o homem individualmente e a sociedade coletivamente, desde os primeiros tempos, nunca deixaram de progredir; mas fizemos observar que todas as religiões estão perdendo seu prestígio; que o catolicismo, embora lute bravamente para conservar seu poder, apenas na aparência ainda é um possuidor de consciências, sendo seu próprio culto um costume, uma moda que é mantida graças ao fausto de seu aparato externo. Também dissemos que a descrença engendraria o materialismo e este o egoísmo com todas as suas consequências fatais, e que a humanidade não poderá efetuar sua evolução progressiva sem a ajuda de uma crença, de uma religião; e se as existentes tendem a desaparecer, onde o irá homem encontrar a solução de um problema tão vital?

Será que o progresso vai parar? Argumentamos que não, com base em sua história e ousamos prever o que acontecerá

amanhã com base no que está acontecendo hoje.

Mas como conciliar descrença, materialismo, com a continuação de nosso avanço? O que irá substituir a fé perdida?

Sem medo de errar e sem medo de protestos raivosos, ousamos responder que a Ciência é que está chamada para essa tão nobre missão, porque ela nos devolverá a fé em Deus, demonstrando a existência da alma e a continuação do *Eu* além do túmulo: é assim que a religião universal será fundada.

A ciência sente que já está chegando a hora de penetrar no que anteriormente considerava incognoscível.

Tudo deve ser feito dentro de uma lei de ordem lógica e desenvolvimento progressivo.

A grande obra divina, a natureza, um a um irá revelando seus mistérios e, depois dos segredos do céu e das entranhas da terra, revelará outros de mais transcendental importância.

Platão, Sócrates, São Paulo, Galileu, Newton, Volta, Pasteur e os mil ilustres que formam na falange imortal terão sucessores que liderarão a humanidade em sua peregrinação na Terra.

A ciência, constatando a verdade, concluirá por reunir todas as religiões em uma, o que nos dará uma mais elevada noção do universo e de Deus.

CAPÍTULO V

Existência de um potencial

*Quando a física for perfeita,
não haverá mais metafísica.
BACON.*

A ciência moderna, graças aos avanços feitos na física e na química e à perfeição dos meios de investigação, chegou, como veremos a seguir, à descoberta de forças psíquicas que podem ser apreciadas mecanicamente e que estão sujeitas à comprovação fotográfica.

Se o que a ciência descobriu não foi a alma como ela é concebida pelo filósofo espírita, não podemos duvidar que já esteja no caminho que levará à sua descoberta. No momento, temos a prova inegável da existência de um potencial no homem, que longe de depender da matéria, dirige-a agindo sobre fluidos que até agora passaram despercebidos devido à falta de meios de apreciação científica.

Com base em novíssimas aplicações, o eminente físico Raul Pictet, em sua última obra *Estudo crítico do Materialismo e do Espiritualismo pela Física experimental*, exclama: "A Teoria materialista pura está morta!"

Antes de nos estendermos sobre a enumeração das experiências científicas que resultaram na verificação de efeitos que não podem ser atribuídos a causas conhecidas e que, portanto, revelam a existência de uma causa desconhecida, cujo estudo científico está sendo iniciado recentemente, vemo-nos na necessidade de declarar que os estudos e ensaios dos quais tentaremos dar um breve resumo, estão fora de qualquer dúvida ou suspeita, por terem sido realizados por homens sábios de fama universal, cuja palavra nada mais é do que a exposição de uma verdade real e tangível, como são: William Crookes, Cromwell Varley, Robert Hare, Alexandre Aksakof, Friedrich Zollner, Alfred Russel Wallace, Hyppolite Baraduc, De Rochas, Du Potet, César Lombroso, etc. etc.

O pensamento, cuja existência real nos é revelada pela palavra e a maioria de nossas ações, é certamente a principal manifestação dessa potência desconhecida designada sob o nome de alma. Os materialistas argumentam: que o pensamento não é uma manifestação do espírito, mas o simples resultado de vibrações produzidas pelo mecanismo cerebral, embora, segundo a opinião dos médicos mais eminentes, a fisiologia do cérebro ainda esteja na infância, e as relações do cérebro com o pensamento são totalmente desconhecidas. Porém, os materialistas parecem ter esquecido que, embora todos os fenômenos que ocorrem em todas as outras funções do organismo sejam exclusivamente objetivos, que é onde eles se manifestam no funcionamento cerebral e nervoso independentemente dos fenômenos objetivos, existem outros subjetivos, que embora ligados aos primeiros diferenciam-se deles essencialmente. Portanto, convenhamos em que, uma vez que somos forçados a admitir uma causa de movimento real, que não pode ser matéria

em movimento, a existência dessa entidade lógica, que não é matéria, constitui a base da teoria espiritualista, segundo a qual o cérebro é o mecanismo que a alma usa para suas manifestações e não o causante delas.

A ciência, valendo-se do método científico positivo, reconheceu a existência de causas que, devido aos efeitos observados, não podem ser explicadas pela matéria ou por seus movimentos.

Essas deduções são reconhecidas como estritamente lógicas e positivas pelo ilustre o escritor suíço Raoul Pierre Pictet, que não é materialista nem espiritualista, que é um verdadeiro sábio, que admitindo a existência de tudo o que se conseguiu cientificamente comprovar, não recusa a investigação científica de hipótese alguma que possa ser formulada com relação à autoridade e valor de qualquer teoria.

Reconhecendo que existe uma força que age independentemente das classificadas até agora, ele declara: “que é necessário reconhecer que o agrupamento espontâneo das moléculas materiais que constituem os seres vivos é o resultado de um *potencial desconhecido*, cuja ação sobre a matéria imponderável é realizada em condições mal definidas.”

O potencial é uma entidade lógica que nos obriga a acreditar em uma reserva de energias desconhecidas. Portanto, é racional que o homem, por meio de ensaio experimental, conclua por reconhecer que a natureza contém um princípio de organização, cujo caráter distintivo consiste em ter sido ditado por uma inteligência, ao menos igual à sua.

A investigação experimental e teórica dos fenômenos de gravitação, coesão, afinidade, expressões diversas de uma única causa, nos conduz, através de argumentos completos e lógicos, a

aceitar a existência de uma força ou poder oculto que podemos chamar de *o potencial*; força que produz efeitos que não obedecem a antecedentes mecânicos conhecidos.

Esse potencial é o que temos que investigar e decifrar: assim como o chamamos de potencial, também pode ser chamado de causa primeira, força criativa, mundo espiritual; o nome não importa, mas o que há de certo é que essa causa oculta que somos forçados a admitir, desde que sentimos que seus efeitos, embora desconhecida é indiscutível; e, portanto, a teoria exclusivamente materialista, que tudo tenta explicar pela força viva que é continuamente transformada por meio de variações no movimento das partículas materiais e da sua direção, não é admissível.

Pictet não encontrou a definição exata desse poder desconhecido, mas já deu um grande passo em direção à solução científica do eterno problema da existência do espírito, desde que reconhece que não podem ser atribuídos à matéria ponderável e ao *éter* todos os fenômenos da vida; que, fora desses, existe um outro potencial, uma outra força, uma outra causa; que o cérebro do homem nada mais seria do que a disposição orgânica necessária que permitisse a esse potencial transformar-se em *força viva ativa*.

Mais adiante, com apoio em *fatos comprovados*, tentaremos demonstrar que essa força oculta, que em si mesma escapa à análise científica, mas que por seus efeitos força a ciência a reconhecer sua existência como positiva, também pode ser verificada por fenômenos físicos, se quisermos, mas que não se enquadram no domínio de tudo o que a física e a química tinham até agora definido como efeitos de causas conhecidas e sujeitos a leis determinadas.

O eminente Dr. Baraduc, conseguiu tirar fotografias de fluidos, cujo fenômeno capital consiste “em que a placa sensível, que se acreditava não era possível ser afetada ou influenciada na escuridão, está impressionada; os sais de prata são afetados não apenas pelo que chamamos de luz solar externa ou brilho elétrico, mas também pela luz íntima da alma”. Também a partir de experiências realizadas por outros sábios ilustres, verificou-se que o procedimento fenomênico da formação de imagens na placa sensível é completamente diferente do observado, na fotografia propriamente dita.

Aqueles fluidos ou imagens que Dr. Baraduc chama de alma, no sentido de que a alma seja, por assim dizer, o corpo fluídico do *ser*, do *eu inteligente* ou *espírito*, não podem por si sós ser uma prova conclusiva da existência da alma; no entanto, visto que eles variam de forma, respondendo às várias emoções experimentadas pelo sujeito, é forçoso reconhecer que uma causa, que não é o próprio cérebro, é a inevitável causa da produção e das modificações desses fluidos, porque não seria cientificamente lógico admitir que apenas a matéria, sem um potencial princípio ou causa dirigente, possa agir sobre a matéria, produzindo também fenômenos intelectuais como os já comprovados de transmissão de pensamento, telepatia, etc.; e daí que as emanções fluídicas constatadas, apesar de ter sido antes negada a existência do agente fluídico nos fenômenos de magnetismo, hipnotismo e sonambulismo, podem ser consideradas como efeito físico de um motor oculto, isto é, do espírito, uma vez que não são efeitos produzidos por nenhum outro agente conhecido; isso deu espaço para a ciência reconhecer a existência de uma força viva à qual pode ser aplicado o nome que se desejar: potencial, princípio, alma ou espírito.

A ciência descobriu que uma força desconhecida está ligada à organização dos seres vivos; ainda não foi possível para ela explicar como funciona, mas já comprovou que é um fato irrecusável.

Este é um grande passo dado no campo científico para a descoberta da verdade, pois reconhece-se que nem todos os fenômenos da vida podem ser atribuídos à matéria ponderável ou à sua organização. A pesquisa está agora reservada à ciência quanto à natureza dessa força e, como a resolução do problema é mais do que árdua, ela deverá submeter mais de uma hipótese à análise.

Devido ao método experimental, era forçoso reconhecer que nos organismos vivos há um poder oculto, um agente motor, que é lei constante na natureza.

As múltiplas funções da vida, tanto no reino vegetal quanto no animal, obedecem a uma entidade que é a causa primeira de sua evolução e que constitui o potencial funcional. Continuando o exame dos movimentos da vida vegetativa, chegaremos à *planta-homem*, como Alfieri chamou o rei da criação, e seremos levados a admitir que seus atos obedecem a um princípio de liberdade, diferenciando-se nisso dos outros organismos vivos.

No homem, encontramos dois princípios ou potenciais: *o funcional e o intelectual*.

O potencial que atua na vida vegetativa é idêntico em essência ao potencial de gravitação, de peso e de afinidade e é obedecendo a esse poder que o organismo do homem experimenta todos os fenômenos físicos conhecidos de nutrição e desenvolvimento. Mas, além desses fenômenos da vida vegetativa animal, a ciência constatou que no homem existem outros, que não podem ser atribuídos à mesma causa, porque acusam certa

liberdade, e nela é que Pictet se baseia para estabelecer o potencial intelectual ou seja o princípio oculto.

As relações existentes entre os fluidos magnéticos e o potencial intelectual serão examinadas em detalhes mais adiante; no momento, acreditamos que é conveniente nos concretarmos no estudo dos fluidos ou vibrações em seus efeitos, a fim de alcançar a convicção de sua existência. Eles têm relação e afinidade demais com o potencial intelectual, alma ou espírito, de modo que o conhecimento que possamos adquirir sobre eles será sempre pequeno.

Contra as opiniões de Braid, Aram, Broca, Charcot, Bernheim e muitos outros homens sábios que não admitiram a existência do fluido magnético, existem as de muitos outros que antes deles pensavam o contrário e fatos que provaram que no fundo Franz Anton Mesmer estava certo e a razão estava com ele.

Das inúmeras experiências realizadas, sob o mais severo controle científico, a ação e a intervenção fluídicas ficaram evidentes em muitos fenômenos produzidos com a ajuda do cérebro, como mecanismo da vontade, ou, falando como Pictet, do *potencial intelectual*.

Esse resultado foi alcançado porque, quando um fato é real, ele é renovado e se impõe, até que seja completamente esclarecido.

Arago diz que o universo é fluídico e que em sua origem a terra era fluídica e Pinel define a alma: um fluido imponderável.

Pelletan confessa sua crença nos fluidos dizendo: "que o fluido nervoso é exatamente o mesmo fluido elétrico modificado pelo organismo vivo".

Em outra ocasião, afirmamos que estamos convencidos da existência de um fluido etéreo universal que, quando condensado,

forma os átomos físicos que dão base à matéria tangível, sendo formados assim os gases, os líquidos, os sólidos e suas inúmeras combinações. O éter, engendrando a matéria, por intermédio dela forma o fluido elétrico, entre cujas variantes compreende-se o fluido magnético, o qual nos propomos a examinar em seus efeitos; e, pela análise deles, buscar a causa oculta à qual os fenômenos observados no magnetismo respondem.

Desde os tempos mais remotos, altas personalidades reconheceram a existência de fluidos na natureza humana, afirmando que o homem era composto de dois corpos: *material* e *etéreo*. Embora vários fossem os nomes a ele aplicados, como é evidenciado pelas denominações de *etéreo* adotada por Manu e Orígenes, *emanação espiritual* de Moisés, *corpo luminoso* de Lao-tsen, *luz vivente* de Zoroastro, *ochêma* de Platão, *corpo espiritual* de São Paulo, todos eles se referem ao mesmo objeto. Esse segundo corpo, fluídico, que antes poderia ser considerado como simples hipótese, uma coisa puramente teórica ou abstrata, ultimamente tem sido constatado como real pela ciência experimental.

Como já dissemos, as experiências de magnetismo e hipnotismo confirmam a força fluídica; força que é constantemente assimilada e desassimilada e cujo movimento constitui a maior vitalidade ou é o resultado de uma saúde ou funcionamento regular e harmonioso; mas que, a julgar pelos efeitos, não é idêntica em todas as pessoas.

Deixando pelo momento a relação dos múltiplos experimentos verificados por Barão de Reichembach, Julian Ochorowicz, Moutin, etc., os quais, constatando a possibilidade de direcionar a força magnética à distância, nos obrigam a reconhecer uma ação física, relataremos uma experiência

realizada pelo sábio De Rochas, cujo relato é, por si só, suficiente para demonstrar que existem fluidos no organismo que, sem deixar de depender de nosso potencial funcional e intelectual, podem no entanto ser exteriorizados; isto é, sair do organismo material, mantendo uma correlação contínua com ele.

Queremos demonstrar que não apenas o organismo assimila uma corrente elétrica e desassimila um fluido que não é mais eletricidade, e sim um fluido animalizado ou magnético, que no homem está sujeito à vontade.

Na revista *Paris Photographe* do Sr. Nadar, aparece a história de uma importante experiência feita por De Rochas, com o concurso da Sra. L..., pessoa de sensibilidade exteriorizável em um determinado período de sono hipnótico.

Esse sujeito magnetizável, adormecido, exterioriza seu duplo fluídico que chega a ser fotografado no escuro, focalizando o dispositivo no nível do ponto que ele indica ou sente que se encontra e onde, em um espaço escuro, sente que está sendo picado. De Rochas conseguiu demonstrar não apenas a exteriorização da sensibilidade anímica, mas também que, quando o sujeito estava em estado hipnótico, conseguiu constatar a presença de uma meia sombra, fantasma ou corpo fluídico, como se quiser chamar.

De Rochas relata o caso assim:

“O sujeito ainda é a Sra. L.... Conseguíramos obter com ela a produção do fantasma luminoso à sua direita e não acreditávamos que pudéssemos avançar ainda mais nesse tipo de experiências. Tratava-se de saber se aquela sombra fluídica impressionaria uma placa fotográfica. Para esse fim, fizemos a Sra. L... entrar no quarto escuro, onde o Sr. Nadar tira suas fotografias de aumento com a ajuda da luz oxídrica. Um biombo de pano preto foi colocado atrás

dela. Magnetizado o sujeito, e tendo declarado que o fantasma se havia formado a uma distância de cerca de um metro à sua direita, estendi minha mão na direção indicada, até que *o sujeito sentiu o contato*, o que me indicou que ele estava tocando o fantasma; um papel foi aceso para iluminar minha mão e, assim, o aparelho fotográfico pôde ser dirigido a esse mesmo ponto. O *châssis* foi colocado com a placa. Tudo tornou a ficar escuro e o objetivo foi descoberto novamente para começar a *pose*, que durou cerca de um quarto de hora, até o momento em que a Sra. L... disse sentir-se desfalecer.

“Durante essa operação, Sra. L... não deixava de relatar-nos suas impressões. Ela enxergava à sua direita o que designava com o nome de seu duplo, sob a forma de um vapor azulado luminoso, pouco visível em todo o corpo, mas com eflúvios saindo de seus pés e muito mais visível em seu rosto, que aparecia sempre de perfil, envolto em tênues e vacilantes pequenas chamas.

“Qual não seria o nosso espanto quando, ao revelar o negativo, vimos aparecer colocada a um metro do sujeito, sobre uma mesinha completamente preta, uma mancha representando um perfil humano exatamente como o sujeito havia indicado!

“O espanto aumentou quando começamos a refletir, que se o sujeito viu seu duplo de perfil, o objetivo que estava de frente deveria vê-lo de frente também.

“No primeiro momento imaginamos que, como o duplo, segundo dizia a Sra. L... e também outros sujeitos com quem já tínhamos feito experiências, repetia os movimentos do corpo material como se fosse sua sombra, era provável que a placa tivesse sido impressionada no momento em que a Sra. L... virou de perfil para ver o que o seu duplo estava fazendo. Mas, nesse caso, o perfil deveria ter girado na direção oposta e a metade esquerda

teria que ser vista em vez da metade direita do rosto.

“Além disso, o *clichê* tinha duas manchas, uma embaixo do nariz e outra sob o olho direito. Depois de nos convenceremos, através de um exame microscópico, que essas manchas não podiam ser atribuídas à placa de vidro ou a uma impureza da camada de brometo de prata, tive a ideia de que, correspondendo a pontos brilhantes, elas poderiam ser o resultado de dois desses pontos hipnogênicos, dos quais parece que o fluido dos indivíduos escapa mais vivamente do que de outras partes do corpo.

“De fato, a experiência feita com todas as precauções possíveis me revelou que o sujeito possuía dois pontos hipnogênicos no lado direito do rosto, sob os olhos e o nariz, cuja existência eu ignorava e que desse modo foi-me revelada; no lado esquerdo não havia ponto hipnogênico algum.

“Ficou assim bem comprovado que o lado direito do rosto do fantasma é que impressionara a placa: mas como isso poderia ter acontecido? Apenas algumas semanas depois, consegui perceber que o fantasma azul que se formava à sua direita não passava da reprodução da metade direita de seu corpo. A mancha que permite em nossa placa que a metade esquerda do rosto desapareça no retrato do sujeito, explica suficientemente como a fotografia do meio fantasma à direita pode oferecer a aparência do perfil obtido”.⁴

A existência de fluidos no organismo humano está, portanto, comprovada positivamente; fluidos que, sob a ação da vontade, podem ser em parte exteriorizados. Daí resulta que, embora a causa primeira que produz a força psíquica não possa ser classificada, ela está cientificamente comprovada.

Portanto, é lógico admitir a intervenção dessa força ou

⁴ *Paris photographe* – Nadar, artigo do Sr. De Rochas.

poder, que Pictet chama de *potencial*.

Parece-nos que, de todas as observações e experiências feitas sobre o homem, resulta claramente que ainda existem muitas coisas e causas desconhecidas e, portanto, a teoria materialista não pode ser considerada científica, uma vez que muitos caracteres da própria matéria, por exemplo, os fluidos, só agora recentemente é que a Ciência começa a constatá-los. Já foram encontradas as forças, denominadas psíquicas porque o causante físico não foi encontrado, e os fenômenos observados revelam cada vez mais a existência de outro princípio estranho ao organismo humano, propriamente dito.

Portanto, não há como duvidar de que a observação contínua e científica dos novos fatores envolvidos nas manifestações da vida levará inevitavelmente à investigação da relação que certos fenômenos podem ter com o oculto potencial, cuja existência, embora lógica, permanece ainda indefinida.

Hoje a ciência experimental sobrevém a comprovar que a Academia cometeu um erro ao negar o magnetismo. Assim sendo, acontecerá também, com relação a outros fenômenos, que sempre foram considerados imaginários pelo oficialismo científico, a mesma coisa que aconteceu com os fluidos magnéticos: depois de terem sido proclamados por Anton Mesmer, Deleuze, Du Potet, Lafontaine, Slideong, Marques Puysegur, foram descartados pela Academia ou seja, pela ciência oficial, que ainda os rejeita, principalmente devido a Braid, Bernheim, Charcot etc. que não quiseram ver outra causa nos fenômenos obtidos além da que eles consideram residir no próprio sujeito hipnótico, sem querer admitir que, em muitos casos, poderia mediar uma força psíquica transmissível pela vontade do operador.

Com o que acabamos de dizer, não temos a menor intenção

de censurar a Academia e os sábios que se recusam a admitir algo que consideram não suficientemente demonstrado. Se quiséssemos fazer a história de todas as descobertas realizadas, das mais transcendentais às mais insignificantes, comprovaríamos que os acadêmicos quase sempre relutaram em aceitá-las, mas esse fato em si, em vez de retardar o progresso, foi motivo de contínuo avanço, porque a verdade, assim rejeitada, despertou nos inovadores maior determinação em mostrá-la e traduzi-la em fatos inegáveis.

Assim, com as negações, o espírito conservador da ciência oficial, em vez de interromper o progresso, têm sido um de seus coeficientes mais poderosos.

Na questão dos fluidos, depois de tantas afirmações e contradições, a verdade foi finalmente descoberta: a ciência teve que ratificar seu reconhecimento.

Os experimentos de De Rochas e do Dr. Baraduc, acompanhados de provas como as fotografias obtidas por eles e também inúmeras outras feitas por sábios como William Crookes, descobridor de matéria radiante, ou Reichenbach o pesquisador do *od magnético*, já deixam fora de discussão a existência de fluidos no homem, fluidos que são modificados de acordo com a variação das emoções que agitam seu organismo e que podem ser dirigidos por sua própria vontade.

Podemos acrescentar que, além da prova tão peremptória das fotografias, no anseio de investigar a verdade foi possível inventar e fabricar instrumentos que comprovam a realidade da teoria, destacando-se, entre outros, o *dinamômetro* do Dr. Planat, que nos permite apreciar emanção fluídica animal e de todos os corpos; o *magnetômetro* de Abbe Fortín e o *hipnoscópio* que revela a sensibilidade ao hipnotismo de um sujeito sensitivo.

Ainda existe algo mais interessante do que as experiências de Moutin, Barrety, Chazarain, Reichenbach, Ochorowicz, Balfour, etc., etc. e talvez até mais interessante do que as próprias iconografias de Baraduc, é sem dúvida o achado De Rochas, não apenas dos fluidos, mas também da sensibilidade que lhes corresponde.

Acreditamos fazer coisa agradável para o leitor, trazendo ao seu conhecimento uma ou duas experiências que se referem ao que acabamos de dizer e cujo relato pertence ao próprio De Rochas.

Trata-se de fenômenos positivos e cientificamente comprovados que não deixam margem para dúvidas, porque não são manifestação de opiniões mais ou menos justas e corretas, mas relação de fatos com intervenção de pessoas, que por sua representação no mundo científico e seu caráter individual, são livres de toda suspeita.

O Sr. De Rochas refere o seguinte fato, que ele próprio declara transcrever do seu registro de experiências:

“30 de julho de 1892 - Fotografei a Sra. Lux primeiro acordada, depois adormecida e exteriorizada, e imediatamente adormecida e exteriorizada, mas tomando neste caso o cuidado de me servir de uma placa que ela havia pressionado contra seu corpo por alguns momentos, antes de eu colocá-la no aparelho fotográfico.

“Pude constatar que, picando com um alfinete a primeira placa, Sra. Lux não sentia nada; com a segunda ela sentia algo; com a terceira, sentia uma vivíssima impressão. Isso acontecia alguns momentos após a operação fotográfica”.⁵

Do exposto neste capítulo, resulta: que no homem atua um

⁵ De Rochas, *L'Extériorisation de la Sensibilité* — Paris, Chamuel Éditeur 1895.

elemento ou força sutil que chamamos de fluido; que este fluido, embora de maneira alguma possa operar o calor ou a eletricidade, manifesta-se no dispositivo criado por Baraduc, que consiste em uma agulha suspensa que oscila de várias maneiras quando é submetida à ação da corrente liberada pela mão do operador; que esses movimentos concordam com o estado de ânimo do causante, como foi demonstrado por inúmeras experiências; resulta também que, quando submetidos na escuridão à prova fotográfica, eles dão várias revelações em uma placa ultrasensível; e, por último que, através dos experimentos De Rochas, chega-se ao conhecimento importantíssimo de que esses fluidos exteriorizados estão em íntima relação com o corpo do sujeito, uma vez que ele sente em si mesmo uma picada ou a aproximação de uma mão ao duplo fluídico.

Fica, pois, demonstrado o que propusemos no início deste capítulo; isto é, que no homem existem princípios ou potenciais não bem definidos ainda, mas cuja existência é reconhecida pela Ciência.

Fica também constatada a realidade de outras manifestações que revelam a existência da matéria em seu *quarto estado*, que, embora suspeitada ou sustentada por alguns, não tinha sido até hoje cientificamente comprovada.

CAPÍTULO VI

A alma

*É a alma que é,
e o corpo o que parece ser.*

Renan

No capítulo anterior, verificamos a existência de fluidos; no presente, tentaremos demonstrar a relação que medeia entre os mesmos fluidos e esse potencial desconhecido, que é comumente designado com o nome de alma.

Dedicaremos nossa atenção principalmente à observação e análise dos fenômenos magnéticos, pois eles são os que mais revelam a realidade de um princípio inteligente, independente das funções orgânicas.

Ao lidar com uma questão tão transcendental, como é esse da existência da alma humana, não é possível nos limitarmos a um simples estudo experimental, porque, embora desejássemos dirigir nossas investigações em um sentido mais positivo do que o da metafísica, não podemos no entanto dispensar em absoluto os argumentos que a razão possa nos indicar como válidos e lógicos para o esclarecimento e desenvolvimento da nossa tese, porque o

conhecimento de todas as leis que governam o Universo não está limitado apenas à experimentação.

O método experimental científico pode determinar quais são os fenômenos e as coisas que são constatadas, mas não pode nos explicar sua causa ou sua essência: é um poderoso auxiliar da ciência, mas não cria nada; limita-se à constatação dos fatos, para deduzir ou formular hipóteses que nos levam por sua vez a novas constatações práticas.

A razão pode estar errada, mas da discussão dos argumentos que ela formula, origina-se o debate e deste surge a luz. Os fatos que verificamos através de nossos sentidos é que inspiram os nossos julgamentos, porque a observação que os examina e enlaça deduz deles consequências lógicas que são suas leis. Não devemos, então, esquecer que a ciência apresenta os fatos e é a razão que, apoiando-se neles, tende a deduzir as consequências que esses fatos entranham.

É necessário, ao tratarmos da alma, utilizar os fatos comprovados sem excluir o exame de suas consequências; mas aceitando apenas como base fatos comprovados por observação prática e análise científica.

Seguindo o método experimental dos positivistas, longe de chegar às conclusões a que eles chegaram adquire-se a convicção de que a teoria materialista pura está mortalmente ferida por suas próprias armas.

Todos os povos da Terra, em todos os tempos, adotaram a crença na existência da alma e de sua imortalidade; dos antigos sábios egípcios e caldeus ao selvagem moderno da Nova Zelândia; do esquimó ao habitante da Terra do Fogo. Embora diversa em detalhes, essa crença, em sua essência, é universal; e, embora esse fato não possa ser considerado cientificamente como uma prova

positiva de que tal crença tem fundamento e é realmente exata, no entanto, esse mesmo caráter de universalidade que a acompanha não deixa de lhe conferir grande importância.

O fato de que homens de tão elevada inteligência, como Platão, Sócrates, São Paulo, Marco Aurélio, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Dante, Victor Hugo, acreditassem firmemente na existência e imortalidade da alma, mesmo que outra coisa não provasse ao menos demonstraria que essa crença é a mais racional e lógica e, portanto, a mais aceitável. Não faltaram alguns filósofos ateus, mas, além de formarem uma minoria insignificante e não se poderem comparar em conhecimentos com aqueles que acabamos de nomear, nem com muitíssimos outros que omitimos, as ideias expostas por aqueles que negavam a alma nunca encontraram eco em nenhuma raça, em época alguma, nem conseguiram enraizar na natureza humana, porque instintivamente ela tem a intuição do erro de tais teorias.

O que foi dito até agora não é uma prova absoluta da realidade da alma, porque poderia ser objetado que temos na história cem exemplos de teorias contrárias às sustentadas pela generalidade que, apesar da maioria contrária, resultou serem exatas; mas se aparentemente apelamos à opinião desses grandes homens, apenas o fizemos para chegar à conclusão de que, neste caso, os fatos vieram comprovar a exatidão de suas teorias.

Não devemos esquecer, no entanto, que a ciência experimental tem seus limites e que existem verdades que a razão considera inatacáveis, apesar de que o método científico ainda não possua meios adequados de comprovação. A ciência chegou a saber muitas coisas, mas ainda está longe de saber e explicar tudo. Ela não pode colocar de lado a questão transcendental da existência de Deus e da IMORTALIDADE da alma; e em forma

alguma pode suprimi-la com a negação.

Deixando agora à parte a IMORTALIDADE da alma e a existência de Deus, crença que, como demonstramos no início desta obra, foi universal e de todas as épocas, voltaremos ao argumento que tínhamos estabelecido, isto é, a demonstração da EXISTÊNCIA da alma no homem, sem nos afastarmos do método positivista experimental para usar as mesmas armas com as quais os materialistas tentaram combatê-la.

Leibniz dizia: "nós sabemos, nós sentimos que somos eternos"; e retificava o aforismo de que nada chegava ao espírito, que não fosse por meio da matéria, acrescentando: "a menos que não seja o próprio espírito": "*Nihil est in intellectu, quod non prius fuerit in sensu, nisi ipse intellectu*". A inteligência não percebe nada sem os sentidos, a não ser ela mesma".

Isto foi o que Leibniz disse apoiado nos argumentos apresentados pela razão; e a ciência veio depois ratificar a verdade de sua afirmação, como provam os fatos que vamos relatar e as apreciações que eles sugeriram aos sábios que os observaram.

O ilustre Dr. Velpeau, espantado com os fenômenos que pôde observar em vários casos de anestesia causada por clorofórmio ou éter, em pacientes operados por ele, exclama: "Que manancial tão fértil para a psicologia e a fisiologia vêm a ser esses fatos que chegam até a separar o espírito da matéria e a inteligência do corpo!" Buisson, deduzindo as mesmas consequências lógicas dos mesmos fenômenos, acrescentava: "Se existe algo que pode demonstrar a independência do *Eu*, é sem dúvida alguma a prova que nos oferecem os pacientes submetidos à ação do éter; nos quais as faculdades intelectuais nesse estado resistem à ação dos agentes anestésicos".

Nos seguintes termos, expressa-se Dedillot ao lidar com a mesma questão: “A carne pode ser torturada, o paciente não percebe; seu espírito anda vagando por regiões desconhecidas e percorrendo grandes distâncias; outras vezes, o paciente abandona-se ao êxtase e aos estados de sonho, muitas vezes acompanhados por uma sensação vivíssima de bem-estar e felicidade”.

Demos a conhecer a opinião que a esses três médicos inspiraram os fenômenos anestésicos e agora parece conveniente dar a conhecer alguns deles, para que o leitor perceba bem que, na realidade, não seria logicamente possível pronunciarem-se de outro modo diante de tais fatos.

O que vamos relatar agora é um experimento feito pelo Dr. Baraduc, e referido por ele mesmo em sua última obra, *L'Ame Humaine*: A Sra. X pode ser adormecida tão profundamente que a sugestão consegue suprimir sua personalidade atual, que ela perde ao mesmo tempo que toda sensação sensitiva-sensual; a sensibilidade externa da pele é aniquilada, assim como a sensibilidade íntima da alma sensível; a percepção de sua personalidade corporal desaparece como a de sua vitalidade instintiva.

Entre ela e eu existe apenas a comunicação magnética, a persistência de um *ego superior* e a consciência desse *ego*.

Às minhas perguntas: Você é? – responde: Eu sou. Quem? Não sei; eu sei que existo. Como você é? “Uma bola de luz no escuro”.

“É suficiente despertar a personalidade do *eu atual*, o instinto de sua alma sensível e a sensibilidade cutânea, para que a Sra. X volte ao conhecimento de seu ser atual, de sua atual personalidade corporal, com todas as relações do mundo

periférico, nome, endereço etc. que haviam desaparecido ao mesmo tempo em que havia sido inibida sua alma instintiva corporal, enquanto o seu *ser* tinha a noção de sua própria existência e de sua forma animo-psíquica”.

O que Baraduc chama de *alma sensível* nada mais é do que o fluido vital e o que nós queremos provar como realmente existente, é o que ele chama de *ego superior*, e, aliás, o experimento que acabamos de descrever é uma conformação de sua realidade.

Assim, Leibniz estava certo quando disse: "a alma espiritual do homem, reconhece-se a si mesma como uma entidade, indivisível, como uma força que gera uma série indefinida de fatos".

No entanto, não nos parece supérfluo abundar na apresentação de fatos que praticamente comprovam a realidade de uma tão importantíssima teoria.

É um fato perfeitamente constatado que o éter, o clorofórmio, o magnetismo, desligam momentaneamente a vitalidade sensorial, deixando a inteligência em liberdade, o qual demonstra, à evidência, que as faculdades intelectuais, a alma, não estão sujeitas nem dependem do sistema nervoso.

Não existe estado algum mais parecido com a morte do que aquele em que o paciente é submetido à ação de um anestésico: nas operações mais cruéis, ele não sente qualquer dor ou sensação; a vida de relacionamento é suspensa, os nervos não mais funcionam, o corpo é um cadáver; e, no entanto, como é evidenciado pelos fatos que vamos relatar, a alma continua desfrutando de suas faculdades, permanece ativa, embora seus órgãos de manifestação permaneçam inativos e sem responder mais à sua direção.

O caso a seguir comprova o que acabamos de dizer e merece atenção devido à analogia das sensações existentes entre o sujeito magnetizado do Dr. Baraduc e o paciente anestesiado a que nos referimos.

Copiamos do jornal inglês *The Chemist and Druggist* em sua edição de 15 de março de 1874, que o extrai do *British Journal of Dental Science*. O operado é precisamente um enfermeiro, Sr. James Richardson L. D. C., que assim descreve suas sensações: “Eu via-me forçado a sofrer uma operação dolorosa e, por isso, desejei submeter-me à inalação do gás óxido nítrico. Eu o administrara muitas vezes e, ao ouvir a maneira incoerente dos próprios pacientes se expressarem sobre as sensações que experimentavam durante o estado anestésico, eu esperei definir algo sobre isso. E digo que esperei, porque certamente não é possível definir quais sejam os efeitos da ação do gás em um indivíduo, até ele os ter sofrido em si mesmo. Como não duvido de que sua influência possa ser diferente, dependendo das condições particulares das pessoas a quem é aplicado, e sendo esse um assunto de sumo interesse para nós, acho que vale a pena ser estudado como tudo o que diz respeito a esse assunto.

“Eu estive bem atendido. Dois médicos do Royal College of Surgeons e o encarregado da anestesia estavam situados atrás de mim, de modo que eu só pude ver o rosto deste último quando ele se inclinou em minha direção com o dispositivo. Não cheguei a ver os outros dois: tenho certeza disso.

“Eu estava sereno e, assim que o dispositivo foi colocado corretamente, tive a firme determinação de receber o gás. Meus olhos estavam abertos e fixos na parede, que estava um pouco afastada. Eu os ouvi dizer ‘recebe o gás livremente’; estas foram as últimas palavras que eu pude perceber. Primeiro senti um peso

nas pálpebras; depois elas se fecharam.

“Então pareceu-me estar em uma atmosfera diferente da normal, não desagradável, semelhante à de uma estufa cuja temperatura fosse a dos trópicos. Não tive aquela sensação de opressão ou asfixia de que se falava tanto: tudo o que senti foi a mudança da atmosfera, que me pareceu suave e vaporosa. Ao mesmo tempo, percebi como um zumbido que comparo com o que deve ser sentido ao penetrar debaixo d'água sob o sino dos mergulhadores, embora não tão violento.

“A seguir vi algo assim como uma luz de cor violeta, de tamanho normal, que se movia de uma maneira estranha, extraterrestre e vertiginosa. Essa luz subia e parecia-me que eu a estava seguindo em sua ascensão; levado de um modo particular, subi com ela até ser elevado a uma grande altura. Eu percebia sempre o mesmo zumbido. Finalmente, a luz em que toda a minha atenção estava concentrada deteve-se. O zumbido cessou; a altura em que estávamos parecia-me imensa. Dediquei toda a minha atenção ao barulho que percebia e ao movimento da luz.

“A atmosfera havia perdido para mim tudo o que pudesse ter de estranho. Uma mudança em especial verificara-se em meu ser; eu era, como se disséssemos, outra pessoa. Eu podia ver e examinar meu corpo inteiro, que estava em um estado semelhante ao da catalepsia. E da mesma maneira que, em um dia sereno, uma conversa que ocorre na beira do mar pode ser ouvida de uma grande altura, sem se conseguir distinguir os interlocutores, da mesma forma eu percebia um murmúrio estranho e ouvia uma voz que parecia explicar alguma coisa aos outros, relativa à minha individualidade corporal.

“Não entendia o que era dito, mas tinha certeza de que se falava de mim e de que havia outras pessoas lá; e gradualmente

crescia a minha convicção de que eu me encontrava inerte e que algo estava sendo feito comigo.

“Uma calma sepulcral teve lugar depois: o murmúrio cessou por completo: olhei atentamente e pude ver aquelas pessoas que, inclinando a cabeça, me olhavam com muita atenção, ou melhor, olhavam o meu corpo. Por mais que eu seja muito sensível em meu estado normal, não senti a dor que a operação deveria me causar. O operador me feriu duas vezes e em duas partes diferentes: e apesar de não sentir a menor pontada, eu sabia que o tumor havia sido aberto.

“Somente quando ele foi espremido para esvaziar completamente a cavidade, senti uma sensação dolorosa e reclamei, ou pelo menos me pareceu. Logo mais entendi que a operação estava concluída, mas quando quis mostrar minha gratidão, percebi que não podia falar, muito menos me mexer.

“A seguir tornei a ouvir o mesmo zumbido de antes; a luz que estivera fixa sobre a minha cabeça começou a descer e eu com ela: as vozes se aproximavam, gradualmente eu podia distingui-las melhor... finalmente, a luz desapareceu, o zumbido desapareceu, abri os olhos e com o coração cheio de agradecimento, apertei a mão de todos os presentes e exclamei com todas as minhas forças: Obrigado meu Deus, obrigado! Ao que eles responderam que a operação havia sido realizada felizmente. Eu sei tudo, respondi, sei que está terminada.

“Perguntei-lhes se havia reclamado quando apertaram o tumor e ouvi com surpresa que não só não havia reclamado durante toda a operação ou exalado o menor suspiro, como também não havia feito nenhum movimento. Aspirei cerca de dezesseis litros de gás e, do momento em que o dispositivo começou a funcionar até eu voltar em mim, 70 segundos se

passaram”.

No caso que acabamos de relatar fica demonstrado, à evidência, que a alma, princípio espiritual ou potencial intelectual não depende absolutamente do corpo, pois, embora este perca todas as suas funções, ela continua desfrutando de suas faculdades. A objeção que poderia ser apresentada, de que os anestésicos suprimem a ação nervosa sem prejudicar a faculdade intelectual, serviria apenas para confirmar ainda mais, que esta não precisa daquela para continuar funcionando.

Além disso, há outro dado de grande valor no fato que acabamos de explicar: consiste, como já dissemos, na analogia que apresenta com o relatado por Baraduc, ocorrido com muitos anos de intervalo. Nós nos referimos à tão análoga afirmação semelhante em ambos os casos, da hipnotizada e do anestesiado. *Ambos declaram que veem uma luz no espaço, que sentem que são parte dessa luz, que não parece mais fazer parte do organismo material.*

Até bem recentemente, seria possível objetar que esses indivíduos não viram nada, que sofreram uma alucinação, que queriam dar o que falar sobre si mesmos ou que queriam se divertir à custa da credulidade humana, e não teríamos realmente sabido como responder vitoriosamente a tais objeções; mas, atualmente, podemos rejeitar a objeção sem risco de estarmos errados; a ciência experimental ratificou a verdade e a realidade do que antes não tinha outro apoio a não ser a simples autoridade de uma declaração pessoal.

As fotografias ou iconografias obtidas por Baraduc mostram graficamente que os relatos da Sra. X. e do Sr. Richardson não poderiam ter sido uma ilusão.⁶

⁶ H. Baraduc : *L'Ame Humaine* – Paris, 1896.

O famoso naturalista Pictet descreve assim os efeitos produzidos nele pelo protóxido de azoe: “Entrei em um estado de calma quase parecido a um desvanecimento, mas muito agradável. Em vez de buscar a ação muscular, qualquer movimento me repugnava; eu estava experimentando, *de maneira exaltada*, somente o sentimento de existência e não desejava mais nada”.

É evidente que a manifestação íntima da vida espiritual não depende da ação muscular ou nervosa; antes parece que, quanto mais uma enfraquece, mais a ação da outra é acentuada, pois a inteligência fica mais clara, exalta-se e conserva a memória de tudo o que aconteceu durante a anestesia mais profunda.

Os mesmos fenômenos observados em indivíduos anestesiados por éter, clorofórmio, etc., foram constatados em sujeitos magnetizados, dando-se também o caso de que, enquanto os médicos estavam operando o paciente, ele conversava tranquilamente com o magnetizador.

Esse fato foi comprovado pelo Dr. Cassaignac, que, referindo-se ao que foi dito por alguns operados em estado anestésico, diz: "Eles parecem não estar em sua cama, acreditam que estão literalmente no ar".

Muitos outros casos, perfeitamente constatados por homens de ciência, demonstram claramente a independência que existe entre as faculdades intelectuais e as físicas; entre o *potencial* intelectual e o funcional, isto é, entre alma e corpo, para nos expressarmos de maneira mais explícita e mais alinhada com nossas apreciações.

Após esses fenômenos, que destacam a independência da alma, acreditamos que é conveniente passarmos a relatar outros de natureza diferente, embora idênticos no princípio ou no fundo.

Aqueles que, não encontrando explicação científica para os

fenômenos da transmissão do pensamento, da visão sem a ajuda do nervo óptico, da visão à distância ou através de corpos opacos, da predição de eventos futuros, da perda absoluta da sensibilidade física sem supressão da memória, pretenderam explicar fatos reais, com as definições banais consagradas pela ignorância, como a da exaltação cerebral, da excitação nervosa etc., longe de contribuir para a elucidação de tão importantíssima questão, contrariam sua solução. Eles teriam que começar explicando como ocorre essa excitação nervosa, quando justamente os nervos estão inativos.

Büchner diz que "a causa da perda dos sentidos e das sensações é a perda de parte da substância gordurosa da massa nervosa sob a ação dos anestésicos".

Como poderia haver excitação nesse estado? E, concedida a excitação, como se explica que a barba ou o cotovelo substituam os nervos ópticos e enxerguem?

Esse fenômeno misterioso foi repetido várias vezes, constatado pelos magnetizadores mais famosos e, ultimamente, o célebre Lombroso, em um seu escrito intitulado *O Espiritismo e a Psiquiatria*, publicado em Turim em 12 de março de 1892, declara ter testemunhado o fenômeno da transposição dos sentidos. Portanto, a realidade do fenômeno que demonstra que os sentidos não são absolutamente necessários para ver ou ouvir durante certos estados de histeria ou ação magnética, não pode ser posta em dúvida. No entanto, o professor a explica pela excitação nervosa. Curiosa explicação! Mas quem é quem lê, já que não são os olhos? É o cérebro, respondem. Aceitaremos a suposição por um momento, mas vamos afirmar mais uma vez que os nervos não são os condutores indispensáveis das sensações, nem são os fatores indispensáveis de toda manifestação sensual, uma vez que

sua ação pode ser suprimida persistindo a inteligência; o que prova que ela vem de um princípio independente.

Parece-nos do caso recordar a justa apreciação que o filósofo Synesius fazia a esse respeito, já no século V. “Os sentidos, disse ele, são os instrumentos e os meios das sensações, mas o sentimento e a percepção destas pertencem apenas à inteligência, porque durante o sono distinguimos cores, percebemos sons, sentimos os efeitos do toque, etc., enquanto os sentidos descansam sem nada contribuir para isso, e eu até acredito que esse modo de sentir e perceber tem algo de muito mais delicado”.

Ao que foi dito e como explicação dos fenômenos que relatamos, acrescentaremos que, em nossa humilde opinião, quando todos os sentidos orgânicos estão ativos, em plena posse de suas faculdades, a alma ou potencial espiritual serve-se deles e não percebe ou sente senão através deles; mas quando a sensibilidade está inativa suas funções foram suspensas, como no caso da anestesia causada por éter, clorofórmio, óxido nítrico ou magnetismo; então esse potencial ou alma, germe de todas as faculdades e surgente de todas as sensações, continua evoluindo e continuaria a agir, servindo-se de suas faculdades extraorgânicas, se a separação fosse levada tão longe ao ponto em que a ligação fluídica existente na dualidade humana fosse rompida.

Mas passemos agora ao relato de um *fato* que, mais do que nossas teorias, prova a independência do princípio espiritual ou intelectual, alma ou potencial (como se deseje chamar), cujo poder superior fica evidente quando está em condições de não precisar valer-se dos sentidos.

O caso que vamos mencionar, fomos tomá-lo da obra de M. C. Chardel, *Essai de Psychologie physiologique*, e também é exposto no livro de Arnaldo Mateos, "Estudos sobre a alma".

“O Dr. Chapelain magnetizou uma senhora, uma excelente sonâmbula, para consultá-la sobre uma doença grave sofrida pela mãe da mesma. A resposta foi: «que todos os humores estavam alterados, que havia um derramamento de líquido no lado direito do peito, além de um pouco de água no invólucro do coração (o pericárdio); que o fígado estava descolorido ou branqueado em sua superfície. Em dois dias, acrescentou, minha mãe terá morrido, apesar de tudo o que pudermos fazer. No dia seguinte, o Dr. Chapelain encontrou a paciente em estado gravíssimo, reconhecendo que a triste profecia do sonâmbulo estava começando a ser cumprida; os pés e as pernas apresentavam um edema bastante considerável, a respiração era difícil e muitas vezes interrompida por uma pequena tosse seca. A sonâmbula, novamente magnetizada, disse:

“Minha mãe está muito fraca há alguns dias; ela vive apenas pelo magnetismo que a sustenta artificialmente, está faltando a vida. – ‘Você acha que a vida de sua mãe pode ser sustentada?’ perguntou o Dr. Chapelain. Não: sua vida será extinta amanhã de manhã, sem agonia, sem sofrimento. – Quais são as partes doentes? – O pulmão direito está retraído, encolhido sobre si mesmo; está cercado por uma membrana que tem o aspecto de uma cola e é banhada em muita água existente por lá. Mas principalmente é disso’, acrescentou a sonâmbula apontando para o ângulo inferior da omoplata - que minha mãe sofre. O pulmão direito não respira, está morto: o esquerdo é saudável e é só por ele que minha mãe vive. Há um pouco de água no tecido que circunda o coração (o pericárdio). – Em que estado estão os órgãos da barriga? - O estômago e os intestinos me parecem saudáveis; o fígado branco e descolorido na sua superfície”.

“De fato, a paciente faleceu às 7 horas da manhã do dia

seguinte, como a sonâmbula havia predito. Tanto o Dr. Cloquet, que também atendia a paciente, quanto Chapelain, desejaram ver se a autópsia revelaria as lesões indicadas pela sonâmbula, o qual foi permitido pela família. Sr. Moreau, secretário da seção de cirurgia da Academia, e Dr. Drousart, foram chamados como testemunhas: o Dr. Cloquet foi quem fez a autópsia, auxiliado pelos Srs. Chapelain e Palloux. Mas antes, os assistentes quiseram ouvir da boca da própria sonâmbula a descrição do estado interno do cadáver e, embora fosse um pouco duro magnetizar a filha diante do cadáver da mãe, entretanto, Chapelain consentiu. Não tentarei descrever, diz o autor que traduzimos, aquela cena de ternura e piedade filial. O Dr. Chapelain procurou acalmá-la e, tendo os médicos ali reunidos desejado que ela dissesse o que estava vendo no corpo de Madame Plautin, a sonâmbula repetiu com voz firme e sem hesitação o que ela já havia dito antes aos senhores Cloquet e Chapelain.

“Depois de fazê-la se retirar para uma sala imediata enquanto verificavam a abertura do corpo, a jovem ainda sonâmbula seguiu através das paredes a mão do operador armada do bisturi, relatando aos que estavam com ela o que estava acontecendo na outra sala. – ‘Por que eles fazem a incisão no peito – disse ela uma vez – se o derramamento de líquido está no lado direito?’

“As indicações dadas pelo sonâmbulo foram totalmente confirmadas pela autópsia, conforme indicado no atestado emitido pelos médicos que a realizaram e por aqueles que a testemunharam. Não o inserimos abaixo porque acreditamos que é absolutamente desnecessário.”

Após o presente relatório, e com as mesmas palavras que Arnaldo Mateos usa, faremos observar: “que aqui há pelo menos

um fenômeno duplo: o de predição e o da visão através de corpos opacos. A sonâmbula não apenas vê as lesões internas existentes no paciente, mas não perde um detalhe da autópsia que segue passo a passo, sem que seja obstáculo para isso a parede que a separa do local onde estava sendo realizada.”

Também temos muitos outros casos na história, entre os quais a famosa predição de Cazotte, que em outro livro nosso relatamos detalhadamente, o outro de Jacobo de Molay, grande mestre dos Templários, que ao subir à fogueira, predisse a morte dentro de um ano ao papa Clemente V e ao rei da França, Filipe, o Belo; casos que, como muitos outros, revelam faculdades que a maior ou mais extrema exaltação cerebral ou excitação nervosa não conseguiriam explicar, como também não é ainda conhecida a razão dos fenômenos magnéticos nem a qual lei eles obedecem.

Aqueles que acreditam que a alma não existe como entidade independente e apenas consideram suas manifestações mais elevadas como sendo resultado da marcha mais ou menos perfeita do mecanismo orgânico, teriam que dar algumas explicações um pouco mais claras a aqueles que estão interessados no estudo de tão importante questão. Conseguiriam assim se fazerem entender melhor por aqueles que não possuem o profundo conhecimento e a autoridade científica de Büchner, Moleschott, Lombroso, Schopenhauer e outros ilustres, de cujo talento e erudição nós ficamos muito por baixo.

Eles nos dizem ou nos fazem imaginar que o cérebro secreta ideias e sentimentos, do mesmo modo como são operadas as segregações que atuam na digestão. Ou seja, assim como uma função estomacal perfeita e uma boa assimilação produz aquelas pessoas tão fortes e orgulhosas, que satisfeitas passeiam seu *embonpoint*, assim uma perfeita segregação cerebral

quimicamente produz indivíduos como Platão, César, Dante, Michelangelo, Pascal, Newton, Napoleão, Edison, Gladstone, Bismarck, etc., etc., provavelmente dependendo a diferença entre César e Newton, ou entre Pascal e Bismarck, de uma alteração química ou mecânica.

De fato, é muito difícil acreditar que de boa-fé alguém possa considerar que são essas as causas do talento ou da virtude. Por outro lado, não pode ser cientificamente comprovada a infalibilidade da doutrina que com Büchner define: “a alma é um produto da atividade material e o espírito é um produto do organismo”⁷ e que: “a alma considerada matematicamente, é o conjunto de funções do cérebro e da medula da coluna vertebral; e considerada fisiologicamente, é o conjunto de funções da sensibilidade encefálica”.⁸

Não pode ser comprovado cientificamente que isso realmente aconteça, pois, de acordo com os fisiologistas mais notáveis, o cérebro ainda é muito pouco conhecido. Tanto é assim que o próprio Büchner, na obra mencionada acima, diz (página 190, 2ª edição): “Até agora, apenas as partes mínimas foram examinadas e é por isso que a anatomia das partes moles do cérebro ainda é terreno *desconhecido*. O exame das partes mais grosseiras apresenta certa quantidade de formas exteriores, admiravelmente entrelaçadas, *cujo valor psicológico ainda é um enigma*”.

Estamos, então, no caso de nos perguntarmos como é possível falar com tanta certeza das funções cerebrais, se o próprio cérebro, em sua maior parte, ainda é desconhecido?

Para uma locomotiva funcionar, ela precisa de fogo e água,

⁷ Büchner: *Fuerza y Materia*.

⁸ Littré: *Dictionnaire de Nystem*.

que em seu organismo metálico desenvolvem vapor; mas não se pode deduzir daí que o vapor seja um produto da locomotiva. O mesmo acontece com o organismo humano: ele precisa da alma e do espírito para poder agir e viver.

Concedendo por um momento que realmente as faculdades, que acreditamos serem produtos da alma, o sejam apenas do sistema nervoso, nunca poderíamos chegar a perceber como aconteceria o fato de que, neutralizando ou suprimindo o funcionamento nervoso (como nos casos da anestesia), as faculdades, que dependeriam exclusivamente dele, em vez de diminuir ou desaparecer, aumentassem em força e sensibilidade.

Manter essa tese seria a mesma coisa que pretender que, ao remover o vapor, a locomotiva aceleraria e aumentaria seu poder de tração.

Para entender certas definições, entre outras a chamada "transposição dos sentidos", para explicar o fenômeno da leitura sem a intervenção do nervo óptico, precisaríamos realmente de toda a exaltação cerebral que se diz ser a causa de tais fenômenos.

Para não ter de admitir a existência da alma, eles caem em teorias muitíssimo mais irracionais e incompreensíveis do que a própria alma.

O método de resolver as questões mais transcendentais empregado por alguns homens de fama científica é realmente surpreendente: a lógica que eles exigem daqueles que pensam de maneira diferente, parece que eles não a exigem de si mesmos.

Dizem que a alma não existe, porque sua existência não pode ser praticamente demonstrada (o que, aliás, não é exato); mas mesmo supondo que não possa ser demonstrada de maneira positiva, se é por isso que eles acreditam ter o direito de negar sua existência, com o mesmo direito, poderíamos dizer a eles que não

podem provar, na prática ou na ciência, que a alma não existe.

Como dissemos (no início deste capítulo) no caso da alma, não devemos deixar de lado o auxílio da razão: guiados pela razão e pela lógica é que podemos deduzir consequências tão importantes quanto os próprios fatos em que as fundamos. Tanto que, embora a fisiologia dê razão da ação nervosa, ela não explica como os nervos recebem o impulso da vontade que os dirige e muito menos pode explicar o primeiro ato evolutivo. Daí podemos deduzir com fundamento que existe uma força independente da matéria.

Foi dito que, embora essa força desconhecida possa ser admitida, ela não poderia ser considerada como um princípio existente por si; porque, em última análise, nada mais seria do que o resultado das funções perfeitas de todo o organismo.

Para apoiar esta afirmação, apelou-se aos experimentos de vivisseção; e, a partir dos fenômenos nela observados, deduziu-se que a alma não existia, porque praticamente podia ser demonstrado que era possível, por assim dizer, cortá-la em pedaços.

O argumento à primeira vista parece decisivo, mas, na realidade, não resiste ao raciocínio mais simples.

"A alma não existiria, porque, ao suprimir este ou aquele órgão no indivíduo, as faculdades atribuídas a ele desaparecem." A tal monstruosidade científica, porque realmente não pode ser classificada de outra forma, não podemos dar outra resposta melhor do que esta comparação: as cordas do instrumento de um violinista são removidas uma a uma; acaba-se por em pedaços a caixa harmônica, para chegar à conclusão de que o artista não existe.

É isso, nem mais nem menos, o que eles fazem; dos

fenômenos fisiológicos tiram consequências como a negação do poder que chamamos de alma: retiram os meios materiais que ela possui para se manifestar e depois declaram que ela não existe.

Acaso não existe o pensamento, muito embora não possa ser dado a conhecer com a palavra? Se um indivíduo está em uma cidade cuja língua ele ignora completamente, sendo impossível se fazer entender, poderia por esse motivo ser dito com verdade que esse indivíduo não pensa?

É o caso de citar as palavras de São Tomás de Aquino: "a razão ou o pensamento, a faculdade de entender o universal, é incompatível com a matéria."

Acredita-se na força vital, na eletricidade, na atração, porque seus efeitos são palpáveis; por que não acreditar então nessa força que chamamos de alma, cujos efeitos de outro carácter em nada se assemelham aos das mencionadas forças, porque, enquanto os destas são puramente materiais, os daquela são inteligentes e revelam uma causa inteligente?

Não basta dizer que não se deve acreditar no que não se vê ou se conhece, porque, considerando o assunto desse ponto de vista, poderíamos fazer notar que nem a força vital, nem a atração, nem a eletricidade são vistas e conhecidas. Se ouvimos uma orquestra tocar, mesmo que não vejamos os músicos, não duvidamos da presença deles; se a vela inchada arrasta a embarcação, não duvidamos de que o vento atua, mesmo que não possa ser visto.

Sem dúvida, as razões que acabamos de invocar em apoio à existência da alma são de valor inegável; mas, além de razões, apresentamos fatos que, materialmente, vêm confirmar que existe no homem um princípio que não responde às leis orgânicas, um princípio que também não precisa do organismo para continuar

funcionando. Esse princípio, esse potencial, esse motor oculto, é o espírito ou a alma; e, como toda coisa que existe, não pode ser absolutamente abstrata, precisa revelar-se em algo e é por isso que supomos que ela existe, não apenas pelas razões já expostas, mas porque ela revela-se mais abertamente em ação e presença de fluidos magnéticos, que passam a constituir o que pode ser chamado de seu corpo fluídico. É a este que devem ser atribuídas muitas sensações e fenômenos, que ocorrem frequentemente em nós mesmos sem quase percebermos.

Tais são as simpatias e aversões, os sentimentos, a estranha sensação que experimentamos quando alguém fica nos olhando e nos força a virar a cabeça, alertando-nos de que não estamos sozinhos como pensávamos. O mesmo pode ser dito quando é apresentada inesperadamente à memória a lembrança de uma pessoa que há muito conhecemos, encontrando com ela um pouco mais à frente no caminho.

A generalidade classifica essas coisas como sendo por acaso, mas, na realidade, é ignorância das leis às quais esses fatos obedecem.

Esses e outros fenômenos devem ser atribuídos à atmosfera fluídica ou vibrações magnéticas, que irradiam de cada pessoa e a cercam da mesma maneira que a atmosfera envolve a Terra. Suas múltiplas modificações, sua maior ou menor pureza e densidade que, juntamente com o estado de saúde dependem do progresso que o próprio espírito alcançou, são aquelas que produzem essas inexplicáveis sensações de simpatia ou aversão, atração ou repulsão resultantes do choque fluídico, enquanto nos revelam o que os órgãos sensoriais ainda não perceberam. Muitas expressões vulgares, muitos ditos antigos, muitas crenças ou superstições análogas entre povos de diferentes climas ou raças,

nada mais são do que a revelação inconsciente ou instintiva de verdades que a ciência mais tarde chega a comprovar, como acontece atualmente, com fotografias ou aplicando o magnetômetro.

Os pintores antigos e modernos que representavam seus heróis ou santos com um nimbo de luz que os envolvia ou que, como uma auréola luminosa, rodeava suas cabeças, reproduziam instintivamente sobre suas telas uma verdadeira realidade, um fenômeno que a ciência hoje já conseguiu observar, constatar e começar a estudar.

Até recentemente, a ciência, como já fizemos observar, negou rotundamente a existência de fluidos magnéticos, baseada no método experimental, mas depois, devido inteiramente ao mesmo método, teve de reconhecer sua existência e sua intervenção nos fenômenos chamados de magnetismo e sonambulismo; e também acontecerá que, se não vencidos pela força da razão, vencidos pela força dos fatos, aqueles que sempre negaram a realidade do potencial intelectual ou espiritual, terão de abaixar a cabeça diante da evidência da realidade e reconhecer seu erro.

Arago disse que "fora da matemática pura, quem pronunciasse a palavra *impossível*, faltaria à prudência", e nós acrescentaremos que a demonstração da existência da alma não é materialmente impossível.

Todas as grandes descobertas que a humanidade conseguiu fazer foram um dia consideradas impossíveis. A alma está em evidência e, no entanto, sua existência ainda é declarada como sendo um problema de impossível solução.

Às palavras de Arago, essas outras de Victor Hugo podem muito bem servir como corolário: "um homem sábio que ri do que

é possível, não está longe de ser um idiota".

Além de todas as razões teóricas que temos exposto em apoio de nossa tese, os fenômenos anestésicos que relatamos nos mostram a evidência de que além desse fluido, que em certo modo vem a ser seu organismo, existe um princípio, um ser, individual e inteligente, verdadeiro ser consciente na natureza humana, que é o que chamamos de alma ou espírito.

É preciso reconhecerem que estávamos certos quando dissemos que, usando suas próprias armas, seria fácil ferir o materialismo, porque a própria ciência experimental é que nos facilita a demonstração da existência da alma.

Concluiremos, então, repetindo o que dissemos em outro capítulo: que a Ciência, em vez de destruir todas as crenças, irá reuni-las em apenas uma, o que nos dará uma noção mais elevada do homem, do Universo e de Deus.

CAPÍTULO VII

Livre arbítrio

*E a responsabilidade do homem
que faz sua glória e sua grandeza.*

Laboulaye

Vimos que no homem existe um princípio independente da matéria que denominamos alma ou potencial; um princípio que, examinado por seus efeitos inteligentes, é superior à matéria organizada.

Vamos agora lidar com o relativo livre arbítrio desfrutado pela alma e se ela deve ou não ser responsabilizada por suas ações.

Ao fazer isso, não vamos descartar em absoluto as doutrinas contrárias, vamos criticar com sinceridade, aceitando o correto ou bem provado que elas possam conter, mesmo que isso fosse contrário às nossas conclusões.

A luz da razão, guiada pela sinceridade, deve presidir a elucidação de um problema tão árduo, de cuja solução depende em grande parte o futuro da humanidade.

A influência do organismo sobre o moral no homem é inegável, mas nem por isso a existência do princípio moral ou intelectual pode ser negada.

Fisiologia e psicologia não se excluem; unidas devem contribuir para a solução dos grandes problemas apresentados à inteligência humana.

A relação existente entre o organismo e o princípio ou potencial espiritual é extremamente estreita.

A configuração cerebral, em primeiro lugar, e a de todo o organismo em geral, contribuem para realçar a inteligência e a moral; mas se o estado fisiológico é deficiente, a primeira causa dessa deficiência está frequentemente contida no próprio potencial intelectual.

As cores, o mármore, a harpa, não são o quadro, a escultura ou a música; eles precisam do artista que os escolha para produzir posteriormente uma obra utilizando-se deles. A maior perfeição do mármore e da harpa contribuirá grandemente para o sucesso do trabalho artístico; mas é inegável que sua escolha e preparação dependem do talento e adiantamento do artista. Um bom artista sabe escolher bons materiais e, se não os encontra, esforça-se para modificá-los.

É exatamente o que acontece entre o espírito e a matéria: se ela for deficiente, o potencial intelectual esforça-se para corrigir essa deficiência; e, no caso de a matéria não ser deficiente, se a inteligência não se destacar, a culpa será do potencial intelectual que desaproveita a feliz coincidência e deixa os órgãos atrofiarem-se por falta de uso. Um violino ruim entregue a Paganini poderia produzir notas sublimes, mas um Stradivarius nas mãos de um músico vulgar, não revelaria o mérito de sua construção e a excelência de seu material.

Em apoio de nossa tese, apresentaremos muitos fatos, e deixando de relatar aqueles que tivemos a oportunidade de observar por nós mesmos, ofereceremos ao leitor apenas aqueles que, por serem referidos por homens de merecida fama científica, não podem oferecer alvo à crítica sobre sua maior ou menor autenticidade.

Em seu livro *O Homem Criminoso*,⁹ página 113, Lombroso diz: "Como mostraremos mais adiante, todos os amores raros e monstruosos, junto com quase todas as tendências ao crime, tiveram seu início na primeira infância." Para apoiar isso, entre muitos e até piores exemplos, ele cita o seguinte: "Um garoto que, desde a idade de três anos, já estava inclinado a sentia prazer ao ver degolar animais, aos cinco anos de idade, já era habilíssimo em fazer coisas erradas. Um dia, ele viu seu irmão mais novo sangrando pelo nariz e se aproveitou disso para fazê-lo cair de cara no chão; ele mexia naquele sangue com as mãos e gritava: *“Quero matar esse garoto, quero ver sangue; isso me dá prazer”*."

Tendo perguntado se ele ousaria matar sua mãe:

"Claro que sim! – respondeu; e por que eu deveria amá-la se não me amo a mim mesmo? Oh! bem que eu gostaria de matá-la, e embora hoje não posso, vou esperar até ser grande".

Esse fato, e outros análogos que não relatamos para não cansar o leitor, mostram a evidência de que as boas ou más tendências de um indivíduo não podem em absoluto ser atribuídas à configuração do cérebro.

Os estudos e observações de Broca provam que o cérebro, até os quarenta anos, vai sofrendo modificações que se manifestam ao exterior, o qual depende do uso de tais ou quais órgãos no exercício das faculdades exigidas pelos vários estudos

⁹ *L'Homme Criminel*. Tradução da 4ª edição italiana. 2ª edição francesa.

ou profissões.

A posse de faculdades extraordinárias nos primeiros anos de vida demonstra a evidência de que o potencial intelectual, quando atinge um alto desenvolvimento, manifesta-se desde tenra idade, apesar da relativa fraqueza do cérebro infantil. Esses fatos nos levam à questão do livre arbítrio, sem o qual não existiria a responsabilidade.

Segundo a escola de Lombroso, os poderes atribuídos à alma nada mais são do que o resultado de causas puramente físicas, no sentido estrito da palavra, porque o atavismo etc., etc., não é considerado como precedente ou influência espiritual, mas como verdadeiro coeficiente fisiológico que determina essa ou aquela inclinação, por ter sido herdado com o germe vital, poderíamos dizer, materialmente.

Assim sendo, teríamos de concordar em que a entidade moral ou intelectual não existe fora do germe vital e, portanto, a responsabilidade do homem não existiria e apenas seria uma coisa imaginária, aceita como real, por considerações de conveniência social. Portanto, Lombroso teria razão quando, referindo-se ao exame do livre arbítrio, chega às seguintes conclusões:

“Vamos entender bem as coisas. Não quero dizer que, no estado normal, a vontade seja livre, como acreditam os metafísicos; mas, nesse estado, as ações são determinadas por motivos ou desejos que não estão em contradição com o bem-estar social. Os maus instintos, quando aparecem, são mais ou menos reprimidos por outras motivações: amor aos louvores, medo do castigo, da desonra, da igreja; ou pela herança, ou também pelos bons costumes adquiridos graças a uma ginástica contínua do espírito.”

Mas se o espírito é um resultado dos órgãos cerebrais e dos

nervos, como pode iniciar, *por si só*, essa ginástica que modifica seu próprio estado? Ou, o que é a mesma coisa, como os efeitos de uma causa poderiam agir sobre a própria causa?

Parece-nos fora da razão que cérebros em vias de organização, longe ainda de seu desenvolvimento definitivo, possam apresentar diferenças notáveis como a perversidade e a bondade, o talento e a estupidez; e o que é mais admirável, que alguns demonstrem possuir conhecimentos que a generalidade pode adquirir apenas por meio de estudos prolongados. Tampouco o caráter e as tendências desta ou daquela criança podem ser atribuídos ao meio ambiente ou à educação, uma vez que o próprio Lombroso cita casos de meninos contra cujas más inclinações nada valeram todas as boas advertências, as punições, ou serem filhos de pais *normais*.

Vamos nos apressar em levar ao conhecimento do leitor, por outro lado, que o mesmo autor declara: "é um fato comprovado que, apesar de anomalias físicas ou de uma herança cheia de vícios, muitas vezes há indivíduos honestíssimos".

Para demonstrar com mais clareza que as anomalias cranianas ou faciais não podem ser consideradas como causa fatal de criminalidade, basta reproduzir alguns números referentes à proporção existente entre criminosos e normais, em relação às anomalias, sinais ou defeitos considerados como características do vício ou do crime. É um trabalho que o próprio Lombroso compilou¹⁰

Assimetria e plágio – cefaleia. Normais: 20%; criminosos: 42%. 30%

Prognatismo. Normais: 34%; criminosos: 34%.

Fossa de Civinini. Normais: 27%; criminosos 15%.

Testa fugidia. Normais: 18%; criminosos 36%.

¹⁰ *L'homme criminel*. Página 170.

Traços de sutura intermaxilar. Normais: 52%; criminosos: 24%.

Subescapular cefálica: Normais: 6%; criminosos: 6%.

Apófise zigomática saliente: Normais: 29%; criminosos 29%.

Então acontece, como por outro lado o próprio autor também faz notar que, ao comparar os criminosos com os normais, verifica-se que muitas anomalias perdem sua importância, porque ocorrem em proporções quase iguais ou mais altas nestes últimos.

Algumas anomalias consideradas entre as mais importantes, como a assimetria facial e a testa *fugidia*, comprovam que, apesar de tais contrariedades, é possível ser um homem muito bom, pois metade dos afetados por essas anomalias resultou serem pessoas bem normais.

Essas classificações e essas figuras mostram que estávamos certos quando afirmamos que, embora o organismo cerebral possa influenciar sobre o potencial espiritual, isto apenas poderia acontecer no modo relativo e nunca no absoluto; a menos que se tratasse de casos em que o mesmo organismo está ferido ou aniquilado por um acidente estranho à sua evolução normal.

Sem dúvida indivíduos com assimetrias e anomalias e com todos os outros defeitos que dificultam o funcionamento normal do cérebro estão em condições mais desfavoráveis do que aqueles cuja construção orgânica é completamente perfeita; mas certamente é possível com vontade e trabalho neutralizar ou anular as más tendências a que são inclinados por esses ou aqueles defeitos orgânicos.

Repetimos: um bom músico executa melhor em um bom instrumento do que em um defeituoso, mas com seu talento ele pode suprir os defeitos, enquanto um artista medíocre não poderá tocar bem, por melhor e perfeito que fosse.

São encontrados criminosos com todos os traços típicos da bondade e da virtude; e vice-versa, existem indivíduos muito honestos, muito virtuosos com alguns ou todos os traços característicos da baixeza humana. A configuração cerebral não pode, portanto, em absoluto, ser considerada como causa de inferioridade espiritual; e, portanto, não deve ser tida como causa de irresponsabilidade. Consideramos bem a propósito fazer observar que também está cientificamente comprovado que as deformações cranianas e faciais são, muitas vezes, consequências de tendências do potencial espiritual e não causas dessas tendências. Até o pleno desenvolvimento da virilidade, o cérebro é transformado ou modificado e, de acordo com a direção que o potencial imprime, apresenta essas ou aquelas perfeições ou anomalias orgânicas.

A matéria influencia o espírito, mas ainda mais fortemente o espírito pode influenciar a matéria, quando já está adiantado e em posição de fazê-lo. O espírito é uma entidade e não uma resultante; uma entidade individual que, como acontece com relação ao organismo de cada um, pode servir melhor ou pior, em proporções muito diferentes.

O que Lombroso descobriu é que o número de defeituosos e anômalos é maior entre os criminosos do que entre os normais; mas ele não pôde examinar esses mesmos criminosos quando eram crianças, para se certificar de que seus defeitos fossem a causa das más tendências e não a consequência delas, nem teve ocasião de acompanhar todos os estados da existência de crianças fisicamente deficientes, a fim de perceber se eles realmente foram, mais tarde, presa dos vícios ou crimes que correspondiam às suas anomalias.

Uma coisa é clara e indiscutível: o espírito traz ou possui

suas próprias tendências, o que prova que é uma entidade e não um resultado. Todos os sábios que se têm dedicado ao seu estudo confessam isso; de Büchner, cujas palavras já citamos, a Claude Bernard, que diz em sua *Fisiologia Geral*: "as funções cerebrais são um mecanismo e não fundamentam o princípio do pensamento".

Em apoio à nossa opinião, também podemos citar a do Dr. Hugo Doherty¹¹ que, referindo-se ao mesmo assunto, diz: "Sem querer discutir o valor empírico do mapa desenhado por Gall e Spurzheim sobre o crânio, faremos observar que os fisiologistas mais eminentes da época estão divididos na questão da localização do faculdades da alma nos diferentes lóbulos do cérebro. Não parece impossível que certos lóbulos possam ser centros localizados, correspondentes às diferentes ramificações do sistema nervoso de todo o corpo humano e, conseqüentemente, centros especiais das relações entre as faculdades da alma e os nervos da percepção e da transmissão, pois numerosas experiências demonstraram que a alma pode agir sobre os nervos periféricos em um bom número de órgãos, mesmo após a destruição total dos lóbulos do cérebro, considerados como centros nervosos localizados para diferentes funções."

Com as mesmas dificuldades tropeçamos quando, por meio da dissecação do cérebro, queremos investigar a relação existente entre loucura e lesão cerebral, porque existem casos em que não é encontrada lesão ou alteração no cérebro de pessoas falecidas em estado de loucura; e vice-versa, surgiu várias vezes o caso de lesões significativas nos cérebros de indivíduos que não só não foram loucos, mas conquistaram durante a vida a fama de inteligência clara, como afirma o próprio Lombroso em seu livro *Gênio e Loucura*.

¹¹ *L'Homme et la Nature*, página 57.

Romagnosi, Bichat, Kant, Dante, tinham assimetrias cranianas; Maquiavel era plagiocefálico, Hugo Fóscolo apresentava um caso de prognatismo exagerado e o ilustre Kant era um platicefálico. Apesar desses defeitos ou características típicas, a biografia desses grandes homens não apresenta nenhum deles como criminoso, e a história da inteligência humana conta-os entre seus campeões mais célebres. Podemos, portanto, dizer que, se as anomalias realmente têm influência, elas podem tê-la do mesmo modo tanto para o bem quanto para o mal, e de maneira alguma podem ser consideradas causas determinantes e inevitáveis de más ações: o potencial espiritual pode evitar sua influência e agir livremente, de conformidade às faculdades extramateriais de sua própria entidade. E dizemos mais: o potencial espiritual pode influenciar não apenas a matéria, mas chegar a conseguir realizar a sua modificação ou a dominá-la, como é evidenciado por inúmeros fatos.

Segundo as teorias materialistas, ninguém jamais teria o direito de reclamar de um homem ou acusá-lo; a culpa deve sempre ser atribuída à força dos acontecimentos, das coisas e da fatalidade. Mas não é assim, uma vez que o homem possui a faculdade iniciadora de suas ações e sabe que pode, entre os inúmeros fenômenos que se desenvolvem no universo, produzir uma nova série de coisas das quais ele próprio seria a causa.

Para não deixar dúvidas ou objeções em relação à nossa maneira de pensar, declararemos novamente que não ignoramos a influência que o físico pode ter sobre o moral; porém, nunca como uma lei fatal e inevitável, visto também não podermos negar que o moral influi sobre a matéria.

Emoções fortes e imprevistas, já produziram gravíssimas doenças e até a morte, ou devolveram a saúde a doentes já

desenganados. Uma catástrofe já pôde causar tanta emoção que, graças a ela, pessoas paralisadas conseguiram recuperar o uso de seus membros e até da palavra. Não acreditamos, no entanto, que em vista de tais fatos tenha ocorrido a alguém negar a existência do organismo, como em sentido contrário fizeram aqueles que pretenderam negar a existência da alma, quando por causas físicas ficou inutilizada no uso de suas faculdades.

Existe a alma e ela é tanto mais responsável quanto mais avançada ela for, assim como de um homem saudável e forte pode ser exigido mais trabalho do que de um fraco. Um parisiense é mais intrinsecamente responsável do que um neozelandês, que, no entanto, não deixa de sê-lo face a seus companheiros de tribo.

A liberdade evolutiva existe em diferentes graus entre os homens, em proporção relativa aos seus instintos, sentimentos e inteligência. O raciocínio dá ao homem total liberdade na escolha dos meios que prefere para atender necessidades ou aspirações, que respondam às condições que o cercam.

A história nos apresenta numerosos exemplos em que a vontade, guiada pelo raciocínio, conseguiu sair vencedora do temperamento individual, das más paixões e do ambiente.

O potencial espiritual pode subtrair-se à influência do potencial funcional se a própria vontade é colocada a serviço da razão; porque, a menos que se trate de um louco, todos possuem a intuição do mal e do bem.

Quando um indivíduo, de caráter violento, indolente ou malvado, atinge uma certa idade sem terem-se modificado suas tendências, segundo a teoria daqueles que pensam com Lombroso ele não pode ser responsabilizado por suas ações, porque elas seriam o resultado dessa ou daquela deficiência, abundância, perfeição ou defeitos de sua construção orgânica.

A sociedade, para sua própria garantia, para operar uma seleção saudável, retirará sua liberdade de ação, confinando-o a uma prisão; mas isso aconteceria sem que o desgraçado o merecesse, se de fato aquilo fosse produzido por uma inclinação fatal, sujeita ao seu destino constitucional.

A tais teorias, podemos apenas contrapor fatos que demonstram que não existe tal pretensa irresponsabilidade em pessoas saudáveis.

É o nobre sentimento da própria responsabilidade o que faz mudar da noite para a manhã um obscuro montanhês no heroico mártir do dever, como poderíamos demonstrar com muitos exemplos, de Pedro Micca, que cai esmagado pelos escombros da mina que faz explodir para defender a posição confiada à sua vigilância, até o capitão holandês Scaffelaar que, para salvar a vida de seus soldados, sacrifica a dele.

Em poucas palavras, relataremos esse fato histórico:

Sitiado em Barnevelt, esgotados todos os víveres e sem água, não havia outro recurso para Scaffelaar além da capitulação. Era o ano de 1482 e, portanto, não surpreende que o inimigo vencedor impusesse como condição aos sitiados que, para salvar suas vidas pela capitulação, seria apenas com a condição de que do topo da torre de Barnevelt os soldados atirassem seu capitão ao inimigo. Ao ouvir tal proposta, todos gritaram em protesto unânime e juraram deixar-se matar até o último antes de sacrificar seu capitão. Mas este, vendo que qualquer resistência já era inútil e que, junto com a própria, ele iria perder a vida de muitos, dirigindo-se a seus guerreiros, disse:

“Nenhuma ocasião melhor do que esta poderia ser-me apresentada para concluir minha vida; dou-a para salvar a de todos vocês” e fazendo o ato seguir às palavras, ele se lançou do

topo da torre. Sua morte foi a vida para todos os seus soldados.

De fatos semelhantes, a história registra centenas e todos revelam o quanto pode o sentimento da própria responsabilidade; na maioria dos casos, não é o medo do castigo ou o desprezo da vida o que leva ao sacrifício, é o sentimento de responsabilidade, é a ideia do cumprimento do dever.

Santo Agostinho, que após uma juventude depravada, entrega-se à prática das virtudes mais nobres e dos mais elevados estudos, e torna-se uma das maiores figuras do catolicismo; Félix Peretti, o obscuro pastor dos Apeninos que muda na figura colossal do pontífice Sisto V; Cristóvão Colombo, que não desiste de seu ousado sonho até que, já quase na velhice, graças à sua vontade inabalável vê como ele se torna uma realidade deslumbrante; o cadete Bonaparte, que chega a ser aclamado Napoleão imperador por exércitos carregados de palmas e louros; estes e muitos outros, filhos de suas próprias obras, demonstram o quanto podem a vontade, a razão, a consciência da responsabilidade.

Alguém ousará argumentar seriamente que todas as grandes obras da arte e da literatura, que todos os grandes fatos que a história lembra, nada mais são do que o produto do funcionamento mecânico das substâncias químicas que compõem o cérebro?

Se o homem pode, através de um esforço da vontade, empregar todas as suas forças, intelectuais e físicas, para a realização de um plano preconcebido, é forçoso admitir a liberdade de ação e, portanto, a responsabilidade.

Se a verdade dessa dedução não pode ser constatada pelo método positivo experimental, porque o potencial espiritual escapa à análise material, é preciso nos valermos, para essa

demonstração, do auxílio de faculdades pertencentes ao próprio potencial: a inteligência e a razão.

Do exame dos efeitos devemos chegar ao conhecimento da causa. Aqueles que admitem a exatidão dos cálculos de Newton na definição das leis da gravitação universal e reconhecem que graças a eles foi possível achar o peso da lua, apoiam-se apenas em provas intelectuais. Da mesma forma, aqueles que querem buscar as razões e as leis que são a base da liberdade e da responsabilidade, devem apoiar-se no raciocínio científico.

Com base na razão, quando a prova experimental se torna impossível, devemos chegar a entender que a matéria não pode ser causa primitiva de paixões, porque por si só ela é inerte e passiva; enquanto virtude, vício, inteligência e gênio são entidades ativas. A matéria também não pode ser considerada como instigadora invencível de nossas ações, porque em condições de temperamento idênticas, algumas pessoas dominam as más inclinações e outras não. Ser ou não ser escravo das paixões depende da vontade.

Existem indivíduos de temperamento belicoso que, percebendo as más consequências a que esse temperamento os expõe e reconhecendo os efeitos perniciosos da raiva e do orgulho, pela força de vontade conseguiram dominar completamente suas explosões e, apesar do organismo adverso, chegaram a se tornar exemplares em moderação, afabilidade e humildade. Verdadeiros santos, entre os quais destaca São Francisco de Sales, sempre existiram e ainda hoje podem ser encontrados, que se tivessem deixado a matéria de atuar sem se valerem do potencial espiritual, teriam confirmado completamente as teorias de Lombroso; mas a noção, ou a convicção da própria responsabilidade, foi e é a base de toda

grandeza e progresso.

Sim: a alma é responsável! Se a matéria não a favorece ou é contrária a ela, estabelece-se uma luta, cujos resultados são frutíferos em bens para o espírito, porque na luta adquire maior vigor e independência e, graças à têmpera que desenvolve, consegue tornar-se dona do organismo, colocando sua vitalidade e instintos sob absoluta direção.

Cientes de nossa responsabilidade, o segredo para que ela seja para nós apenas timbre de glória e progresso, está contido nas palavras de Victor Alfieri: *Volli, sempre volli, fortissimamente volli.*

CAPÍTULO VIII

O potencial espiritual

*Ninguém morre, exceto na aparência,
assim como ninguém nasce, exceto na aparência.
De fato, passando da essência à substância,
eis o que se chama nascer;
e o que é chamado de morrer é o contrário,
passando de substância para essência.*

Apolônio de Tiana

Demonstramos que a alma existe e que ela é uma identidade que pode funcionar sem a intervenção da matéria, como constatamos nos fenômenos da anestesia e do sonambulismo; e também vimos que, no estado normal do organismo, ela pode exercer seu domínio sobre ele e desenvolver suas faculdades.

Demonstramos que, livre e dona de suas ações, sob a direção da razão e com o poderoso auxílio da vontade, a alma, como consequência da liberdade que desfruta, deve ser inteiramente responsável em relação ao seu valor intrínseco, sendo tanto maior a responsabilidade, quanto maior o grau de progresso alcançado.

Também combatemos contra a teoria materialista, destacando as más ou boas tendências em crianças muito pequenas e chegamos a declarar: que o espírito é que gradualmente forja, desenvolve e aperfeiçoa o cérebro.

Provamos tudo isso com números e com fatos.

Apresenta-se agora a oportunidade de nos perguntarmos por que existem umas almas boas e elevadas e outras más e ignorantes. Se o espírito não é efeito ou produto da matéria, quais são as causas dessas diferenças?

De fato, se o espírito não pode ser considerado como um produto da matéria organizada, é essencial reconhecer que, se existem entidades espirituais diferentes, a culpa não pode ser atribuída à matéria; Deus deveria ser acusado de injustiça e responsabilizado por todos os males que afligem a humanidade. Ou, se a uma tal conclusão não se deseja chegar, porque a ideia de injustiça não pode ser associada à divindade, cairemos na conclusão admitindo que não há Deus e que tudo é obra da matéria.

Mas como conciliar essa conclusão com o potencial desconhecido, que não é produto da matéria e que, como existe no homem, é encontrado no universo, como causa primeira? Se existe um Deus, também existirá a justiça. Para que essa justiça seja real, é forçoso que a bondade maior ou menor do espírito não seja obra do acaso ou de uma graça concedida a alguns e negada a outros; cada alma deve ser a causa de seu próprio estado; só assim não haverá injustiça.

Se a alma já traz suas tendências, que não são fruto do acaso, ou de uma graça especial, é lógico concordarmos em que cada um tem o que merece. Para aceitar essa ideia, não só precisamos demonstrar que a alma existe, o qual já fizemos, mas também é

necessário provar que a alma não morre com o corpo.

A ciência confirmou a existência das forças fluídicas e também descobriu que elas obedecem ao potencial espiritual. Entre várias outras, as experiências do Dr. Baraduc e De Rochas demonstraram que esses fluidos, que de certo modo se tornam o corpo fluídico do potencial intelectual, ser, alma ou espírito, podem ser exteriorizados e conservar a forma, a força e a sensibilidade do organismo ao qual estão ligados; mas ainda não examinamos esse corpo fluídico, esse corpo do espírito, essa tangibilidade da alma, para expressarmos com mais clareza se ela só existe durante a vida do organismo ao qual pertence, ou se após a morte, após a supressão do potencial funcional, ela ainda continua atuando e existindo.

Este é o ponto que convém estudar. Uma vez provado que a alma não morre com o corpo e que, embora privado de seus meios materiais de manifestação, o espírito continua existindo, só então poderemos investigar a quais causas ou razões obedece e responde o valor maior ou menor da entidade espiritual de cada um dos homens.

Para demonstrar que a alma sobrevive ao corpo, não faltam fatos ou razões. Com relação aos fatos, sem negar seu valor aos históricos, cuja comprovação escapou à ciência, existem fenômenos completamente constatados por sábios modernos, que demonstram à evidência a sobrevivência da alma ao organismo material.

Entre outros, alguns casos de telepatia, cuja veracidade perfeitamente comprovada, não pode ser questionada. Quanto às razões, a análise daquelas que advogam em favor da imortalidade facilitará muito a tarefa que nos propusemos a realizar.

A matéria é sempre a mesma em sua constante

transformação. Nosso corpo nada mais é do que o produto da assimilação de substâncias químicas que não nasceram conosco, que antes de nós já existiam na natureza; o potencial funcional é o que transforma em sangue, músculos, nervos e ossos a matéria existente fora de nós. Os elementos que formam o leite que no recém-nascido é transformado em carne, existiam antes do nascimento da criança; e antes da concepção já existiam as substâncias que pouco a pouco formaram seu organismo.

Nosso corpo não começa, portanto, com a nossa vida; e o organismo material é a parte secundária, porque a mais importante é o potencial intelectual ou alma; portanto, não seria lógico supor que ela surja *abrupto*, porque sim, má ou boa.

Se nunca foi visto brotar uma planta já carregada de fruta madura, porque a lei que governa a evolução vegetativa é única e perfeita, não é possível admitir que a lei suprema que governa a própria natureza é imperfeita.

Racional e lógico é reconhecermos que, sem se afastar da lei universal, o potencial intelectual ou espírito vai desenvolvendo-se e formando-se como todos os outros organismos.

Para suas manifestações, para sua evolução, o potencial intelectual precisa da matéria, mas como poderia continuar seu desenvolvimento se com a morte, com a desintegração da parte material, sua ação terminasse?

A matéria, na realidade, só morre na aparência e depois de uma retorna a outra, e sempre em novas vidas; como então o espírito definitivamente terminaria?

Vimos que a alma não é resultante da matéria organizada e pode continuar a funcionar por si só, como é evidenciado pelos fenômenos da anestesia e do sonambulismo. Supormos então, que a alma deixa de existir quando o organismo que depende dela se

torna inservível, além de não poder ser provado, não responderia a uma lei justa ou divina.

Se a alma existe como entidade, ela deve continuar a existir, como acontece com todas as coisas do universo; e em sua existência contínua encontramos a causa de seu desenvolvimento.

Admitindo que as diferenças individuais do potencial espiritual se devem a ele, uma vez que elas são o efeito e o potencial é a causa, explicaremos por que existe quem nasce sendo um Vicente de Paula ou um Sócrates e quem um Heliogábalos ou um Nero.

A explicação de um tal fato, que à primeira vista parece inexplicável ou injusto, é evidenciada pela sobrevivência da alma ao corpo, sobrevivência que demonstraremos ao provar a existência do corpo fluídico independentemente do organismo material ou corporal.

Admitindo que a alma para continuar agindo não precisa do corpo, encontraremos a razão da desigualdade intrínseca entre um potencial e outro e entenderemos por que nasce um Mozart ou um Francisco de Assis e por que nasce um Cláudio ou um Calígula.

Como já dissemos, a história de todos os povos e de todas as idades refere-nos numerosas aparições de corpos fluídicos ou duplos, alguns de pessoas vivas e outros de pessoas falecidas que, em certas ocasiões, apresentaram-se na mesma forma que tiveram em vida.

Esses fatos, embora referidos por homens da mais alta inteligência, de veracidade e exatidão reconhecidas, como entre outros foram Cícero, Tito Lívio, Tácito, Valério Máximo etc., não puderam ser comprovados, como hoje em dia outros foram, graças aos avanços da ciência, que após uma análise detalhada de todas as circunstâncias que os acompanharam, concluíram

deixando uma prova irrefutável de sua real autenticidade.

Porém, se refletirmos bem, fatos históricos, que até agora eram considerados como partos da imaginação ou do autor que os relata, não mais poderão ser descartados, uma vez constatada a possibilidade dos mesmos.

Por essas razões, e para demonstrar que a verdade é, mais ou menos, revelada em todos os tempos, antes de referirmos alguns fatos de nossos dias lembraremos brevemente ao leitor alguns outros que ocorreram em séculos passados.

A citação de aparições referidas pela história, primeiro; depois o relato de outras, que em certos casos, manifestam a ação extracorpórea de uma pessoa viva, que desenvolve efeitos de força psíquica; e, por último, a relação exata das aparições que ocorreram em nossos dias e que foram perfeitamente constatadas como sendo reais, nos levarão por força a reconhecer que a morte não é o que a generalidade dos vivos supõe ser, porque o suposto mundo sobrenatural, habitado por seres sobrenaturais não é, em realidade, outra coisa além de um mundo de percepções transcendentais, que corresponde a um estado transcendental de nossa própria individualidade.

O que ocorre nessas condições não é sobrenatural: são coisas puramente fenomenais, porém reais, como todos os fenômenos que ocorrem na natureza resultam ser.

O estudo da alma humana em sua relação com o tempo e o espaço; sua evolução, sujeita a leis de inalterável justiça e continuidade, nos revelará o porquê do caminhar incessante do progresso individual e coletivo.

Como já dissemos, chegaremos a formar uma ideia mais elevada e racional da grandiosa finalidade de nossa existência e teremos uma noção mais digna e nobre do Universo e de Deus.

Taine¹², em sua obra *A Inteligência*, referindo-se a aparições, conclui que não existem fantasmas nem sombras; que tudo se resume em alucinação e explica dizendo que o primeiro fenômeno da inteligência é a imagem que ela mesma cria, ou seja: uma sensação espontânea, menos precisa e menos enérgica do que a sensação propriamente dita. Essas imagens, criação de inteligência, são de maior ou menor precisão, segundo os indivíduos e as espécies”.

Não seria possível negar a realidade das aparições mais claramente e com melhores teorias. Não existem elas, não existem fantasmas ou corpos fluídicos; são puras criações do cérebro.

As mesmas explicações que Taine dá são aquelas que também Dugald-Stewart expõe: que os atos de concepção e imaginação são sempre acompanhados, mesmo que momentaneamente, pela crença na existência real e efetiva do objeto que as ocupa.

De nossa parte, admitimos que é mesmo assim, quando se trata de fenômenos filhos de uma concepção imaginária. Teorias de Taine e Dugald-Stewart e similares têm seu valor fisiológico; mas embora expliquem como as alucinações são operadas, não demonstram que em todos os casos existe alucinação.

Sem entrarmos no fundo da questão e limitando-nos a combater a teoria da alucinação contínua e universal, com a qual se pretende explicar todos os fenômenos dos quais estamos nos ocupando, poderemos observar que homens eminentes da ciência, como William Crookes, Alfred Wallace, Oliver Lodge, Paul Gibier, Charles Richet, De Rochas, Hippolyte Baraduc, Alexandre Aksakof, Julian Ochorovicz, Carl du Prel, César Lombroso etc., etc.,

¹² Hippolyte Adolphe Taine (Voiziers, Ardenas, 21 de abril de 1828 – Paris, 5 de março de 1893) foi um filósofo, crítico e historiador francês; é considerado um dos

constataram cientificamente que a alucinação não entrava em muitas experiências por eles presenciadas, mas que o fantasma, sombra ou corpo fluídico, tinha sido tão real que chegara a impressionar a placa fotográfica.

Lombroso diz: "às vezes os fatos produzidos pelos hipnotizados ou pelos médiuns também são realizados pelos moribundos, quando, em profunda emoção, pensam na pessoa amada com toda a energia do período pré-agônico".

"Então o pensamento é transmitido sob a forma de uma imagem e temos o fantasma, que hoje é chamado de alucinação verídica telepática".

Sem entrarmos a discutir essa teoria, vamos dizer apenas que pelo menos fica claramente constatado que quem tem a oportunidade de sofrer uma alucinação verídica telepática, ou que, em outras palavras, vê um fantasma, está realmente vendo-o; porque não é o produto da própria imaginação, mas de outra pessoa que às vezes pode encontrar-se a centenas de léguas.

Não se poderá objetar que os fatos que vamos relatar são impossíveis. Em todos os tempos e em todos os lugares, acreditava-se que o aparecimento de pessoas mortas era um fenômeno possível de ocorrer. Os gregos e romanos, em seus tempos mais gloriosos e cultos, acreditavam na existência de fantasmas.

Plínio, o Jovem, um dos homens mais eruditos e sensatos de sua época, fala-nos de uma casa em que grandes ruídos e gemidos eram ouvidos, razão pela qual ninguém queria habitá-la. "Um despreocupado – diz ele – que se estabeleceu ali, durante a noite foi acordado por um grande ruído; e, homem destemido, ele se levanta e, com uma lâmpada em uma mão e uma espada na outra,

lança-se aos pátios e encontra um velho todo coberto de feridas, que lhe conta como ele fora assassinado por ladrões e indica o lugar onde eles haviam enterrado seu corpo. Quando o dia volta, o local indicado é procurado e o cadáver é realmente encontrado.”

Plínio relata esse fato como um acontecimento real e digno de publicação e, a julgar por suas obras, Plínio não era um homem disposto a bobagens.

Historiadores romanos relatam o que aconteceu com Brutus, antes de dar sua última batalha contra as legiões de Otaviano e Antônio. Na véspera da batalha de Filipe, durante a noite, apareceu em sua tenda o mesmo fantasma que já havia aparecido uma noite em seu acampamento na Sardenha, dizendo-lhe: você tornará a ver Filipe. Nesta segunda vez, ele anunciou sua derrota e morte e no dia seguinte esse vaticínio era realizado.

Na Idade Média, por um longo tempo, muitos infelizes foram queimados por terem declarado que tinham visto seres que não eram deste mundo.

É realmente difícil de acreditar que aquelas pessoas que comunicaram tais fatos mentissem pelo prazer de serem assadas vivas; mais razoável seria supor que algo de verdade existisse e que certas pessoas, atônitas ou impressionadas diante daqueles fenômenos, não foram capazes de resistir ao desejo de comunicar o caso, pagando com vida a propagação de uma verdade.

Durante o glorioso tempo do Renascimento, na Itália, Marsílio Ficino, o restaurador da filosofia platônica, junto com Pico de la Mirândola, acreditavam no mundo dos espíritos e sobre essa crença fundaram sua doutrina.

Os biógrafos de Marsílio Ficino contam o seguinte fato: Discutindo um dia com seu discípulo Miguel Mercati, sobre a imortalidade da alma e a existência dos espíritos, como o discípulo

não conseguisse se convencer daquilo que o mestre queria persuadi-lo, concluíram a discussão concordando que quem morresse primeiro apareceria ao sobrevivente. Uma noite, enquanto Miguel estava no quarto estudando, ouviu de repente o som de um cavalo que detinha o galope na porta de sua casa e, ao mesmo tempo, ouviu a voz de Ficino gritando: “Miguel, não há nada mais verdadeiro do que o que é dito sobre a outra vida. Mercati então abriu a janela e, olhando para fora reconheceu o professor que se afastava a cavalo, podendo segui-lo com os olhos até muito longe. Mercati imediatamente enviou um servo à casa dele para averiguações e, assim, soube que seu professor acabava de morrer recentemente”.

Sem garantir a exatidão do fato mencionado, nós nos permitimos fazer a seguinte pergunta: por que, neste caso, não poderia ser uma alucinação verídica telepática, fenômeno já admitido e reconhecido pela ciência?

As experiências do Dr. Baraduc e De Rochas não deixam dúvidas sobre a exteriorização da força psíquica; o tão conhecido caso de Emilia Sagée, que apareceu em dois lugares ao mesmo tempo em presença de um grande número de testemunhas; e o fenômeno análogo produzido pela Senhorita Laure, filha do juiz Edmonds, de quem dizia o Sr. Colman "que às vezes podia exteriorizar à vontade seu espírito e fazê-lo aparecer sob sua própria imagem e assim comunicar-se com pessoas que lhe eram simpáticas", demonstram que, além de nosso corpo orgânico, o espírito pode dispor de outro corpo fluídico, o que foi constatado também em casos de sonambulismo natural ou provocado.

Os fluidos não são matéria orgânica; são uma força que não pode ser destruída ou aniquilada e, visto que a forma fluídica ou fantasma produz fenômenos inteligentes, deve depender do

potencial intelectual ou alma e não do organismo material, que não pode produzir fenômenos inteligentes.

Poderíamos acreditar que o fenômeno só é possível durante o funcionamento do corpo orgânico, mas que, desaparecendo este, tudo acaba.

Essa objeção pode ser refutada de maneiras diferentes, mas será suficiente lembrar que a ciência tem demonstrado que o potencial intelectual não depende em absoluto do funcional, porque pode exercer suas funções quando o funcional está completamente paralisado.

Além dos fenômenos de telepatia que comprovam a existência do *duplo*, há outros ainda mais transcendentais, que provam que o corpo fluídico, além da forma, conserva também a força.

O médico espanhol Otero Acevedo conta uma experiência muito curiosa que teve ocasião de presenciar.¹³ “Em 1889 ele foi a Nápoles, a fim de verificar a autenticidade dos fenômenos ocorridos nas sessões dadas por Eusápia Paladino. O Dr. Acevedo desejava obter uma impressão sobre argila em condições absolutamente inatacáveis. Para esse fim, ele encheu um prato com argila. Concluída a sessão regulamentária (fenômenos habituais), Eusápia Paladino propôs espontaneamente ensaiar a experiência imaginada pelo sábio espanhol. Ela pediu ao Dr. Acevedo que colocasse o prato com a argila bem lisa sobre uma cadeira, na frente dela, a dois metros de distância e que o cobrisse com um lenço”.

“Isso ocorria em *plena luz* e todos os olhos estavam fixos em Eusápia.

“Ela estendeu a mão na direção do prato, fez alguns

¹³ *Animisme et Spiritisme*, por A. Aksakof, pág. 509.

movimentos convulsivos e disse: ‘Pronto!’ Quando o lenço foi levantado, todos os presentes puderam constatar que na superfície da argila estava nitidamente marcada a impressão de três dedos”.

“Nas cartas que o Dr. Acevedo escreveu para mim, afirmava que para ele não existia a menor dúvida sobre a realidade desses fatos, embora tenha participado dessas sessões com as ideias preconcebidas de um *materialista enragé*, segundo sua própria expressão”.

Esse fato extraordinário do desdobramento do organismo humano – fato que deduzimos logicamente do fenômeno da materialização, autoriza-nos a acreditar nos relatos que nos chegam de outros lugares, referindo-se a aparições de *duplos* que produzem efeitos físicos, sem que para explicarmos esses fatos nos vejamos obrigados à hipótese de alucinações visuais, do ouvido ou do toque.

Tendo-se comprovado a realidade do fenômeno essencial, esse segundo tipo de exteriorização seria uma variedade, caracterizada por um grau diferente de corporeidade e de inclinação da distância que separa o fantasma de seu protótipo vivo.

Se o espírito ou potencial intelectual pode, com o auxílio dos fluidos sobre os quais atua, produzir fora do corpo material as manifestações que normalmente produz por meio dele, é preciso convirmos que, para a ação inteligente espiritual, para o potencial ou a alma continuar existindo e agindo, não precisa do corpo orgânico. Este é necessário à alma para a vida terrestre, para as manifestações que com a mesma se ligam, mas terminada esta, destruído o organismo, a alma entra em outro tipo de vida, que nada mais é do que uma modificação da terrena; entra na vida do

espaço, levando consigo o corpo fluídico, que é uma modificação do corpo material, e pode, visto que o espírito conserva suas faculdades, produzir fenômenos inteligentes e materiais, pois o corpo fluídico, por mais que seja diferente do terrestre, não deixa de pertencer à matéria em um estado cientificamente constatado, que foi chamado de: *quarto estado* da matéria.

Visto que o pensamento, a faculdade do potencial intelectual, pode realmente assumir uma forma ou imagem visível, como o próprio Dr. Cesar Lombroso reconheceu, e desde que essa forma, além da aparência, pode conservar uma força que produz efeitos dinâmicos, força que a ciência já reconheceu sob o nome de força psíquica, que razões sérias e lógicas permaneceriam para não aceitar como muito real e muito racional outro tipo de existência, diferente da terrestre, reservada ao potencial intelectual ou da alma?

O relato a seguir, extraído da obra *Lettres de la Princesse Palatine condessa de Furstemberg*, poderia muito bem referir-se a um caso real de telepatia, no qual o pensamento não apenas teria assumido uma forma visível, como também essa forma teria sido acompanhada por sua própria força psíquica, que lhe permitisse produzir efeitos semelhantes aos físicos.

“O conde de Ruperta, muito aborrecido por sua família querer forçá-lo a se casar com outra senhorita, contrariando assim a forte inclinação que ele sentia por mim, decidiu sair para a guerra, mas antes disso desejou ver uma cartomante para consultá-la sobre seu destino. O horóscopo deu o seguinte resultado: O primeiro tiro de espingarda era destinado a ele.

“Antes de sair para a campanha, o conde veio me ver para se despedir de mim; e depois de me contar o que a cartomante lhe dissera, ele me perguntou se eu ficaria com medo se, no caso de se

realizar o horóscopo fatal, logo depois de morto ele me aparecesse para avisar sobre aquela realização.

“Respondi que preferia vê-lo voltar vivo do que fantasma. Então ele, insistindo na lúgubre brincadeira, disse: ‘Dê-me sua mão como promessa de que você não irá ficar com medo’. Acreditando que o que ele queria antes de se separar de mim era se fazer de romântico para me fazer sofrer, não insisti e estendi minha mão. Ele então despediu-se de mim e mais tarde alistou-se no exército e entrou em campanha.

“Várias semanas se passaram desde a última visita do conde de Ruperta, e a lembrança de nossa última entrevista não tinha mais significado para mim do que uma originalidade de namorado, quando uma noite de verão muito quente, não conseguindo dormir, saí da cama e sentei-me em uma poltrona, entregando-me assim a um agradável descanso. De repente, ouço o som de passos como de uma pessoa usando botas de montaria com esporas, e não conseguia adivinhar quem poderia ter chegado à minha casa tão cedo; viro a cabeça para o lado de onde vem o barulho e vejo uma pessoa vestida de preto, que quando reparei nela desapareceu imediatamente.

“Não foi possível eu distinguir claramente o rosto, mas o corpo em seu conjunto era o de Ruperta. Aterrorizada, grito e, ao mesmo tempo, uma mão bate forte no meu rosto e, ao ouvir o barulho do golpe, minha empregada me diz: não se assuste, senhora, é um espírito, agora há pouco eu também o senti.

“Alguns dias depois, tive a notícia da morte do conde, que aconteceu na mesma noite em que tive a visão acima mencionada”.

Desta vez, seria um fato real ou o sonho de uma imaginação exaltada? Não sabemos; mas podemos garantir que, quando os

sábios incrédulos que se dedicaram a negar a possibilidade de tais fenômenos, recusando pesquisas científicas sobre eles, se convenceram de que não era próprio da sabedoria negar *a priori* qualquer hipótese ou afirmação, decidiram analisá-los, demonstrar de uma vez por todas o absurdo de tais estórias; porém, vendo-se forçados a reconhecer a sua realidade e proclamando a sua possibilidade; e comprovada a veracidade de alguns casos, não conseguiram parar de procurar uma explicação.

Teorias foram formuladas – proclamadas inatacáveis por seus autores, mas essas teorias resultaram logo insuficientes, dado o desenvolvimento dos fenômenos e das experiências.

Não pretendemos neste trabalho empreender o exame e a crítica das teorias de Von Hartmann e Lombroso; basta-nos por agora constatar que os fatos antes rotundamente negados por esses mesmos incrédulos tiveram de ser reconhecidos e proclamados como fatos reais, *fatos* em uma palavra, e não sonhos ou estórias.

Se até agora nos limitamos a fatos antigos, não foi por não ser possível relatar outros semelhantes, realizados em nossos dias.

Fenômenos mais extraordinários do que os de Bruto, de Marsílio Ficino e da Condessa Palatine, ocorreram em nossos dias e continuam ocorrendo.

O caso a seguir é relatado na revista *Spiritual Magazine* (1862, página 535) reproduzida pelo *Herald of Progress*, de Boston.

“Vou lhes comunicar um fato que aconteceu com uma senhora amiga minha, vizinha desta cidade, e cuja honra e honestidade estão acima de qualquer suspeita.

“No inverno passado, essa senhora tomou a seu serviço uma

jovem alemã, cujos pais moravam na Alemanha com os outros filhos. Para se comunicar com sua família, essa jovem era auxiliada por sua patroa, que lhe fazia o favor de escrever suas cartas. No mesmo inverno, Barbe, que assim se chamava a moça, caiu de cama doente com febre intermitente. Como às vezes delirava, a senhora a visitava várias vezes durante a noite.

“Outra empregada também dormia no mesmo quarto. A doença a prostrou por duas semanas, período durante o qual a doente costumava dizer à patroa: ‘Ah, senhora, cada noite eu me encontro na Alemanha, perto dos meus!’ Duas vezes em seu delírio chegou ao paroxismo. Uma noite, ela abandonou a cama precipitadamente, levando com ela os cobertores para o quarto próximo; de outra feita ela queria tirar a outra empregada da cama.

“Contudo, ela recuperou a saúde e já havia esquecido sua doença, quando chegou uma carta da Alemanha escrita por seus pais, na qual eles diziam que sua mãe estava em profundo desespero, porque por quinze noites seguidas, sua filha havia batido na porta da casa paterna; eles a deixaram entrar e todos os membros da família a viram e a reconheceram, sem exceção da mãe, que nunca se cansava de exclamar: ‘Ah! Coitadinha da Barbe, ela está morta!’

“Uma noite eles a viram arrancar o cobertor de uma cama para levá-la para outro quarto e na noite seguinte tomando sua irmã pela cintura, queria tirá-la da cama.

“Esta carta assustou muito a jovem. Ela disse que na Alemanha a tratariam de bruxa, motivo pelo qual não quer lembrar um incidente tão extraordinário.

“Acrescentarei que estou apenas comunicando os fatos, tal qual me foram contados pela senhora, minha amiga, que continua

morando em Dayton com a empregada mencionada".

Laura Cuppy.

Dayton, Ohio, em 12 Setembro, 1862.

Se o caso precedente não bastasse, aqui está outro que confirma a verdade do que temos mantido, que consiste em que "a ação física e psíquica do homem não está confinada à periferia do seu corpo".

O fato é referido pelo Dr. Jorge Wyld.

"De quinze anos atrás, eu cultivava uma boa amizade com a senhorita J... e sua mãe.

"Essas senhoras tinham recebido uma educação das mais cuidadosas e merecem fé absoluta. Suas palavras também foram confirmadas pelo relato de uma das empregadas; a outra não foi possível encontrá-la.

"A senhorita J... frequentemente visitava pobres e um dia aconteceu que, enquanto voltava para casa, sentia-se muito mal e muito cansada por causa do frio intenso que estava fazendo, e desejou vivamente chegar logo em casa para se aquecer perto do fogo. No mesmo momento em que esse pensamento lhe passou pela cabeça, duas empregadas que estavam na cozinha viram a maçaneta se mover e a porta se abrir para dar passo à senhorita J... que se aproximou do fogo e aqueceu as mãos.

"O que mais chamou a atenção das criadas foram as luvas verdes de pelica que a senhorita J... estava usando... De repente, ela desapareceu de sua presença. Espantadas e assustadas, correram para contar a aventura à mãe da Srta. J... sem esquecer os detalhes das luvas verdes.

"A mãe, esforçando-se em dominar sua apreensão, disse às empregadas para se acalmarem, que isso não passava de uma

ilusão de sua imaginação, porque sua filha sempre usava luvas pretas e nunca usava luvas verdes".

Meia hora depois, a Srta. J... em pessoa entrava em sua casa e dirigia-se à cozinha para aquecer seus membros entumescidos. Vendo-se então que ela estava usando luvas verdes, porque *não havia conseguido encontrar pretas*. (*Light* 1882, p. 26).

Para que nos estendermos mais contando fatos já relatados em grande número de importantes obras históricas e científicas, da Bíblia, à *Human Nature* e *Light?* De Saul, que através da Pitonisa de Endor, evoca a sombra de Samuel, que surge para profetizar sua próxima morte e derrota, até o caso publicado no jornal *Facts*, comunicado pelo Sr. James M. N. Sherman de Rumford (Rhode Island) reproduzido no *Light* de 1885, página 235, na qual é relatada a aparição constatada de pessoas que morreram quarenta anos antes, existem muitos relatos que confirmam que a alma e o corpo fluídico que a acompanha não são destruídos com a morte do organismo material.

O potencial espiritual continua atuando e conservando a memória de sua vida terrena.

A sobrevivência da alma ao corpo não apenas é demonstrada pela razão e pela fé, mas também pela ciência experimental, no limite que lhe é concedido, em questões tão abstratas.

Seria a expressão de um orgulho desculpável apenas por uma vasta ignorância, argumentar que a ciência pode dar uma explicação completa dos problemas relacionados à eternidade.

Positiva e cientificamente falando, a ciência não chegou a constatar a imortalidade da alma, mas conseguiu verificar que o potencial espiritual sobrevive à matéria e que a matéria orgânica visível não é o único componente do homem.

A ciência também constatou que a própria matéria, em seu

quarto estado, que é o fluídico, sobrevive à orgânica e continua a formar o invólucro do potencial espiritual, que assim pode, à vontade, conseguir se manifestar de forma visível e até materialmente.

Isso é sustentado por alguns sábios, entre os quais destacam Sir William Crookes, Dr. Paul Gibier, Alfred Wallace, Denis, Sir Oliver Lodge, Charles Richet, du Prel, De Rochas, Alexandre Aksakoff, Dr. Baraduc, Zöllner, etc.

A ciência experimental descobriu a parte que poderíamos chamar de material dos destinos da alma humana; mas, enxergar seu destino eterno e sua evolução no tempo e no espaço, ela nunca irá conseguir porque para consegui-lo e prová-lo, seria necessário que a evolução eterna já tivesse sido cumprida, e se assim fosse deixaria de ser eterna.

Para resolver esse problema, o método experimental não é suficiente; o raciocínio iluminado pela fé, pode facilitar a solução dos destinos da alma.

A ciência não tem conseguido explicar a quais leis os fenômenos observados obedecem, mas, com a comprovação dos mesmos, chegou a demonstrar a racionalidade das hipóteses baseadas apenas na fé.

A esfinge inabalável continua a aguardar desde os séculos mais remotos a solução do enigma eterno do princípio e fim da vida.

Nesse mistério, a sabedoria divina é revelada. No cume do progresso está a solução do enigma; mas o homem nunca a alcançará porque ela é o próprio princípio das coisas, é o ser dos seres: Deus!

O homem nunca chegará ao cume, é verdade; mas eternamente correndo atrás dele, sempre adquirirá maior

conhecimento e descobrirá amanhã as verdades ignoradas ontem, encaminhando-se assim à perfeição.

Vimos, portanto, que o homem possui fluidos, modificação dos elétricos, que em certas ocasiões podem ser exteriorizados, conservando a forma do corpo, chegando assim a constituir um *duplo* do mesmo.

Esse *duplo* formado por uma força que não depende nem dos músculos, nem dos nervos, e que seria, por assim dizer, o invólucro da alma, pode separar-se do corpo material e seguir o espírito com a velocidade do pensamento. Seus efeitos físicos e sua forma foram constatados cientificamente.

Está comprovada a possibilidade das aparições após a morte, dos heróis ou dos santos, cantadas pelos poetas ou referidas pelos cronistas religiosos; também está provado que essas crenças, em toda época, têm sido comuns a todos os povos.

Para todos aqueles que consideram impossível o que não conseguem entender, aos *esprits forts*, que zombam de tradições, lendas e histórias; que continuam negando crédito à existência real de duplos, fantasmas, aparições e materializações de pessoas falecidas, como coisas boas para tolos e que não merecem ser seriamente levadas em consideração por um homem de ciência ou bom senso, apenas uma única coisa nos permitimos fazer observar, e o faremos repetindo as palavras pronunciadas por William Crookes:

“EU NÃO DIGO QUE ISTO É POSSÍVEL: DIGO QUE ISTO É!”

CAPÍTULO IX

A alma e o progresso

*É necessário que tivéssemos existido em outra vida,
é necessário que a alma existisse
antes de revestir esta forma humana.
É de toda necessidade que tenhamos aprendido
em outro tempo as coisas que lembramos atualmente.*

Platão

Nos capítulos anteriores, após uma breve resenha da crença em um Deus, comum a todas as religiões, dedicamos nossa atenção ao estudo da questão social, ao contínuo caminhar do progresso e às importantes descobertas científicas que deram como resultado evidenciar a existência real do potencial ou alma que constitui o princípio e a essência do homem, pois, embora a matéria precise dele para se organizar e se desenvolver perfeitamente, ele pode agir fora do organismo e sobreviver a ela.

Temos provado a sobrevivência da alma ao corpo, mas ainda não tentamos investigar a influência e a relação que um fato tão transcendente, deve ter com tudo o que se relaciona com a vida, sob qualquer aspecto a ser considerado, individual ou coletivo,

transitório ou permanente.

Ao fazer a história do progresso, temos constatado que ele nunca se deteve em sua marcha contínua e universal e deduzimos a consequência de que, apesar de tudo, o homem e a humanidade continuarão avançando rumo à perfeição.

Agora devemos descobrir a causa determinante; a lei à qual obedece essa evolução contínua da vida rumo a um ideal cada vez mais elevado.

O egoísmo faz parte, pode-se dizer, da natureza humana, mas, apesar disso, são feitas lutas e sacrifícios para conquistar benefícios que finalmente acabam aproveitando apenas as gerações futuras.

A que devemos atribuir esse instinto de avanço progressivo, material ou moral, segundo as diferentes inclinações, mas universal e comum a todos, como se o homem nunca tivesse que abandonar tudo?

Entendemos que quem acredita verdadeiramente em uma eternidade de gozo ou martírio, pode, para salvar sua alma, dedicar-se ao bem dos outros para garantir o próprio, mas também o incrédulo, que não age por religião e para salvar sua alma, com mais altura de espírito e mais amplitude de vistas do que a maioria dos crentes, dedica, muitas vezes, todas as suas forças ao bem-estar dos outros e à difusão da ciência e da verdade, sem pensar em nenhum interesse pessoal e apenas por amor ao progresso e à humanidade.

Onde encontraremos a explicação de tal aparente contradição?

É preciso investigar a natureza em suas manifestações e estudá-la em nós mesmos, a fim de perceber qual é a causa oculta do avanço e progresso universais; faremos isso com a ajuda do

que disseram a respeito os homens que mais honraram a humanidade.

Não é nosso objetivo agora falar sobre a imortalidade da alma, mas demonstrar a correlação existente entre ideia a inata de imortalidade e o progresso.

O progresso evolutivo seria, portanto, a consequência do adiantamento espiritual de cada um, em sua tendência instintiva à perfeição. Note-se que o verdadeiro crente na imortalidade esforça-se para levar uma vida virtuosa até seus últimos dias, não para ganho material, mas para garantir o futuro de sua alma, demonstrando com isso esse progresso indefinido que é a eternidade para o espírito.

Sem esse propósito baseado na fé, muitos materialistas ou ateus de alta inteligência, sem perceber o porquê de suas ações, trabalham incessantemente para o desenvolvimento espiritual da humanidade, no sentido moral, como Comte, Darwin, Holbach, Cabanis, Bichat e muitos outros.

Por causa disso, a humanidade hoje entrou na posse de conhecimentos que faltavam nas gerações dos séculos anteriores, e a vida social vai sendo transformada ao impulso de aspirações cada vez mais progressistas.

Em todo tempo, desde a mais remota antiguidade, não faltaram homens de gênio que encontraram na eternidade da vida da alma humana, a causa ignota do adiantamento individual de cada pessoa.

Assim pensaram, entre muitos outros, Pitágoras, Platão, Ovídio, Virgílio, Apolônio de Tiana, Orígenes, Giordano Bruno, Lacordaire, José Mazzini, Pedro Leroux, Juan Reynaud, etc., etc.

Assim pensou, o maior entre os grandes: Jesus.

Assim pensaram, nos tempos mais remotos de que tenha

lembrança a História, os caldeus, os hindus e os egípcios.

As imigrações ou metempsicose, que formaram a base das religiões desses povos, eram, em última análise, a crença na imortalidade da alma através de uma série de existências sucessivas, ou melhor, o contínuo e indefinido aprimoramento do homem em sua parte mais essencial, a espiritual; resultando de tais princípios que o espírito, assim como a natureza, fica entretido em uma eterna juventude por uma evolução incessante e progressiva.

Não falaremos agora, repetimos, de imortalidade, nem mencionaremos aqueles que acreditavam firmemente nela, porque nos veríamos no caso de citar quase todos os grandes gênios que ilustraram a humanidade, de Buda e Confúcio, a Dante e Victor Hugo; mas, desejando demonstrar que a causa do progresso humano reside na tendência instintiva da alma rumo à perfeição, nos limitaremos à citação de algumas das opiniões, declarações ou afirmações das grandes personalidades mencionadas acima.

Para destacar melhor a correlação entre umas e outras ideias e a progressão evolutiva das mesmas, seguiremos a ordem cronológica em nossa enumeração.

Pitágoras, nascido na ilha de Samos em 569 antes de Cristo, um dos maiores sábios e filósofos que a Terra já conheceu, após muitos anos dedicados ao estudo das religiões e da ciência, em suas viagens pelo Egito e a Ásia adquiriu o conhecimento mais amplo e profundo que homem algum tivesse possuído naquela época. Em todas as cidades da Grécia e da Itália que ele visitou, e principalmente nas escolas que fundou em Taranto, em Crotona e em seu célebre instituto de Sybaris, ele ensinava e proclamava abertamente: que a alma do homem não só era imortal, mas

constantemente caminhava para a perfeição, chegando a dizer que a alma, para realizar o progresso que lhe era reservado, via-se forçada a se valer da vida terrena e, portanto, de uma sucessão de múltiplas existências em um corpo humano, através das quais, pouco a pouco, ia adquirindo novos conhecimentos e aperfeiçoando-se pelo sofrimento.

Era tão profunda em Pitágoras a convicção de que a evolução intelectual e moral era devida à continuidade do desenvolvimento espiritual, que não só não hesitou em declarar que, com a morte de um homem puro e virtuoso, sua alma retornava à vida material no corpo de um ser superior, mas chegava a dizer que ele próprio se lembrava de uma de suas existências anteriores e citou o nome que havia usado anteriormente.

Platão, aquela excelsa inteligência, cujos lampejos divinos ainda hoje iluminam a humanidade, em suas obras imortais: *Timeu*, *Fedra* e *República*, reconhece a imortalidade da alma, porém, não limitando-se a isso, também diz: “que a alma, sob o impulso de sua contínua aspiração à perfeição, pode se remontar das condições mais baixas às mais altas, após ter sido purificada pela expiação”.

Examinando ainda mais o estado dos homens em suas diversas manifestações, ele os classifica em sua ação humana pelo estado da alma que os anima, atribuindo ao sábio e ao filósofo a mais elevada, ao tirano a mais abjeta e, entre esses extremos, aquelas que habitam nos outros homens.

Ovídio, o poeta que, sob uma forma elegante e terna, expressou tão admiravelmente os sofrimentos do longínquo e duro desterro, em seu *Tristes*; em sua imortal *Metamorfose*, contém no livro XV, alguns versos nos quais diz: “Tudo muda e nada morre; a alma, essência finíssima, vagueia como hóspede

peregrina, de um corpo para outro... Como a cera entre mãos hábeis, recebe, perde, torna a receber e a perder vinte formas diferentes, assim: a alma mudando de figura jamais muda de essência.”

Virgílio canta em seus sublimes versos, que as almas bebem no *Lete* o esquecimento de suas existências anteriores; e Júlio César, em seus *Comentários*, diz que os gauleses acreditavam que a alma retornava à vida terrena e que, nessa crença, chegavam a desprezar a morte.

Apolônio de Tiana, sete séculos depois de Pitágoras, ensina as mesmas doutrinas e surpreende o povo por sua vastíssima erudição e altíssima inteligência.

Muitos séculos depois, o nobre mártir da liberdade de pensamento, Giordano Bruno, um colosso da ciência e da filosofia, que do mais elevado e profundo tratou com insuperável saber; que manteve a verdade até a fogueira e que aos juízes que a ela o condenaram, sereno e digno, respondeu:

“Maior é o medo que vocês têm ao pronunciar essa sentença, do que eu sinto ao ouvi-la”, referindo-se à alma, diz: “Ela não é a harmonia das unidades que compõem o corpo; ela é o que constitui e mantém a harmonia do corpo. Muitas hipóteses diferentes podem ser feitas sobre seu destino; mas o que há de certo é que conhecendo e desejando o infinito e buscando onde quer que seja os meios para se identificar com ele, foi criada para viver sempre.”

Essa mesma teoria responde à outra da pluralidade de mundos habitados e da infinidade e continuidade da criação, pela obra de Deus, suprema perfeição, e que a alma do universo dirige incessantemente toda obra sua rumo ao progresso indefinido.

O grande orador de Notre Dame, o Lacordaire dominicano,

em um célebre discurso seu, pronunciou estas palavras: "Nossa vida é uma sucessão de metempsicoses ou transfigurações que nos levam a Deus".

Após a breve revisão que fizemos das opiniões que na questão transcendental dos destinos da alma derramaram as inteligências mais preclaras que nos séculos passados já honraram a humanidade, certamente será agradável para o leitor saber o que foi que sobre o mesmo assunto, em nossos dias, o ilustre político e filósofo José Mazzini expôs em sua carta-resposta ao *Sylabus*, promulgado pelo pontífice Pio IX.

Eis aqui suas palavras:

"A terra pertence a Deus: ela é uma das infinitas etapas que nos levam ao céu: é a morada de uma de nossas existências e nos foi concedida, para que nela cada um de nós possa se preparar para outra...

"Na infinita série de mundos, milhares de colunas; na longa peregrinação do nosso *Eu*, a Terra tem seu lugar. É uma nota da imensa harmonia da criação; é um elo da imensa corrente que liga o Universo ao trono de Deus.

"A vida é uma missão, a nossa vida na Terra representa uma parte dela.

"Nosso dever consiste em descobrir, entender e conquistar o fragmento da grande lei, na parte acessível às faculdades humanas que se desenvolvem aqui na Terra. Todos e cada um de nós deve se esforçar para alcançar aquela parte da *Verdade Eterna* que nos é permitido entrever aqui.

"Ao fazê-lo, elaboraremos o homem-anjo e, em desobedecendo essa lei do progresso, teremos que percorrer o mesmo caminho novamente.

"Acreditamos que sendo uma lei da vida, o próprio

progresso que é feito na coletividade também deve ser cumprido no indivíduo; e como o progresso indefinido, concebido pela consciência, não pode ser realizado em nossa curta existência terrena, acreditamos que será realizado em outro lugar.

“Acreditamos: que, da mesma maneira que a humanidade *coletiva* conquista, desenvolvendo-se e progredindo, a noção de seu próprio passado, assim o *indivíduo*, avançando no caminho do progresso em proporção à sua elevação moral, conquistará a consciência e a memória das suas passadas existências.

“Acreditamos: que o progresso, lei divina, será infalivelmente cumprido em todos: mas também acreditamos que devemos merecê-lo, Deus nos deu o tempo e o espaço, como campo de ação.

“Acreditamos: na liberdade humana, na condição da humana responsabilidade; e que tudo aquilo que é contrário ao progresso, à liberdade, à igualdade e à solidariedade humana, é um mal; e que tudo o que favorece o seu desenvolvimento é um bem.

“Acreditamos: que o instinto do progresso, que desde o princípio da humanidade se revelou no homem e que é a principal tendência da inteligência, é para os homens a única revelação de Deus, revelação contínua e comum para todos: que em virtude dessa revelação a humanidade caminha de época em época, de religião em religião, rumo à perfeição que lhe corresponde”.

Até aqui, Mazzini.

Seu contemporâneo Pedro Leroux, filósofo, orador e político, em seu livro *A Humanidade*, expressa as mesmas ideias em outro estilo.

Juan Reynaud, em seu livro *Terra e Céu*, nos parágrafos que vamos citar, resume assim ideias e crenças sobre a imortalidade e o adiantamento progressivo do espírito em relação ao do

Universo: “De mundo em mundo, de vida em vida, sempre conduzida pela tendência que ela sente de se elevar de uma esfera inferior para outra superior, desaparecendo de uma para reaparecer em outra, sempre dotada das forças plásticas necessárias para formar os órgãos materiais de que precisa, a alma humana com maior ou menor retidão e felicidade, por fases sucessivas caminha continuamente rumo à perfeição infinita; nascida nos baixos fundos do universo, entretida em suas regiões intermédias, após uma série de provações mais ou menos longas ela alcança as regiões felizes e sublimes, um prêmio de grandeza inconcebível pelos méritos que soube conquistar.”

As palavras que acabamos de citar devem ter contribuído, e não pouco, para dar autoridade e força à tese que estamos desenvolvendo desde o início.

Lembremos agora alguns conceitos de um contemporâneo, de um amigo e distinto compatriota, preclaro cidadão e católico sincero. Nós nos referimos ao Dr. José María Zuviría, autor de uma história argentina, do poema *Abel*, das obras *Religião e Religiões*, *O século XIX* e várias outras.

A teoria que apoiamos não pertence, portanto, apenas à antiguidade ou ao outro hemisfério, mas também a uma nação jovem, como é a nossa e, em nossos dias, um argentino de reconhecido valor intelectual e moral, veio espalhando-a e fortalecendo-a com sua palavra autorizada.

“O homem chama – diz ele – de *seu destino*, àquela entidade imaginária à qual atribuímos todos os efeitos sem causa visível, todo acontecimento sem lógica e sem ordem aparente, as penalidades e punições por crimes ignorados, os males, as dores, as angústias, pesando sem razão ou justiça suficiente, em nossa opinião, sobre seres aparentemente inocentes, inermes e

desamparados; sobre a criança que nasce chorando para morrer, após um dia, um mês, um ano talvez, em meio aos estertores de uma lenta agonia; sobre aquele que nasceu deforme e está sujeito a doenças crônicas desde a infância ou a idade viril e que o acompanharão sempre e fatalmente até aquela outra infância mais miserável e infeliz, a triste e desamparada velhice.

“....Assim e para isso nascemos – assim morremos, e no destino comum, idêntico e ignorado que pesa sobre a humanidade, poderíamos sempre repetir as imprecações de Jó.

“... Se tudo isso não basta para tranquilizar nossa razão e os instintos da humana justiça, devemos acreditar que tais efeitos provêm de causas que são totalmente desconhecidas para nós, de mistérios divinos que somos proibidos de penetrar; das leis da ordem intelectual e moral que ignoramos e que têm, sem dúvida, sua origem na causa primeira: Deus criador, fonte de toda justiça, de toda verdade, começo e fim da ordem, da harmonia e da perfeição absoluta.

“...Como a matéria vem mudando no homem, reproduzindo-se e renovando-se nas várias formas que parecem constituir vida no eterno da humanidade, assim a alma imortal deve estar sendo renovada em várias existências sucessivas, nas quais muda de condição, revestindo cada vez maior pureza, assim como a matéria, à medida que vai mudando de forma, por força deve revestir maior beleza e perfeição.

“Nem para o espírito, nem para a matéria, em nossa existência atual, haveria tempo para o processo fatal de nossa evolução e aprimoramento.”

Como se vê, não se poderia coordenar mais explicitamente o desenvolvimento do progresso com o da alma.

Não queremos, no entanto, concluir esta resenha, sem dar

todo o valor e a autoridade impressas nas palavras da mais sublime entre as criaturas humanas: Jesus!

As palavras do Mestre serão a ratificação definitiva da verdade que contém as doutrinas dos pensadores que viemos aqui citando.

Lemos no Evangelho que um dia os apóstolos disseram a Jesus: "Alguns falam que você é João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou outro profeta". E ele lhes respondeu: "E vocês, quem acreditam que sou?" (Mateus, 16: 13).

Essas poucas palavras mostram quais eram as crenças dos apóstolos em relação à preexistência da alma e provam que Jesus também participou dela, uma vez que não os censura por tais palavras, mas confirma-as com a pergunta que faz.

No evangelho de São João (2: 1-21), lê-se o seguinte (versículo 3):

"Em verdade vos digo que ninguém pode entrar no reino dos céus, se antes não torna a nascer."

Não é nossa intenção nos estendermos agora na interpretação dessas palavras, citadas para demonstrar que Jesus, como Platão e outros grandes, ensinava que a alma para realizar seu progresso, para alcançar a perfeição, que outra coisa não é o reino de Deus, não poderia fazer isso em um tempo tão curto quanto o da vida terrena.

O exposto acima demonstra claramente que todos aqueles que se dedicaram a estudar o problema do progresso individual e coletivo não encontraram outra solução, senão a sua indissolubilidade com a tendência a ele inerente ao espírito; explicando desta maneira a evolução progressiva da humanidade e, com base nela, declarar que o progresso não pode deter-se nem chegar ao fim.

CAPÍTULO X

Continuidade da vida espiritual

***Quando Deus criou o homem,
Ele organizou tudo, detalhes e cenários,
com o propósito de salvação geral.***

São Clemente de Alexandria

***Há necessidade da natureza para que
a alma imortal se cure e se purifique, e se não
o fez durante sua vida terrestre, a cura
possa ocorrer em vidas futuras e sucessivas.***

São Gregório de Niceia

“Quando começo a falar nos sofrimentos das crianças, acredite, sinto-me afligido por dores profundas, nem sei absolutamente o que poderia responder. E não falo apenas das tristezas que sofrem após a morte por sua inevitável condenação, se seus espíritos deixaram o corpo sem o sacramento de Cristo;

mas também daquelas que nesta mesma vida, em meio aos nossos lamentos, sofrem sob nossos próprios olhos. Se eu fosse enumerar essas penalidades, faltaria antes o tempo para fazê-lo do que os exemplos; definham em doenças, sofrem dores atrozes, atormentadas pela fome e sede, membros enfraquecidos, alterados os sentidos, agitados por espíritos imundos. *Seria, portanto, conveniente demonstrar* como elas podem sofrer tudo isso com justiça, sem serem elas próprias a causa, porque de maneira alguma se poderia dizer que essas coisas acontecem sem que Deus tenha conhecimento delas, ou que Ele não possa resistir àqueles que as produzem, ou que Ele possa permiti-las ou fazê-las se não forem justas.

“Quando homens adultos sofrem esses tormentos, tendemos a dizer que suas virtudes são postas à prova, como em Jó; ou que seus crimes são punidos como em Herodes. Do pequeno número de exemplos que Deus designou nos manifestar, deduzimos a razão dos casos que não explicamos. Mas estes só podem ser aplicados a homens adultos.

“No que diz respeito às crianças, não havendo pecado algum nelas, não há razão para puni-las com esses sofrimentos.

“Digam-me, então, o que pode ser respondido.”

Assim fala uma das maiores inteligências da igreja: o grande Santo Agostinho.

Como explicar que as eternas leis da natureza sejam baseadas na injustiça, no acaso ou o capricho?

A admirável e perfeita ordem que rege tudo o que é material, desapareceria ao penetrar no espiritual?

A ciência experimental não pode resolver esses problemas, mas a razão deve suprir a ciência e pelos efeitos descobrirá a causa. O procedimento é perfeitamente científico, embora não

possa se valer de dispositivos mecânicos ou químicos.

As forças de coesão e atração, a eletricidade, a centrípeta e centrífuga, a vital, não são coisas visíveis, que possam por si só serem constatadas, mas apenas pelos resultados visíveis.

O que *em si* seja o potencial intelectual ou alma, cuja existência demonstramos, também não o saberíamos se nos limitássemos ao seu estudo exclusivo e direto; mas comprovado que o potencial espiritual é uma força que produz efeitos inteligentes, analisando esses mesmos efeitos, devemos chegar a perceber as leis que regem seu desenvolvimento.

Procedendo racional e logicamente, auxiliando-nos dos poderes do potencial intelectual, tentaremos responder à pergunta formulada pela alma angustiada de Santo Agostinho.

"Expliquem-me, então, o que pode ser respondido", diz o bispo de Hipona: "Como tantas e tantas injustiças podem acontecer, existindo um Deus infinitamente justo?"

Na sua própria teoria da *Graça*, ele não conseguia encontrar a explicação.

A única explicação possível é demonstrar que não existe injustiça, e o único que pode provar isso é a lei da preexistência e da reencarnação.

A primeira objeção consiste: em que sua verdade não pode ser comprovada material ou experimentalmente; a segunda: em que, se tendo existido anteriormente não nos lembramos, seria a mesma coisa que não ter existido.

Vamos então examinar o valor que essas duas objeções podem ter e ver se elas realmente podem resistir à crítica.

Se contemplamos uma obra de arte perfeita ou se lemos um bom trabalho literário ou filosófico, adquirimos a convicção de que seus autores devem ter sido inteligentes, embora não

possamos constatar isso materialmente. E baseamos nossa afirmação em que, para realizar obras que revelam inteligência, é preciso ser inteligentes, porque, *racionalmente*, não pode ser de outra maneira.

Quando a prova material se torna impossível para demonstrar o valor de uma hipótese, é forçoso, então, recorrer à prova racional; e até prova material contrária, temos de considerar exato o que a razão nos demonstra que é.

Portanto, quando ouvimos uma mesma pessoa falar várias línguas corretamente, usando a lógica racional, deduzimos que ela deve tê-las praticado ou estudado, embora não possamos comprová-lo materialmente.

Respondendo então à primeira objeção, devemos declarar: que até não ser provado o contrário de maneira científica e experimental, devemos considerar a preexistência e a reencarnação como coisas reais, pois a razão e a lógica nos mostram que sua realidade é mais racional do que sua negação.

Não sabemos se um dia a ciência conseguirá comprovar experimentalmente a eficácia do que em solitário a razão nos apresenta hoje como lógico e necessário, como já tem conseguido com relação a outras deduções filosóficas, como a existência da alma; mas sem medo de estarmos errados, podemos desde já admitir, como real e efetivo, aquilo que razão, base essencial da filosofia e da ciência, nos apresenta como mais lógico e racional.

Deixando por um momento de lado o argumento metafísico, vamos analisar um pouco a questão transcendental com o de ordem científica.

A matéria que compõe nosso corpo ao nascer existia antes de nós, e a matéria não é a parte mais nobre do homem, pois o potencial intelectual ou alma é infinitamente superior a ela em

tudo.

Se nos disserem que na criança o potencial intelectual não é revelado, responderemos que também não é revelado um homem nela; mas, observando bem, mais se reflete a existência do potencial intelectual em seu olhar vivo e atento, do que em seu corpo frágil pode revelar-se a força física e as características fisionômicas do adulto.

Existem muitos exemplos que demonstram que a *inteligência* se manifesta e se desenvolve antes que o organismo possa produzir seus efeitos físicos.

Se o potencial intelectual em geral não pode se manifestar em tenra idade, é porque os órgãos que são seus auxiliares ainda não estão em condições de desempenhar suas funções.

Nos capítulos anteriores, vimos que a alma não é uma resultante da matéria organizada e que as *inclinações más ou boas* são reveladas desde a infância; então é lógico supormos nelas um princípio diverso.

O Criador certamente pode criar quanto melhor quiser, e nisso são baseados aqueles que sustentam que a alma é criada no momento da concepção ou nascimento; mas admitindo que Deus criasse nossos espíritos ao nascer, Ele os criaria todos iguais, pois não pode ser injusto ou caprichoso.

Já sabemos que esse gravíssimo problema da desigualdade original do potencial espiritual tentou ser resolvido com uma teoria contrária às leis da evolução, que são as que revelam Deus no Universo; queremos nos referir à teoria *da Graça*, que nos dá a entender que a Inteligência Suprema distribui com parcialidade seus dons, dando a um "um talento e a outro dez"; castigando um deles eternamente pelo primeiro pecado e perdoando mil a outro para que alcance a recompensa eterna.

Mas entenda-se bem, tais monstruosidades, Deus nunca as revelou a ninguém – elas foram atribuídas a Ele por homens que ousaram discutir até mesmo em detalhes o Deus eterno e infinito, explicando por que Ele fazia tal coisa em um caso e por que agia de maneira diferente em outra ocasião. Escolásticos e Tomistas rabiscaram toneladas de papel, discutindo Deus, seus atributos e suas leis....

Quanto melhor teriam feito lembrando as palavras de Giordano Bruno: “*Discutir a Divindade é atribuir um limite a ela e, portanto, diminuí-la!*”

Qual das duas teorias é a mais razoável? Aquela que a *Graça* sustenta ou aquela que dá a cada um o que ele merece?

Dizem que a parábola dos *talentos* está em contradição com a ideia de que Deus criou todas as almas em condições iguais; atribuindo a todos e a cada um a resultante lógica de suas ações.

Jesus diz: quem recebeu cinco *talentos* e os dobrou com seu trabalho foi recompensado ou foi-lhe dado mais; enquanto aquele que não tirou proveito do único *talento* que lhe fora confiado, foi punido ou foi-lhe tirado.

O que ao nosso ver a alegoria significa é que Deus estabeleceu por sua lei que todos devem justificar que trabalharam de acordo com suas próprias forças e que é obrigatório para todos o esforço de progredir. O germe do progresso, o meio para iniciar o movimento progressivo, Ele o concedeu a todos e ninguém deve permanecer estacionado, sob a penalidade de ficar para trás.

Aquele que na existência atual chegou a ser possuidor de cinco *talentos*, não se julgue por esse motivo com direito à inatividade e passe a tirar deles o proveito que puder; e aquele que ainda não conseguiu possuir mais do que um único *talento*,

que se esforce para obter dele o proveito correspondente.

Longe de contradizer a lei da preexistência, essa parábola parece confirmá-la, porque destaca a lei do progresso; quem tem cinco *talentos* não deve imaginar que seu trabalho está terminado e que já tem o direito de descansar, nem aquele que ainda tem só um deve desistir de obter mais.

Jesus, nessa parábola, explica o que devemos fazer em nossa existência terrestre: cada um trabalhar pelo seu próprio progresso, de acordo com suas próprias forças.

Portanto, não se pode deduzir da *parábola dos talentos* que Deus cria as almas em condições desiguais e que isso pode acontecer sem faltar à lei da justiça, pois exigiria apenas o que corresponde à capacidade de cada uma. Repetimos; não deve ser interpretado assim: refere-se apenas aos vários estados em que a alma pode se encontrar durante uma vida terrestre, e tem a intenção de nos fazer conhecer o dever em que estamos de nos valermos das nossas forças para desenvolver as faculdades que, em germe, todos nós possuímos.

Quem tivesse recebido uma alma medíocre nunca seria capaz de buscar os prazeres reservados a uma alma grande e elevada.

Um selvagem pode considerar como o máximo da felicidade uma boa pesca ou um bom toldo; mas não se diz por esse motivo que quem mora em um palácio esplêndido não desfruta de maior conforto.

O antropófago da Nova Zelândia faz sua maior felicidade consistir em matar seu inimigo e comê-lo; mas não se poderia dizer por isso que sua felicidade seja igual à vivida pela irmã da caridade, que oferece sua vida para salvar a de uma pessoa doente ou ferida.

A obrigação de todos é fazer bom uso do que se tem; disso deveremos dar satisfações. O ponto de partida é o mesmo para todos e para todos é a mesma a distância a percorrer, mas quem realiza maiores esforços alcança primeiro a meta. Não cabe injustiça alguma nas leis de Deus, assim como não cabe alteração alguma nas leis da natureza. O começo e o fim estão entrelaçados e um só é o meio de atravessar a distância.

A duração da viagem depende do uso que se fizer do livre arbítrio.

Mas, deixando por um momento a elucidação do problema pelo simples raciocínio, vamos ver se, nas próprias doutrinas de Jesus, encontramos algo que possa favorecer nossas conclusões.

“Jesus¹⁴ estabeleceu e resolveu, da maneira mais dogmática e afirmativa, a questão capital da alma; isto é, a lei da reencarnação. Mas quando Ele falava com os judeus, que na época mal tinham noção da existência espiritual, era forçado a guardar uma excessiva reserva e deixar apenas vislumbrar a parte da verdade ou da luz que eles podiam entender ou suportar: Ele os deixou entrever a necessidade do renascimento antes de chegar pelo próprio merecimento à glória em Deus.

“À pluralidade de existências, Jesus sem dúvida se referia quando disse: ‘muitas coisas eu ainda teria para lhes contar, mas vocês não poderiam suportá-las’.

“De fato: como falar da pluralidade dos mundos habitados a pobres pescadores que nada sabiam sobre astronomia? Como fazê-los entender que as estrelas do céu e outros globos invisíveis faziam parte das múltiplas estações que o homem terá de percorrer, de existência em existência, de perfeição em perfeição, para chegar à *Casa do Pai*?

¹⁴ *Religione e Sacerdozio* — Ernesto Volpi.

“São Paulo, que com sua grande inteligência teria compreendido, não recebeu diretamente o ensinamento evangélico. Tendo-se convertido após a morte do Divino Mestre.

“É altamente conclusivo para a questão com a qual estamos lidando, a seguinte passagem do Evangelho de São João, além de outras que testemunham a reencarnação de Elias.

“1º Havia um homem na seita dos fariseus, chamado Nicodemos, que era um dos principais entre os judeus.

“2º Ele foi a Jesus à noite e disse: Mestre, sabemos que você foi enviado por Deus, para nos ensinar, porque ninguém pode fazer as maravilhas que você faz, se Deus não está com ele.

“3º Jesus respondeu-lhe e disse: Em verdade, em verdade vos digo que quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus.

“4º Nicodemos disse-lhe: Como pode um homem renascer, sendo já velho? Por acaso ele pode voltar a entrar no ventre de sua mãe e renascer?

“5º Jesus respondeu: Em verdade, em verdade eu te digo que quem não renascer por meio da água e do espírito santo, não pode entrar no reino de Deus.

“6º Aquilo que é gerado pela carne, carne é; e aquilo que é gerado pelo espírito, espírito é.

“7º Não se surpreenda se eu lhe disse: é preciso vocês nascerem de novo.

“8º O Espírito sopra onde quer: você ouve o som, mas não sabe de onde vem ou para onde vai; a mesma coisa acontece com qualquer um que tenha nascido do espírito.

“9º Respondeu-lhe Nicodemos e disse: Como pode ser isso?

“10º Jesus respondeu e disse-lhe: Você é mestre em Israel e não entende essas coisas?

“11º Em verdade, em verdade te digo que nós falamos do que sabemos e atestamos o que vimos, e vocês não acreditam na nossa afirmação.

“12º Se eu falei sobre as coisas da Terra e vocês não acreditam em mim, como iriam acreditar se eu falasse sobre as coisas do céu?

“13º Ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu.

“Muitos tentaram dar a essas palavras uma interpretação diferente à daqueles que querem considerá-las como confirmação da verdade da reencarnação, mas devemos começar por advertir que a palavra *santo* anexada à palavra *espírito* no quinto versículo foi adicionada por vários tradutores, entre os quais “Martini”, que é o mais credenciado pela igreja católica. Eles interpretaram que Jesus queria aludir ao novo nascimento, como um lavatório de geração através do batismo, e acreditaram adicionar à palavra *espírito* o qualificador de *santo*, mas, na realidade, essa palavra *santo* não é encontrada no original grego de São João.

“Essa palavra anexada também não aparece nas traduções de Diodati e outros.

“Na palavra *água*, é preciso reconhecer o símbolo da matéria, porque, nesse sentido, é usada em várias passagens do Gênesis: O espírito de Deus era levado sobre as águas, nadava sobre a superfície das águas. O firmamento é feito em meio às águas.

“Por outro lado, o versículo 6º esclarece o precedente com a seguinte ideia: *Aquilo que é gerado pela carne, é carne, e aquilo que é gerado pelo espírito, é espírito.*

“O versículo 5 deve ser interpretado da seguinte maneira:

“Em verdade, em verdade eu te digo: quem não renasce por

meio da carne (água, matéria) e do espírito, não pode entrar no reino dos céus; claramente significando com isso as existências alternativas da carne e as do espírito; pelas quais o homem deve passar antes de alcançar a meta.

“O Martini, sempre preocupado com o renascimento através do batismo, usa a frase: *o espírito sopra* etc., em vez de traduzir: *o vento sopra*, assim como outros tradutores católicos e como a palavra realmente significa no texto original.

“*Alento, sopro*, e não espírito, é a palavra que corresponde ao texto grego de São João.¹⁵

“Se Jesus quisesse se referir à necessidade do batismo para renascer a uma nova vida, ele não teria falado tão obscuramente, torturando a inteligência de Nicodemos com suas palavras e facilmente teria encontrado termos que, desde o início, afastassem a ideia do renascimento no ventre de uma mulher. São João batizava há muito tempo, e o símbolo dessa cerimônia formava um dos princípios mais conhecidos da nova fé. Se Jesus estivesse se referindo a isso, não se entenderia qual o motivo para deixar Nicodemos em dúvida e ignorância. Seria mais lógico supor que, vendo Ele um chefe de Israel, quisesse fazê-lo entender coisas que não ensinava ao vulgo, e não que quisesse embrulhá-lo, falando metaforicamente de uma coisa já conhecida até mesmo pelo próprio vulgo.

“Os esclarecimentos que julga conveniente dar a Nicodemos para fazê-lo entender melhor o que Ele havia dito, valorizam a interpretação dada às palavras de Jesus por aqueles que como nós as entenderam. De fato, Ele acrescenta: Não se surpreenda se eu disse que é necessário que vocês tornem a nascer. O espírito sopra

¹⁵ πνεύμα: hálito, sopro — Na tradução neogrega usa-se a palavra **ανεμος**, que também significa hálito, sopro forte.

onde quer e você ouve seu som, mas não sabe de onde vem ou para onde vai; assim acontece com qualquer um que tenha nascido de espírito.”

A interpretação que deve ser dada a essas palavras, para explicar tudo bem, não pode ser outra a não ser a seguinte: “O *ar* sopra onde quer e você ouve seu som, mas não sabe de onde vem nem para onde vai; assim, todos *os nascidos de espírito* ouvem a voz interior deste, mas não sabem de onde vem ou para onde está indo; e não deveria lhe causar estranheza, se eu lhe digo, que com esse espírito, vocês precisam nascer de novo.”

Convém fazer notar que a frase *nascido de espírito*, usada para indicar a individualidade humana, lança muita luz sobre a outra do versículo 5º onde se diz: *que o homem deve renascer de espírito*; porque se, de acordo com a ideia de Jesus, o homem era um *nascido de espírito*, dizendo que o mesmo *homem devia renascer de espírito*, necessariamente Ele devia estar se referindo ao *espírito* com o qual já havia nascido uma vez em um corpo orgânico humano, e não de espírito santo. E fazendo distinção entre o que é gerado pela carne e o que é gerado pelo espírito, Jesus não apenas queria esclarecer sua ideia principal, mas também queria ensinar a existência dos dois corpos, *um material e outro etéreo*, que compõem o homem terrestre, como São Paulo mais tarde apontou.

Finalmente, das palavras "você é mestre em Israel e não entende essas coisas", fica claro não apenas a estranheza que causa nele perceber que Nicodemos ainda não está em posição de entender seus ensinamentos, mas também um velado pesar por ter errado ao querer ensinar-lhe *coisas novas*, como a um homem não-vulgar.

Os versículos 11, 12 e 13 explicam mais claramente os

precedentes, porque, em resumo, eles dizem o seguinte: Em verdade, em verdade eu te digo, que atestamos a verdade, mas não podemos fazer que ela seja entendida completamente, porque para isso eu teria que falar sobre coisas que têm sua causa no céu e que se manifestam na Terra com o renascimento.

Como eu poderia fazer vocês entenderem o que está acontecendo no céu, se vocês ainda não são capazes de entender o que está acontecendo na Terra? Só compreendo as coisas do céu e só poderei ir diretamente para o céu quando me desapegar do meu organismo material, porque já o habitava antes de me reencarnar entre vocês, enviado em missão pela vontade do Pai.

Por outro lado, não é possível admitir que Jesus quisesse impor o batismo como algo absolutamente necessário para entrar no reino dos céus. Para esse fim, nos remetemos a São Paulo, que em sua epístola aos romanos, em termos muito explícitos diz: “Deus retornará a cada um segundo suas próprias obras, de modo que também os pagãos que observam a lei natural, sejam considerados como circuncisos, e será juiz daqueles que, fazendo ostentação do conhecimento da lei e da circuncisão, praticam o contrário da lei.”

Resulta então do exposto que, sem qualquer alteração do evangelho de São João e estudando-o em detalhes e em conjunto, Jesus considera a reencarnação necessária para todos os viventes como meio de aperfeiçoamento.

Cada jornada de nossa vida espiritual corresponde a uma vida material ou terrestre, e durante essa jornada não devemos perder o nosso tempo: se já conseguimos possuir cinco *talentos*, devemos, com nossas boas obras, tentar duplicá-los, para nos encontrarmos com esse capital no início de outra jornada espiritual correspondente a outra vida material.

Deixaremos por enquanto o exame de tudo o que a respeito da reencarnação homens de excelente conhecimento e virtude disseram ou escreveram, e nos limitaremos a investigar se os fenômenos que o estudo da alma nos revela, indicam nela outra vida anterior, ou se a existência atual pode explicá-los suficientemente.

Antes de fazê-lo, consideramos oportuno lembrar que o dogma do inferno eterno é um dogma que a Igreja considerou necessário admitir e proclamar por razões de utilidade própria e tendo em vista o atraso da humanidade, cujo estado exigia o medo como um freio às paixões, pois ela mal podia entender a doutrina da regeneração através do amor e da expiação.

Os doutores mais ilustres da Igreja assim o entenderam e assim o manifestaram.

Citaremos apenas as palavras de São Jerônimo, um dos maiores doutores da Igreja, que combatendo contra as doutrinas de Orígenes, disse: “Essas são as razões em que se apoiam aqueles que querem dar a entender que, após os suplícios e tormentos, virão o perdão e o sossego. É isso que se deve ocultar por enquanto daqueles para quem o medo é útil, para que se abstenham de pecar pelo medo dos suplícios. (*quae nunc abscondendas sunt ab his quibus timor utilis est; ut dum supplicia reformidant, peccare desistant*)”.

Entrando agora no estudo dos vários estados que o espírito humano revela, é preciso perceber bem se é possível ou não compreendê-los dentro de uma única existência.

Que o potencial intelectual não está em todo ser humano à mesma altura, é um fato reconhecido. Que tal diferença existisse nele, em sua essência, antes de que lhe fosse possível se manifestar por meio da vida temporal, não pode ser admitido,

porque isso seria contrário à justiça. A que causas devemos então atribuir essas diferenças?

Não acreditamos que possa ser sustentado e muito menos demonstrado, que ao nascer todos tenhamos inteligência igual e que, obter dela um resultado maior ou menor, seja obra da educação, do ambiente ou das circunstâncias. Se esse fosse realmente o caso, crianças que em igualdade de circunstâncias, idade, tempo e ambiente recebessem a mesma educação, tirariam todas elas um proveito igual e apresentariam os mesmos resultados.

Porém, é sabido que isso nunca acontece porque, desde a mais tenra idade, a desigualdade das inclinações já é revelada e a inteligência de uma pobre criança que não recebeu nenhuma educação, já descola sobre a de outra que, graças à sua posição, às circunstâncias e ao meio ambiente, pôde ser cercada pelos cuidados morais e intelectuais mais esmerados.

Muitíssimos filhos de ricos e poderosos tiveram à disposição melhores meios para cultivar sua própria inteligência do que aqueles que estiveram ao alcance de Newton, Cervantes, Rafael, Sanzio, Pascal, Leibniz, Cromwell, Cristóvão Colombo, Pasteur, etc. etc., e ainda assim os nomes daqueles passaram despercebidos.

Na escola militar de Brienne, muitos jovens da mesma idade receberam a mesma educação e respiravam o mesmo ambiente, mas houve apenas um Napoleão.

Assim, nem a educação mais cuidadosa nem o ambiente mais favorável podem dar ao potencial as faculdades que lhe faltarem; seu papel é limitado a desenvolvê-las ou direcioná-las. O talento e muito menos o gênio não são dons que se adquirem; eles pertencem exclusivamente ao potencial ou alma e nascem com ele.

Rafael, Michelangelo, Mozart e Napoleão tiveram mestres,

mas nenhum destes conseguiu realizar um trabalho que igualasse a Transfiguração, o Moisés, o Don Juan ou Austerlitz.

As crianças prodígio, que em uma idade em que outros ainda não conseguem entender por que o total de uma soma é equivalente a todos os fatores parciais, já resolvem problemas geométricos e algébricos, como entre outros, os pastores Enrique Mondeux e Vitor Mangiamele; que superam seu mestre como Giotto discípulo de Cimabue; como Pico de la Mirândola, considerado uma das inteligências mais cultas de seu tempo; como Rameau, que aos 7 anos de idade, e Baptist Raisin, aos 4, já eram considerados bons músicos; como os dois Lazzaroni que, aos 7 anos, percorrem a Europa, despertando espanto e admiração.

Michelangelo, criança ainda, é despedido de seu mestre, o famoso Ghirlandaio, com estas palavras: “Não posso ensinar nada mais a você”.

Marcília Eufrosina, aos treze anos, erige um monumento funerário para o pai, o arquiteto Apollodoro, vítima de Adriano, monumento considerado uma obra admirável de escultura e arquitetura.

Augusto e Tibério Graco, os dois filhos de Cornélia, com 9 anos de idade já são oradores poderosos, ao ponto de Tibério, nessa idade, pronunciar a oração fúnebre de seu pai em Roma.

No século XVI, o escocês Jacques Crichton (nascido em 1575) percorre a Europa inteira e, em latim, grego, hebraico e árabe, discute qualquer assunto, maravilhando os sábios e teólogos de Paris, Veneza, Roma e Pádua, antes de completar 15 anos.

Como, afinal, aquele menino cego, que aos dez anos de idade acaba de compor uma grande missa, a três vozes, na cidade de Veiviers, na Bélgica, uma missa que os mestres consideraram como uma obra musical perfeita.

Todas essas crianças prodígio, cuja lista concluiremos aqui porque seria longa demais, demonstram claramente que todos nascemos com inteligência desigual e que a genialidade não é fruto da educação, do ambiente ou das circunstâncias.

O ditado vulgar "este menino é um demônio, este é um anjo", que tantas vezes ouvimos as mães repetirem, é a revelação inconsciente de uma profunda lei fisiológica e moral.

Vamos ver agora: como essa evidente desigualdade original em faculdades intelectuais e morais pode ser conciliada com a justiça divina?

Admitir o *acaso* como a causa dessas diferenças não seria resolver o problema, e sim complicá-lo, pois isso importaria a negação das leis divinas que devem ser justas e inalteráveis.

A ideia do *acaso*, não motivada, é filha da nossa ignorância.

Todo efeito deve obedecer a uma causa; se ocorrerem efeitos negativos em nós, devemos procurar a causa; se os efeitos forem bons, a causa também estará em nós.

Resultaria, então, que a desigualdade de faculdades do potencial espiritual é uma consequência de causas que se encerram nele mesmo.

Será objetado que, ao nascer, ainda não tivemos tempo ou oportunidade de realizar nenhuma obra, nem ruim nem boa, o qual seria perfeitamente exato, se de fato a vida do potencial espiritual iniciasse com a do organismo que nasce à vida terrena; mas os efeitos devidos ao próprio potencial espiritual e a razão que não concebe um Deus injusto ou caprichoso, destroem absolutamente a ideia de que o espírito nasce com o corpo.

Em outro capítulo, demonstramos que o potencial espiritual pode agir sem necessidade do organismo material, como resulta dos fenômenos da anestesia e do sonambulismo e como foi

cientificamente constatado em outros fenômenos de ordem ainda mais transcendental, por um grande número de sábios, entre os quais destacam Wallace, Crookes, Lodge, Aksakof, Zöllner, De Rochas, Baraduc, etc.

Agora é a ocasião de nos perguntarmos: se a alma ou o potencial intelectual sobrevive ao corpo, o que se oporia a que ela continuasse atuando?

Se nos dissessem que isso é impossível, exigiríamos provas científicas ou simplesmente responderíamos com Arago "quem, fora da matemática pura, pronuncia a palavra *impossível*, faz um ato de imprudência".

O impossível é uma sentença da ignorância de que o tempo se encarrega de desvirtuar.

Quando o instrumento material do potencial espiritual se desintegra, nem por isso ele perde suas faculdades ou seu anseio intrínseco de progresso, como o homem sábio não perde seu talento porque quebrou sua caneta ou fica um escultor sem inspiração artística porque o buril quebrou.

Mas, dirão, de que maneira a alma buscará outro corpo e em que parte do Universo a procurará?

Não sabemos se um dia será possível responder cientificamente a tal pergunta, mas é muito lógico e justo supor que, como o potencial espiritual sobrevive ao corpo, ele deve continuar a agir até adquirir todo o conhecimento, para cuja aquisição ele precisa do envoltório humano.

Como já tivemos ocasião de declarar, as leis da natureza ainda não são todas conhecidas; mas da mesma maneira que pela observação dos efeitos, deduzimos qual foi a causa ou lei que presidia ao desenvolvimento dos fenômenos físicos e astronômicos, como a atração ou a gravitação, a eletricidade e a

força centrípeta e centrífuga, assim será possível para nós, por meio da investigação das faculdades do potencial espiritual e pelo estudo dos fenômenos psíquicos, encontrar a lei a que eles obedecem.

Para isso, é preciso nos valermos da faculdade essencial de nosso potencial: inteligência.

Usando inteligência e razão, nos convenceremos de que a desigualdade original das faculdades morais e intelectuais não é compatível com a equidade de Deus, como também não concordam com sua justiça os sofrimentos de criaturas inocentes que ainda não cometeram falta, nem chegarão a cometer por morrerem em tenra idade.

Agora, visto a desigualdade e o sofrimento serem fatos reais e constatados, como eles podem ser conciliados com a justiça e a sabedoria divinas?

O exame dos fenômenos da vida e o estudo das leis universais que a ciência tem conseguido constatar e definir revelam claramente a constante evolução progressiva de tudo o que existe.

Portanto, deve-se concordar em que, para não se subtrair a essas leis e para explicar o que parece contrário à justiça, a alma, isto é, o homem, está sujeito à lei da preexistência e, portanto, da reencarnação.

“Seria conveniente então demonstrar – dissemos com Santo Agostinho, no início deste capítulo – como as crianças podem sofrer tudo isso com justiça, sem serem elas próprias a causa, porque de maneira alguma podemos dizer que essas coisas acontecem sem que Deus tenha conhecimento, ou que Ele não possa resistir àqueles que as produzem, ou que Ele possa permitir ou fazê-las se não forem justas.”

Repetimos essas palavras, porque acreditamos ter demonstrado que a única coisa que pode provar a justiça daquilo que a Santo Agostinho perturbava a alma é a lei da reencarnação, que apenas responde à justiça e à equidade de Deus.

As objeções atendíveis que podem ser formuladas contra a teoria da preexistência, como já dissemos, são apenas duas.

A primeira é que a verdade dessa doutrina não é possível ser demonstrada experimentalmente.

A segunda estriba no seguinte: se já existimos antes e não temos disso memória, é a mesma coisa que se nunca tivéssemos existido.

A primeira, respondemos observando que nem todas as verdades podem ser baseadas em experimentos e provando que aquela baseada em fatos e na justiça divina não concebe outra solução.

Acreditamos que poucas palavras são suficientes para destacar o absurdo da segunda objeção. O que importa que não haja memória das causas iniciais, se os efeitos e a resultante permanecem e existem?

O homem não se lembra das primeiras palavras com as quais a mãe o ensinou a falar, nem das quedas que sofreu para aprender a andar, nem das primeiras letras com que borrou o papel para começar a escrever, mas não é menos verdade que, devido a esses princípios esquecidos ele fala, anda e escreve.

Aquele que, após muitos anos de constante luta atrás de fortuna ou glória, finalmente alcança o objetivo desejado, certamente não se lembra de todos os detalhes, de todas as horas gastas para chegar ao ponto em que está, mas não é por isso que esses detalhes e as horas esquecidas deixam de ter contribuído para o resultado final; e quem sabe se o incidente mais

insignificante não foi aquele mais necessário para que a marcha não fosse interrompida e não se malograsse o fim alcançado.

Ignoramos ainda se o espírito, quebrado o vínculo que o une à matéria, adquire a memória das jornadas mais importantes de sua vida espiritual. Estamos inclinados a acreditar que sim.

Acontece ao espírito o que acontece ao homem, que durante o sonho fisiológico esquece tudo ou, apenas lembra confusamente em seus devaneios alguns fatos de sua existência, mas que ao acordar recupera toda a integridade de sua memória, bastando apenas um esforço da vontade para recordar os acontecimentos mais culminantes de toda sua vida.

Cada existência, continuando com a comparação, seria para a alma uma noite de sua vida eterna, e cada morte do corpo seria seu despertar e seu retorno à memória de todo o passado.

Para tirar proveito da vida terrena, não precisamos da memória das anteriores, pois o homem não precisa se lembrar dos primeiros passos para continuar caminhando.

Ele não precisa dessa lembrança, e talvez esse esquecimento seja bom para nós, até chegarmos a um ponto em que, já seguros, possamos voltar a vista atrás e olhar nosso passado. Enquanto isso, apenas temos que olhar para a frente e caminhar como o viajante que quer escalar a montanha entrecortada por barrancos e abismos; quando se vê a salvo esquece, não volta atrás, apressa sua marcha e somente quando chega ao cume, lança um olhar ao caminho percorrido, para contemplar as dificuldades vencidas e se render depois ao descanso.

Não precisamos, então, da memória para nosso proveito; o esquecimento também não pode fazer com que o passado não exista ou não tirarmos vantagem ou sofrermos pelo resultante.

Que a terra não é nossa única pátria, que esta vida não é toda

a nossa vida, nossa própria alma nos diz, naquelas horas de profunda e inexplicável tristeza, quando parece vagar em um mundo não inteiramente desconhecido, em um mundo ao qual ela deseja voltar, quando eleva seus pensamentos ao céu, lembrando instintivamente que somos os "*desterrados* neste vale de lágrimas".

CAPÍTULO XI

Fé e progresso

*A verdade é um bem comum;
quem a possui a deve a seus irmãos.*

Bossuet

A alma, como tudo o que foi criado, é indestrutível; seu progresso indefinido é uma obra que ela faz em sua eterna evolução rumo à perfeição.

É isso que a razão e a ciência nos revelam.

A razão, porque não concebe efeito sem causa; e a ciência, porque descobrindo um a um os segredos arcanos da natureza, não distingue uma alteração nas leis que regem a harmonia do Universo, encontrando nele, bem como em cada um de nós, um potencial que se realiza na matéria, mas que não é produto da própria matéria.

Razão e ciência dão por resultado a verdade.

A verdade está no bem e o progresso no culto à verdade.

A verdade é uma só e é eterna.

Seu conhecimento completo nunca será adquirido porque,

sendo infinita, sua essência é confundida com a causa primeira de todas as coisas. Mas, embora infinita, pouco a pouco vai se revelando à humanidade. O tempo não a afeta, apenas a amplia e consolida.

Os séculos exigidos para que uma verdade seja conhecida nada significam: a eterna evolução, o tempo, é o *eterno agora*.

É dever de todos trabalhar para dissipar o erro e espalhar a verdade.

Ninguém tem o direito de proclamar que quem pensa de outra forma está errado; antes de anatematizar, é preciso demonstrar e convencer.

As verdades que as diferentes religiões contêm, desde a de Buda até a de Cristo, permaneceram intactas: todos os erros que as revestiam e falseavam desapareceram, mas a verdade não caiu.

Possuir a verdade não significa possuí-la inteira e absoluta; ela sempre pode ser ampliada e adquirida com mais força e mais brilho.

O catolicismo não pode ser, como pretende, o único depositário da verdade; admitindo que tudo o que ele ensina seja verdadeiro, não pode ousar argumentar que não resta mais nenhuma verdade por conhecer.

A católica, juntamente com todas as outras religiões, contém dogmas ou doutrinas contrárias à razão e à ciência e precisa de uma reforma radical para caminhar de acordo com o progresso.

Mas se a Igreja concordasse em se submeter a todas as reformas que a razão e a ciência lhe impõem, o que é que restaria do catolicismo?

Evolução para a sociedade significa progresso, mas para a Igreja significa desabamento e ruína.

Renegar de tudo o que proclamou como verdadeiro ontem,

ela não pode; continuar impondo essas crenças também não; o que poderá fazer então?

Tornar-se-á um partido político, reacionário, para abrigar sob o pretexto da religião e sob os auspícios do seu estandarte glorioso, a cruz, os poderosos, os destronados, os capitalistas ameaçados, a aristocracia sedenta de vingança, os burgueses egoístas temerosos do avanço do socialismo?

Aparentemente, essa é sua tendência atual: esse é o segredo do predomínio clerical que se espalha por toda a parte e que lisonjeando interesses ou ambições, apodera-se das famílias e pactua com governos. Assim, não é mais religião, exceto no nome e no aparato externo; o culto é apenas uma máscara; o catolicismo hoje transige com tudo em matéria religiosa; o verdadeiro católico, o santo e o eleito, não é mais aquele que cumpre os preceitos da Igreja, mas aquele que se declara clerical, que vota nos candidatos do *partido* e sufoca a voz da consciência diante da perspectiva do triunfo, que significa reação, guerra à liberdade, à igualdade e à fraternidade.

Irmãos em Cristo, sim; mas em direitos e interesses, não!

É essa a sua nova tendência?

Sua estratégia consiste em fazer política sob o pretexto de promover a religião?

Assim seja!

Lembramos a inscrição que se lê no obelisco da Praça de São Pedro em Roma:

Portae inferi non praevalent!

A de hoje é uma luta de ódios e invejas; nada resta na Igreja, da doutrina de seu divino fundador: "amai-vos uns aos outros".

Sob uma face diferente, volta-se à antiga contenda, aos Guelfos e Gibelinos, mas as pessoas não estão mais dispostas a

servir como instrumento e vítima.

Uma das objeções mais comuns, para combater a doutrina daqueles que acreditam que o progresso do homem tem seu fundamento no desenvolvimento paulatino e contínuo de sua liberdade, por meio da ciência e da razão, é aquela tão repetida que sem a religião não pode existir um verdadeiro progresso, e que a fé, e não a ciência, é a salvadora da humanidade.

Também nós acreditamos que a fé é necessária à humanidade, como causa primeira do progresso social, porém, não essa fé que não resiste à pesquisa racional e científica e está em contradição com as doutrinas de Cristo e as conquistas da humana inteligência; acreditamos que a fé deve ser a fusão do divino com o humano e que, como o fundador do cristianismo a personificou, deve ser baseada na igualdade absoluta de todos os homens diante do Pai comum.

Também não pretendemos sustentar que a ciência sabe tudo ou pode chegar a sabê-lo, mas estamos convencidos de que o progresso não pode basear-se em declarações político-religiosas dogmáticas.

Também estamos muito longe de pretender endeusar a razão, mas sustentamos que, embora ela seja muito limitada, nem por isso devemos admitir aquilo que ela está em condições de rejeitar como ruim ou absurdo, com base nos eternos princípios da justiça.

Que revelação poderia haver maior e mais positiva de Deus que a natureza? As crenças devem caminhar *de acordo* com ela, porque o destino moral da humanidade está ligado à ordem física.

A ciência sempre estudou e ainda estuda as leis da natureza e é ela que está dando-as a conhecer, e não a religião, que até ontem as desconheceu, embora hoje pretenda sancioná-las.

De resto, voltando ao catolicismo, em vão pretende ele que em suas fileiras reine a perfeita harmonia. A divisão já foi pronunciada, mais profunda do que em geral se acredita. A divisão acentua-se entre as igrejas católica, anglicana e norte-americana, que, sob a direção de seus eminentes bispos, querem que a igreja romana apoie o movimento científico e social liberal que se inicia, e entre os intransigentes e fanáticos que por ignorância ou egoísmo não querem se convencer de que é inútil resistir à corrente secular da civilização.

Qual dos dois irá triunfar?

Se os ultramontanos intransigentes vencerem, seu triunfo momentâneo será seguido por uma mais completa derrota; e se os liberais se sobrepuserem, o catolicismo passará por transformações tão radicais que nada restaria dele que não fosse o cristianismo.

Que isso aconteça, e nós também cantaremos naquele dia o *Christus imperat!*

Que esse dia chegue, e o justo e o verdadeiro permanecerá e o falso e o injusto afundará: despojada de postigos enfeites, a verdade eterna nos guiará com uma luz mais vívida pela trilha interminável do progresso.

Não nos assustem as múltiplas dificuldades que hoje se opõem à difusão da nova doutrina de igualdade na fé e solidariedade na vida universal.

A igualdade acabará triunfando da tirania e a fé do materialismo. Mas suas bases não serão força nem dogma: serão razão e ciência.

O mundo vai em frente!

O dever de todos é contribuir com o grão de areia para a construção do templo augusto que a humanidade está edificando

para a Verdade, desde as primeiras alvoradas de sua existência.

O materialismo, apoiando-se na ciência, tentou arruinar todas as crenças.

Será que ele fez errado?

Não: porque, percebendo tantos erros, tantas injustiças, proclamadas como verdade, ele pensou que fazia um bem pondo a perder todas as crenças religiosas, mas acabou acontecendo que a verdade cientificamente constatada brilhou com uma luz mais viva e pura.

Onde a ciência acreditava encontrar o nada, ele encontrou algo que, embora escapando à sua pesquisa experimental, dirige tudo; e assim como encontrou o potencial intelectual e espiritual do Universo, também em cada um de nós encontrou um princípio ou potencial de nossa individualidade.

Se o materialismo fosse a expressão da verdade, teria triunfado e, pouco a pouco, teria se espalhado pelo mundo; mas como continha em si um erro capital, por força de tanto investigar, a ciência que era a arma escolhida para aniquilar a religião é agora a arma com a qual ele mesmo se machuca.

O materialismo decaiu; mas aqueles que, em nome da fé, anatematizaram a razão, terão de reconhecer que fizeram algo errado em condená-la, pois, por *ela*, a ciência descobre erros, filhos da ignorância, do orgulho ou do fanatismo, e imprime seu indelével selo nas verdades que conquista.

A religião católica e todas as outras religiões indistintamente, confundiram o verdadeiro com o falso, o bom com o ruim, mas a humanidade chegou a entender isso; como espalhar a verdade, então? Como restabelecê-la para o bem e o progresso?

A garantia de que com esta não se acaba a nossa vida e de

que nosso presente é filho de nosso passado, germe e causa de nosso futuro, deve apontar uma nova direção para o indivíduo e a sociedade.

Mas como vulgarizar esse conhecimento, se a maioria dos homens não lida com ciência?

Como os homens seriam convencidos de que a alma existe, que o Deus da justiça e do amor existe?

O conde José de Maistre, autor da obra tão conhecida no mundo literário e religioso intitulada *Veladas de São Petersburgo*, publicada em 1821, era um escritor e estadista eminente, além de um católico fervoroso e sincero, muito apreciado por seus altos dons de intelecto e coração.

O trecho seguinte foi extraído da obra mencionada e o dedicamos indistintamente a todos os amantes da verdade, e aos católicos intransigentes em particular.

“E não venham nos dizer que tudo já foi dito e que não podemos esperar nada de novo. Certamente que para a nossa salvação nada nos falta, mas no que diz respeito ao conhecimento divino, é tanto ainda o que está faltando!

“E vejam bem, que para esperar futuras manifestações, eu tenho mil razões, enquanto vocês não tem uma sequer para me provar o contrário.

“O Judeu que cumpria a Lei, acaso não agia segundo a sua consciência?

“Eu poderia citar para vocês, nem sei quantas passagens da Bíblia que prometem para o sacrifício judaico e para o trono de Davi, uma duração igual à do Sol. O Judeu que cumpria literalmente, tinha todos os motivos para crer, até que se verificasse o acontecimento no reino temporal do Messias; no entanto, ele se enganava, como se viu depois; mas, sabemos acaso

que é o que está reservado para nós mesmos? Deus estará conosco até o fim dos séculos, os portões do inferno não prevalecerão contra a Igreja, etc. Muito bem! Mas será que por tudo isso Deus tenha se inibido a si mesmo de qualquer nova manifestação e não é mais dono de nos ensinar algo para além do que sabemos? É preciso confessar que essa maneira de raciocinar é bastante estranha.

“Uma nova manifestação do Espírito Santo, encontrando-se já na ordem das coisas mais racionalmente esperadas, exige que os pregadores deste novo dom da Providência possam citar as Escrituras a todos os povos, etc. etc. “

Despojada de qualquer mentira, superstição, ignorância e fanatismo, a ciência psíquica é a nova manifestação que, revelando-nos os segredos da Natureza, em sua relação com o potencial espiritual ou alma, prova-nos a existência desta e também a sua sobrevivência, destruindo a teoria materialista e lançando as bases da nova organização social religiosa.

Difundir esse conhecimento, baseado na ciência e não em revelações mais ou menos apócrifas, deve ser obrigação de todos os que amam a verdade e desejam sua propagação.

Essa revelação, que é nova apenas por sua constatação científica, generalizará e produzirá frutos de civilização e progresso.

Acontecerá com a doutrina que nos revela a indestrutibilidade de nosso *Ego* o que já aconteceu séculos atrás, com a teoria da rotação da Terra, que rejeitada e negada pela ignorância e pelo fanatismo em suas primeiras enunciações, mais tarde alcançou a universal aceitação.

A atividade progressiva do potencial espiritual, que dos princípios mais humildes, passando alternativamente da essência

à substância e da substância à essência, atinge uma altura tão sublime, que nossa mente em sua condição atual não sabe como conceber, não apenas baseada na observação científica que confirma a lei universal da evolução, mas também em uma coisa de que não se pode duvidar: a justiça de Deus.

Portanto, o verdadeiro amante da verdade deve tentar se convencer dela por seus próprios esforços, porque nada é tão contraproducente quanto pretender fazer prosélitos inconscientes ou fanáticos.

Por meio da razão e da ciência, a verdadeira religião será fundada com base em uma verdade constatada e não revelada.

Todas as religiões proclamam a imortalidade da alma, mas essa grande verdade foi, por elas mesmas, desfigurada com falsidades e erros chocantes.

Daí a razão esclarecida rejeitar a crença de que, da breve vida terrestre, dependa toda uma eternidade privada de maior progresso, limitada ao grau de adiantamento conquistado; ou então uma eternidade de punições contrárias à justiça e misericórdia de um Deus que, de uma existência efêmera, faz depender uma expiação eterna, sem esperanças de qualquer redenção.

A maioria humana, percebendo que as religiões não podem demonstrar a realidade de suas doutrinas, desconfia do suposto paraíso ou do terrível inferno em que a alma impalpável deve ser queimada, achando mais lógica a total aniquilação do homem no seio da sepultura.

Nenhuma religião reveste caracteres de verdade absoluta: é necessário, portanto, que a religião do futuro, em vez de se tornar juiz da ciência, se torne sua aliada e, somente então, a fé religiosa poderá desvirtuar a ideia materialista, que se espalha qual fruto

legítimo da falsidade dogmática e da mentira convencional, na qual é baseada a ordem social atual.

Chegou a hora de proclamar a verdade e a lei da solidariedade nos obriga a divulgá-la, de acordo com os meios disponíveis para nós.

À religião corresponderá, no futuro, a missão de difundir as verdades morais que emergem das descobertas da ciência; e seu dever será proclamar a correlação existente entre o aprimoramento espiritual e o progresso humano. Assim, o homem consciente de seu destino e responsabilidade, coadjuvará para a realização do progresso coletivo e infinito.

O progresso deve ser realizado dentro das leis da eterna justiça; no esquecimento de seus preceitos encontraremos a explicação dos grandes males que pairam sobre a humanidade; e nas próprias leis, encontraremos a salvação que somente o culto e a prática da verdade podem nos oferecer.

CAPÍTULO XII

Evolução

Venha a nós o teu reino.

Mateus, 6: 10

Como o Israelita, cativo no Egito, sob o jugo dos faraós suspirava, pensando na almejada terra prometida, a humanidade, como uma desterrada, levanta os olhos para o céu e suspira.

O homem que luta e sofre pede paz e justiça para todos os oprimidos e quer consegui-las à custa do que for, porque nelas deposita sua felicidade.

Paz e Justiça! Por acaso nós olhamos para o céu porque desesperamos de encontrá-las aqui na Terra?

Em seu caminho secular, a Humanidade, desde as primeiras etapas, veio lutando incansavelmente para triunfar sobre os obstáculos que a impediam de chegar à felicidade, sem conseguir jamais alcançá-la; mas cada geração que desaparece, ao preço do suor e do sangue, deixa para a sucessiva um obstáculo a menos para derrubar; e se ainda permanece algum resquício do mal, deixa também um ensinamento para combatê-lo ou conjurá-lo.

Assim, a infinita corrente do progresso vem sendo formada, e por ela e, com o tempo, os vínculos da solidariedade humana são cada vez mais fortalecidos.

Séculos após séculos se passaram e, qual peregrino eterno, o homem ainda não alcançou a terra prometida, a pátria da paz e da justiça, onde o descanso e a felicidade o aguardam.

Será que esse dia, pelo qual tanto suspira, nunca irá chegar?

Para poder apreciar uma região fértil e risonha, é necessário antes ter sofrido a tristeza e a solidão do deserto; para saborear as doçuras da paz, é preciso antes ter experimentado os horrores da guerra; para evitar a dor, é necessário ter conhecido o sofrimento; e para desfrutar o esplendor da luz, é preciso primeiro ter se desesperado no seio das trevas.

Para que o homem alcance a felicidade que lhe é reservada na Terra, ele deve primeiro estar bem ciente de tudo o que a ela se opõe e saber bem o que é essencial para alcançá-la.

A história do passado e a análise do futuro, baseada no estudo do presente, permitirão que ele saiba quais males deve combater e quais princípios deve admitir como absolutamente necessários para o verdadeiro bem-estar e progresso.

História, ciência e razão são os guias infalíveis que nos indicam e preparam o caminho.

A História, luz da verdade e mestra da vida, que condena aquele que os contemporâneos exaltaram por medo ou fanatismo, e que exalta aquele que por seus contemporâneos viu-se desconhecido ou envilecido, ao tempo que nos oferece o que os séculos transcorridos elaboraram de bom e de útil, ensina-nos que é nosso dever olhar à frente e, sufocando o egoísmo do presente, trabalhar para o futuro, porque o dia da sentença justiceira sempre chega.

Nosce te ipsum: conhecer a si mesmo – esse é o princípio da sabedoria – e conhecer a humanidade também é conhecer a si mesmo; eis por que a História é a mestra da vida.

A ciência também será nosso guia no caminho do progresso, porque o que ela selou é uma quantia a mais que aumenta o capital intelectual, cuja posse plena, a humanidade busca avidamente. Mas não a ciência oficial e dogmática, e sim aquela que, verdadeiramente digna desse nome, admite todas as hipóteses e não rejeita nenhum fato, sem ter verificado previamente seu erro ou falsidade.

A razão irá se unir com a história e com a ciência; não aquela razão que nega tudo o que está fora do seu alcance; mas aquela que entende que a razão humana é limitada e que, embora o homem tenha o direito de querer entender tudo, podem existir muitas coisas que ele não consegue abranger, porque, juntamente com todas as outras faculdades, a razão também se desenvolve, e chega, com o auxílio da ciência, a admitir como verdade o que antes havia rejeitado como absurdo.

E o que razão, ciência e história nos ensinam?

Elas nos ensinam que a humanidade desde a sua criação acreditou em Deus e na imortalidade da alma, e que sacerdotes de todas as épocas desfrutaram e exploraram essas crenças, como meio para dominar as consciências, monopolizando Deus para seu exclusivo proveito; elas nos ensinam que, apesar de se ter cometido crimes em nome da religião e de se ter abusado da fé singela, ela é tão necessária e imprescindível ao progresso humano, que a fé sempre se manteve em meio à ruína das civilizações ou à queda das nações, até o dia em que, sob a ameaça do materialismo cego, a ciência revela que a crença na imortalidade não foi nem é uma ilusão, mas uma realidade: sobre

essa revelação apoia-se a razão para proclamar a lei de justiça.

Esta lei de justiça é sintetizada na igualdade e na fraternidade; e os homens já começam a perceber que, se não se apoiar nessas bases, a sociedade cairá no abismo da violência e da rebelião.

O que hoje a razão aconselha, já foi pregado por outro homem dezenove séculos atrás, selando com seu sangue a doutrina que Ele ensinou.

A bondade, a excelência de uma doutrina tão sublime, hoje mais do que nunca se faz manifestada.

Igualdade! grita o deserdado; justiça! reclama o oprimido; fraternidade! os povos invocam.

A inteligência, auxiliada pela ciência, retirou da natureza tesouros e forças que conseguiu fazer escravas do homem, mas, ao empreender a distribuição da conquista comum, esquecendo a lei de justiça, prevaleceu o egoísmo e, por isso, apesar de todos os grandes avanços e progressos realizados, a humanidade em sua maioria sofre, reclama e se revolta.

A verdade nunca nasce ou morre: ela é eterna; e é por essa razão que a ideia *do puro socialismo cristão* volta, depois de dezenove séculos, a se apresentar àquele que observa e pensa, como a única salvação para aquele que sofre.

Teocracia e aristocracia em vão lutam desesperadamente para preservar seus domínios; as ideias democráticas se espalham entre os povos e a ideia se tornará carne, porque a democracia é puro cristianismo, que, aliado à ciência, restabelecerá o reino da paz, fonte de todo bem e progresso, porque a sublime doutrina de Cristo, é fundada sobre o amor universal.

Voltar ao cristianismo não é voltar atrás, porque o que é beleza e verdade em essência, não obedece às leis do tempo; tal

como é no princípio, sempre permanece sendo. É o que acontece com as criações sublimes da antiga escultura grega que ainda são modelos da arte, porque são a expressão da mais pura beleza.

O cristianismo não é um culto; é uma religião sem dogmas e sem sacerdócio. Seu único dogma é a caridade, e seus sacerdotes são os apóstolos que o pregam com a palavra e com o exemplo.

A experiência dos séculos demonstra claramente que todos os infortúnios que feriram a humanidade tiveram por causa uma transgressão aos eternos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade.

Utopias! Sublime doutrina em teoria, mas impossível na prática. É o que a generalidade diz quando ouve falar em *socialismo cristão – filosófico*.

Não existem tais utopias, nem tal impossibilidade, porque o que é verdade é prático e realizável, e detendo-nos um momento nesse ponto, não será difícil para nós demonstrá-lo.

A transformação para ser boa e duradoura deve ocorrer lentamente e deve vir do alto; instintivamente, as classes dirigentes começam a perceber o quão perigoso seria deixar o movimento começar nas classes deserdadas. As reformas que vêm do alto são comparáveis à torrente que desce do cume em seu canal estreito, e que, quando chega à planície, derrama-se fertilizando com sua frescura os campos sedentos; e as que vêm de baixo, lembram a maré que inunda ou arrasa tudo.

A constitucionalidade dos governos atuais foi gradualmente conquistada, devido à previsão da classe dominante e às demandas dos povos em sua progressiva civilização. Daí que o comando onímodo, o monopólio do poder, esteja desaparecendo, dando espaço para que o filho do povo possa fazer sua voz ser ouvida no mesmo recinto onde estão sentados os magnatas do

sobrenome e da riqueza.

O egoísmo ainda prevalece, é verdade; mas ninguém acredita mais na desigualdade das castas em virtude do nascimento: no fundo, na alma, sentimos que somos todos iguais e se a superioridade ainda é geralmente baseada na fortuna, não passará muito tempo para vermos apenas o mérito pessoal ser exaltado.

A sociedade está passando por um período de transição: o germe da igualdade pegou e, quando se desenvolver e enraizar, será uma planta gigantesca que, erguendo ao céu sua copa, abrigará a humanidade inteira sob seus galhos.

Apesar dos milhares de defeitos que ainda perturbam a sociedade, apesar do egoísmo e do fanatismo, a ideia de igualdade está na consciência universal e o sentimento do direito comum está sendo vulgarizado.

Será objetado que isso também tem seus inconvenientes; mas observaremos que eles desaparecem diante das vantagens que resultam da coalizão de todas as classes sociais e que, de um modo ou de outro, o que é bom e justo, em sua luta contra o que é mau e injusto, acabará por triunfar.

Não está longe o dia em que às leis humanas, que confirmam a igualdade da vida econômica e política, venha juntar-se o conhecimento de outras mais transcendentais que nos demonstrarão que, partindo de uma origem comum, todos estamos indo rumo a uma meta comum, sob a proteção de uma lei natural de justiça e de progresso, tão real e positiva, como a da própria evolução das espécies.

Essas leis fazem parte de nossa natureza espiritual e são a prova mais alta da existência da Divindade. A ciência as vai revelando, investigando, constatando e, finalmente, irá proclamá-las tão reais quanto aquelas que regem o movimento da matéria.

Magnetismo, sonambulismo, força psíquica e o espiritismo serão elevados à categoria de ciências positivas. Do progresso dessas investigações, resultará que a moralidade, a justiça são fatores da vida universal, como são o éter e oxigênio, porém, em um grau muito mais elevado.

A raça branca, Ariana ou Semítica, é a que marcha à frente do progresso e tem a missão de civilizar a humanidade, embora o total cumprimento de sua missão deva sinalizar o fim de seu predomínio. Essa raça, em toda a Europa exceto a Rússia, e nas duas Américas, proclamou a igualdade dos direitos do homem e a todos indistintamente concedeu a faculdade, senão de representar o Estado, pelo menos de ditar suas leis e governá-lo. É a mais solene aceitação da doutrina de Cristo e a proclamação e afirmação do seu divino preceito de fraternidade.

Os resultados benéficos que essa igualdade deveria produzir são, como já dissemos, momentaneamente neutralizados pelo egoísmo, que impele o homem a procurar para si mesmo todo tipo de satisfação mesmo à custa do bem-estar da maioria; mas o egoísmo é filho do materialismo e a doutrina materialista já está cientificamente minada em sua base.

Na vida da humanidade, os séculos devem ser tidos como breves dias, e se ainda é necessário muito tempo para que o preceito da fraternidade chegue a ser identificado com as leis da vida individual e coletiva, isso não significa a impossibilidade de seu definitivo triunfo.

Chegou o momento em que ao exclusivo avanço material e intelectual deve ser associado o desejo de progresso espiritual e moral; a palavra "cristianismo" retorna aos lábios daqueles que estudam a solução do árduo problema social; o sentimento de justiça está tocando a maioria que ainda está embaixo, e

preocupando a minoria que está no alto, mas como a minoria de hoje não será amanhã quem continuará a dominar, é do interesse de todos buscar a realização pacífica da igualdade.

O clero deve contribuir como o resto para a realização dessa evolução, voltando aos princípios proclamados nos Evangelhos; os estadistas devem contribuir, propondo a reforma das vetustas leis que provocam a reivindicação violenta de direitos que estão na consciência das massas; o sábio deve contribuir, vulgarizando a ciência para o bem geral; o capitalista deve se associar ao trabalho, dividindo os benefícios com o trabalhador; e todos, todos os homens de boa vontade, devem contribuir à grande obra do progresso.

Combater a miséria e a ignorância é a grande cruzada que os grandes homens do século XX devem fazer,¹⁶ cruzada que, se não conduzirá como as da Idade Média, à conquista do santo sepulcro, realizará outra muito mais preciosa, a do reinado de Cristo.

Com isso, não queremos dizer que a Terra deva se tornar um paraíso, cujos anjos seriam os homens; a vida é uma luta, porque assim exige o progresso, resultado da luta do bem e do mal, mas a soma dos males que nos afligem diminuirá até que chegue o dia em que o Bem irá dominar em absoluto sobre o Mal.

Esse dia irá chegar, quando todos os homens de boa vontade unam suas forças para a melhoria das massas. Os poucos que estão atualmente na brecha, se querem que seu trabalho dê frutos, devem constituir-se em núcleos com determinação e não recuar diante de qualquer sacrifício, pois é uma nobre missão a cumprir.

No próximo século, não serão os condutores dos povos aqueles que nasceram à sombra de um trono ou tenham

¹⁶ Lembramos ao leitor, que esta obra saiu à luz em sua primeira edição, no ano de 1897. (Nota do Digitalizador)

derramado ouro e sangue para alcançar o poder; e sim aqueles que realmente amam o progresso e querem fundá-lo com base na moralidade.

Quando a maioria perceber as vantagens que a virtude e a ciência têm sobre o egoísmo e o fanatismo, também terá chegado para a sociedade a hora de um governo justo e liberal, baseado na justiça e no aprimoramento coletivo. O verdadeiro governo democrático não dará satisfação à ambição pessoal, pois mais do que uma posição elevada para tirar proveito, ele será um sacrifício em favor de todos, com a satisfação própria do dever cumprido.

Quando a maioria, ciente do significado das palavras igualdade e fraternidade, almejar que lá das alturas da teoria elas desçam ao campo da prática, então a virtude e a ciência irão dominar sobre o egoísmo e a ignorância, porque os povos têm os governos que eles merecem.

Está na consciência de todos que já chegou a hora das reformas políticas e sociais; mas, como a igualdade, a liberdade e a justiça não são coisas que possam ser formadas e implantadas em um dia, é dever de todos olhar bem de frente para o futuro, para preparar o caminho para a transformação social e que esta se verifique em prudente e paulatina evolução e não através de agitação violenta e sangrentas sacudidas.

Assim um grande passo será dado no progresso evolutivo político-social.

Leis, costumes, comércio, indústrias, arte e literatura devem ir aos poucos mudando e se transformando, para ajudar insensivelmente à realização do novo estado social.

Felizmente, tudo agora tende a se revestir com um caráter mais humano e mais universal; e assim como já desapareceram quase completamente os antagonismos e ódios que antes dividiam

uma cidade de outra dentro da mesma nação; assim como foram sendo removidas as barreiras legais, que em razão de casta ou nascimento elevavam-se entre uma e outra classe da mesma sociedade; assim como o governo representativo e municipal substituiu o absoluto e o eclesiástico; do mesmo modo, os ressentimentos e ciúmes que ainda dividem uns povos de outros desaparecerão aos poucos, e o bem geral será mais forte do que o egoísmo.

As rivalidades não desaparecerão, cada cidade conservará seu tipo e suas tendências, ligadas ao clima, à topografia, à história e aos caracteres predominantes de cada raça; mas essas rivalidades serão apenas uma fonte de progresso; e essas desigualdades constituirão as diferentes notas a realçar a harmonia do conjunto.

Não são utopias, são coisas que todos sentimos ou pressentimos: muitos percebem a mudança que deve ser feita e tentam que ela ocorra o menos violentamente possível; e outros, quase instintivamente, tornam-se reformadores como se estivessem obedecendo ao instinto de conservação.

É indispensável uma reforma das leis sobre propriedade, impostos, educação, culto, procedimentos judiciários, comércio e trabalho. É necessário cuidar da atenção de crianças carentes, de trabalhadores vítimas de acidentes, de pessoas envelhecidas nas tarefas mais rudes sem ter conseguido economizar alguma coisa para seus últimos dias; e é necessário que o trabalho de crianças e mulheres seja regulamentado.

Será preciso irmos ainda mais longe: as leis internacionais serão reformadas, substituindo a declaração de guerra pela arbitragem; o desarmamento geral deve substituir a caríssima paz armada; e decretando a separação entre Igreja e Estado, o

Patronato será abolido.

Tudo deve ser feito a seu tempo, porque a justiça não é uma palavra simples ou um mito, mas uma força real, cuja evolução cíclica, embora desconhecida, é realizada com precisão fatal e irresistível.

A história prova isso.

Para progredir, não devemos nos fundar em nenhuma religião: elas são todas de origem humana. A religião de que a humanidade precisa é aquela que o Universo revela em suas leis: a solidariedade universal, fonte de igualdade e fraternidade, única revelação do Ser Supremo, porque nada mais é necessário para fundamentar solidamente o progresso em sua evolução indefinida.

Não nos fundemos em absoluto sobre a ciência, porque ela não sabe tudo; ela nos apresenta as verdades que já foi capaz de constatar, mas ignora aquelas que ainda restam por conhecer.

Vamos nos fundar acima de tudo, no preceito divino de Jesus:

"Amai-vos uns aos outros."

A existência do potencial espiritual e sua sobrevivência é um fato cientificamente comprovado e é nesse fato que o nosso comportamento individual e coletivo deve basear-se, sendo a causa dos avanços do passado e do futuro.

Repetimos, a alma e sua entidade independente do corpo são fatos comprovados, e aqueles que continuam a duvidar de sua intervenção nos fenômenos psíquicos, é porque se esquivam do estudo que lhes demonstraria essa verdade.

Por que acreditar que é impossível para a ciência descobrir fenômenos naturais, em um plano superior ao físico?

Se, em meados do século passado, alguém ousasse anunciar que tinha descoberto o modo de comunicar em poucos instantes

Paris com Roma, ninguém teria acreditado nele: o acadêmico teria observado que isso não era possível dentro das leis da natureza; o eclesiástico teria declarado que somente por intervenção diabólica tal coisa seria realizável; e o rico e astuto burguês, piscando o olho com ar de inteligência suprema, teria dito: o papai aqui ninguém engana.

Isso é o que teria acontecido há um século se alguém tivesse falado sobre vapor, telégrafo, fonógrafo, fotografia, etc., e é o que continua se repetindo com tudo o que vem do conhecimento adquirido pela ciência oficial: tudo o que diz respeito à vida de além-túmulo está nesse caso.

No entanto, sábios reconhecidos, servindo-se de instrumentos de matemática precisão para afastar a suspeita de uma alucinação inconsciente dos sentidos, constataram a realidade da vida ultraterrestre; mas, de maneira sistemática, eles são considerados entre o número de alucinados.

Não importa! Acontecerá amanhã, com esses *que têm olhos e não querem ver, ouvidos e não querem ouvir*, a mesma coisa que aconteceu com aqueles que no século passado raciocinavam ou discutiam como eles; e a posteridade terá um bom trabalho se quiser explicar tanto atraso ou obcecação.

No entanto, nem o mal nem a ignorância podem deter o impulso das boas ideias que, em todo sentido, levam ao progresso.

As leis serão modificadas, para se basearem na caridade e não na vingança. Como a solidariedade impõe, no criminoso, no pobre e em todo infeliz a humanidade reconhecerá um irmão que é conveniente corrigir e melhorar: um irmão caído, que com o trabalho recuperará a dignidade perdida, a confiança em si mesmo e nos outros.

Os códigos serão reformados, porque a humanidade também

está se reformando e tanto a pena de morte quanto a prisão ociosa e imoral desaparecerão dos povos civilizados. As heranças, obedecendo à mesma lei de justiça e de solidariedade, serão modificadas para que o capital seja distribuído *proporcionalmente* entre todos os que contribuíram para a sua formação. É necessário que a riqueza deixe de permanecer em poucas mãos, porque esse fato dificulta o progresso, dando como resultado que um proprietário retrógrado possa açambarcar extensões imensas de terras improdutivas.

Essas mesmas terras extensas, em vez de esperar sua valorização da pura especulação, uma vez gravadas com pesados impostos, mais elevados do que aqueles que afetam as terras cultivadas, buscarão sua valorização no arado ou no gado, sendo assim uma fonte de trabalho e riqueza para muitos.

Outras grandes extensões de terra pertencentes ao estado, que, devido à sua localização longe dos centros comerciais permanecem improdutivas, podem ser usadas para colônias penais, industriais e agrícolas, que irão substituir com imensa vantagem o atual sistema de celas e prisões, onde transformando o homem em um número, deixa-o privado de qualquer estímulo de reparo ou reabilitação.

O que ontem parecia uma utopia, agora é uma realidade e continuará a acontecer. Nos preceitos da fraternidade, que proclamados desde os tempos antigos por Krishna, Buda, Confúcio, Zoroastro, foram confirmados pelas palavras de Cristo, que mais ainda do que a lei da fraternidade proclamava a lei do amor, oculta-se o segredo do futuro, a chave que abrirá as portas do *reinado de Deus*, isto é, da paz, da justiça e da igualdade.

A religião do amor, selada com o sangue daquele que a pregou ao mundo, é a única solução apresentada ao homem, à

sociedade e à humanidade.

A lei de progresso, como vimos, é inalterável e eterna, e a explicação do segredo de sua inalterabilidade e eternidade é justamente o fato de se basear no preceito divino, do qual o cristianismo é a síntese mais perfeita que a humanidade possui.

Cristianismo e progresso. Eis a fórmula que sintetiza o caminhar e os objetivos das gerações humanas.

Por intuição, o homem, desde as mais remotas eras, vem percorrendo essa trilha e, portanto, a barbárie, cedendo à lei do amor, pouco a pouco tem se despojado de sua ferocidade e ignorância, que se dissipou com a luz da ciência.

E lá.... onde uma selva negra e densa, abrigava em suas cavernas o homem nu e armado com o machado de sílex, ergue-se mais tarde a grande metrópole, testemunha eloquente da lei do progresso.

Adiante! Vamos trabalhar duro, confiantes de que nosso é o futuro, porque a geração de ontem é a de hoje e será a do amanhã.

É longo o caminho que já percorremos e que tentamos esboçar um pouco nesta nossa obrinha, mas maior, muito maior ainda é o que nos resta para percorrer, porque, embora como ser criado o homem tem um princípio, seu progresso é ilimitado, sem que possa chegar à perfeição incriada que é Deus.

A verdade imperante sobre a mentira, a liberdade sobre a tirania, a igualdade sobre o egoísmo, o cristianismo aliado à ciência, triunfante de todas as superstições, é o que o futuro reserva para nós.

Tudo mudará quando todos estiverem convencidos de que a vida não se limita ao presente e que a lei da justiça é a lei da natureza, inseparável dela como a do progresso.

Evolução em tudo; sempre além, rumo a um fim cada vez

mais elevado. De nebulosa a sistema sideral, de instinto a inteligência, de homem a anjo, porque:

*..... Noi siam vermi,
nati á formar l'angelica farfalla.*

***“Nós somos vermes, nascidos
para formar a borboleta angelical.”***

Sim! Não há outro lema além deste:

Excelsior!

Este livro foi digitalizado pela Área de Internet da
Federação Espírita Espanhola

<https://espiritismo.es/>

Biografia de Felipe Senillosa em espanhol:

https://cursoespirita.com/felipe-senillosa-biografia/#Felipe_Senillosa_padre

